CPAD

Antonio Gilberto

Verdades ***Pentecostais***

Como obter e manter
um genuíno avivamento
pentecostal nos dias
de hoje

CPAD

Antonio Gilberto

Verdades ***Pentecostais***

Como obter e manter
um genuíno avivamento
pentecostal nos dias
de hoje

Verdades
Pentecostais

Antonio Gilberto

Verdades ***Pentecostais***

Como obter e manter um genuíno Avivamento Pentecostal nos dias de hoje

2ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2019

Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Revisão: Verônica Araujo e Ester Soares

Capa: Fábio Longo

Projeto gráfico e editoração: Joede Bezerra

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 230 - Cristianismo

ISBN: 978-85-263-1887-8

ISBN digital: 978-85-263-1966-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2019 (Nova Ortografia)

A P R E S E N T A Ç Ã O

Não Extingais o Espírito

A Palavra de Deus diz, em 2 Timóteo 1.13,14: “Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós”. Nesta passagem, Paulo, inspirado por Deus, instrui Timóteo a conservar o que recebera de Cristo, pelo poder do Espírito Santo.

Muitos crentes, em nossos dias, têm aversão ao adjetivo “conservador”, associando-o a práticas extremistas e ao que chamam de fanatismo. Contudo, para as igrejas da Ásia que estavam agradando ao Senhor Jesus, Ele transmitiu mensagens que implicavam manutenção, conservação do que haviam recebido do Alto: “Mas o que tendes retende-o até que eu venha”; “Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 2.25; 3.11).

Conservar não significa possuir uma falsa santidade, fazendo dos usos e costumes uma causa, e não um efeito. Como pode ser visto ao longo desta obra, a observância da sã doutrina leva-nos a ter santidade interna e externa, o que implica vida santa a partir do espírito (1 Ts 5.23) e manutenção dos bons costumes. Estes, pois, não devem gerar doutrinas, como vem acontecendo em algumas igrejas não legitimamente avivadas, para prejuízo de seus membros.

Ser conservador não é ser fanático, nem viver em completo isolamento, nem tão pouco opor-se a tudo o que é novo (Ec 7.16,17; Mt 5.14-16; 1 Ts 5.21). Deus, na verdade, nesses últimos dias, quer que conservemos o modelo das sãs palavras (Jo 14.23; Ap 1.3; 3.8; Sl 119.11), a santidade e a pureza (Ap 3.4), a boa

consciência (1 Tm 1.19; 3.9), a fé (2 Tm 4.7,8) e, sobretudo, o poder do Espírito Santo: “Não apagueis o Espírito” (1 Ts 5.19, ARA).

Nesta obra, o pastor Antonio Gilberto trata — com profundidade bíblica, experiência e, sobretudo, temor e tremor diante do Senhor — da necessidade de obtermos e conservamos o verdadeiro avivamento. Ele mostra que “o fogo não pode se apagar”, como a Palavra de Deus assevera em 1 Tessalonicenses 5.19.

É triste a situação das igrejas que têm apagado a chama do Espírito. Não quero, aqui, nesta breve apresentação, adiantar o que o autor descreve com clareza ímpar, porém desejo “preparar o caminho” para uma leitura meditativa. Reflitamos, pois, quanto à necessidade de um avivamento contínuo, a fim de mantermos o fogo ardendo continuamente sobre o altar.

Apesar do pouco número de páginas desta obra, o pastor Gilberto, à luz das Santas Escrituras, analisa com autoridade incontestável a multiforme obra do Espírito, abordando assuntos como:

• O batismo com o Espírito Santo.

• Os dons do Espírito Santo.

• O culto pentecostal com ordem e decência.

• As características do real avivamento.

• Os pecados que impedem o avivamento.

• As ministrações do Espírito ao crente.

• A evangelização no poder do Espírito.

• A renovação espiritual e a santificação do crente.

Verdades Pentecostais enfatiza que conservar o genuíno avivamento pode ser mais difícil do que conquistá-lo. Daí o autor incentivar os leitores a sempre dependerem do divino Ajudador. Mas, além da riqueza doutrinária contida nesta obra, ela também apresenta — ainda que de modo resumido — os principais avivamentos pentecostais ocorridos ao longo da história.

Que o Senhor continue abençoando o pastor Antonio Gilberto, um homem de Deus de verdade. Durante anos no exercício incansável do ministério do ensino que recebeu do Senhor, este mestre na Palavra tem ministrado sobre o verdadeiro avivamento, baseado no modelo apresentado nas páginas sagradas. Este livro reúne muito do que ele já escreveu e falou sobre o assunto.

O autor de Hebreus, ao falar de heróis da fé como Gideão, Samuel e Davi, disse: “Faltar-me-ia o tempo contando de...” (11.32). Parafraseando-o, concluo: Faltar-me-ia espaço e palavras discorrendo sobre a biografia de Antonio Gilberto, a quem o Senhor Jesus chamou e tem sustentado como um referencial para todos nós. Devemos olhar para Jesus, o autor e consumador da nossa fé (Hb 12.2), mas lembremo-nos de que Ele está em cada um de nós.

Glorifiquemos, pois, a Deus pela vida do estimado pastor Gilberto e por mais este valiosíssimo trabalho que, por sua instrumentalidade, chega às nossas mãos.

Ciro Sanches Zibordi

P R E F Á C I O

Verdades Pentecostais

No ano de 2006, comemorou-se em todo o mundo o centenário do atual Movimento Pentecostal, no qual situa-se a Assembleia de Deus. Que esta tão solene comemoração não se resuma num retrospecto apenas. Retrospecto este dos fatos e bênçãos maravilhosas que da parte de Deus marcaram aqueles dias, meses e anos, como veremos nos capítulos 2 e 3 desta obra.

A comemoração presta justas homenagens aos pioneiros do Movimento Pentecostal, que deixaram suas indeléveis marcas espirituais nos trabalhos que levantaram, em meio a muito sofrimento e necessidades.

Que esta comemoração centenária seja uma ocasião para todos nós e todas as nossas igrejas — numa firme determinação diante de Deus, com oração — mantermos a pureza doutrinária, bem como os princípios bíblicos e as verdades pentecostais que norteiam a Igreja e o seu caminhar, inclusive no que concerne à Pessoa, às operações e às ministrações do Espírito Santo, segundo as Escrituras.

O que São as Verdades Pentecostais?

O uso da expressão verdades pentecostais surgiu muito cedo no atual movimento pentecostal mundial. A referida expressão aparece nos periódicos, cruzadas evangelísticas, anúncios de estudos bíblicos e materiais de cursos dos primeiros tempos do atual derramamento do Espírito Santo, em que o Senhor Jesus

começou outra vez a batizar com o Espírito Santo, conceder seus gloriosos dons espirituais e operar sinais, maravilhas e prodígios no meio do seu povo pelo Espírito Santo, tudo segundo a doutrina, promessas e profecias da Palavra de Deus.

Embutidas na expressão verdades pentecostais estão as bênçãos celestiais que acompanham a salvação, como a busca, o recebimento e a conservação do batismo com o Espírito Santo, os dons espirituais, a operação de milagres portentosos, sonhos e visões da parte de Deus, hinos e cânticos espirituais, expulsão de demônios pelo poder do Senhor e inúmeras outras maravilhas da parte do Senhor ressurrecto. Assim sendo, o termo pentecostais na expressão em apreço não se refere primeiramente ao povo pentecostal, mas às verdades e realidades doutrinárias relacionadas diretamente à Pessoa do Espírito Santo, na sua multiplicidade de operações nesta dispensação da Igreja do Senhor.

Este autor conhece a expressão aqui em foco, há várias décadas, em livros-textos de cursos bíblicos implantados por denodados e consagrados missionários em cujos países tais cursos já eram ministrados para instrução básica doutrinária dos fiéis.

Abranger, nesta resumida obra, todo o escopo contido na aludida expressão é impraticável — isto é, tratar com mais pormenores da Pessoa do Espírito Santo na sua ação graciosa, salvífica, santificadora, miraculosa e transformadora.

Nesta obra, enfatizaremos, de modo panorâmico, a dinâmica do Espírito Santo através do elemento humano, que, pela maravilhosa e insondável graça de Deus, torna-se seu filho pela fé em Cristo e, ao mesmo tempo, seu servo por amor a Ele. Veremos, pois, inicialmente, as verdades pentecostais manifestas através da criatura como vaso utilizado pelo Espírito Santo.

A Conversão do Pecador pelo Espírito Santo

A conversão — ou o Novo Nascimento — é efetuada milagrosamente pelo Espírito Santo (Jo 3.5,8; 16.8). Trata-se de uma milagrosa transformação que Ele opera na alma, mas também na vida em geral da pessoa, que, arrependida de seus pecados, aceita Jesus como Salvador pessoal. A conversão é uma completa revolução espiritual em que a alegria do céu pelo perdão dos pecados e pela convicção da salvação flui como um poderoso caudal, para a glória de Deus, testemunhando do seu poder salvador e fortalecendo o novo crente, pois “a alegria do Senhor é a vossa força”, com disse o sacro escritor (Ne 8.10).

O Testemunho do Espírito Santo no Íntimo do Crente

É o testemunho da filiação do crente com Deus que o Espírito Santo dá, partindo do nosso ser interior; testemunho este vibrante, forte, definido, inequívoco, inconteste e diáfano, assegurando ao novo crente que agora ele é um filho de Deus, pela fé depositada em Jesus Cristo; ele nasceu de novo (Jo 3.6). É uma espécie de “certidão de nascimento espiritual”, como membro da família de Deus, dos domésticos da fé e cidadão do Reino de Deus. Esse testemunho, que só o Espírito Santo pode dar dentro do crente, é de valor inestimável para a sua confirmação, ânimo, entusiasmo e fortalecimento espiritual.

A Habitação Interior do Espírito Santo no Crente

Esta é uma realidade assombrosa para os santos de Deus do Novo Testamento. É uma nova ordem espiritual que experimenta a Igreja como Corpo de Cristo, conforme Jesus revelou em particular aos seus, após ressuscitar, quando assoprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22). O Espírito Santo na era da graça habita, pois, em pessoas salvas, que pertencem a

Cristo em espírito, alma e corpo (Jo 14.16,17; 1 Co 3.16; 1 Jo 4.13; Tg 4.5; Rm 8.9,11).

O Espírito Santo não habita em organizações, denominações, programações, edifícios e coisas similares. A habitação interior do Espírito o incrédulo jamais pode alcançar, nem desfrutar, por estar alienado de Deus pela incredulidade e impiedade (Jo 14.17). Não se trata de algo difícil, mas impossível para o descrente. Jesus afirmou: “O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber”. O incrédulo não pode usufruir tais bênçãos do evangelho por estar sem comunhão com Deus. Ele precisa pertencer ao povo salvo para experimentar a bênção deste testemunho.

O Fruto do Espírito Produzido no Crente

Estudando-se bem as passagens que tratam do Espírito, a partir de Gálatas 5.22,23 e Efésios 5.9, nota-se que esse fruto é o caráter de Cristo manifesto no crente, relativamente. Esta é outra das verdades pentecostais. Quanto às qualidades desse “fruto”, conforme Gálatas 5.22, o grande evangelista Dwight Moody disse que amor é uma alusão a esse fruto completo, do Espírito; pleno, maduro. A seguir, vem o fruto descrito no mesmo versículo.

Gozo é o amor obedecendo a Deus. O gozo vem da nossa obediência prestada ao Senhor; já a alegria vem da expectativa nas coisas do Senhor, como o salmista declarou: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do SENHOR!” (Sl 122.1).

Paz é o amor em repouso. Tudo está bem diante de Deus, a partir da consciência.

Longanimidade é o amor sofrendo. O amor de Deus faz-nos pacientes no sofrimento.

Benignidade é o amor se compadecendo. É o amor motivando o altruísmo.

Bondade é o amor servindo. É o amor em ação; atuando.

Fé é o amor confiando. Daí a fidelidade e a perseverança.

Mansidão é o amor suportando. É fortaleza para suportar o que for preciso.

Temperança é o amor controlando. É equilíbrio, moderação e autocontrole em tudo.

Esse “fruto” que o Espírito quer produzir no crente tem muito a ver com o testemunho de Cristo, manifesto no crente de acordo com o seu viver. A Igreja — que somos nós — foi chamada para dar esse testemunho de Cristo perante o mundo, mas um volumoso segmento dela tem seu testemunho fraco, a sua fé epidérmica e a sua espiritualidade superficial, devido ao predomínio do secularismo pernicioso nas igrejas. Daí o mundo é que dá seu “exemplo” a essas igrejas. Sem as obras da fé cristã diante do mundo, essa fé é morta diante de Deus.

A Santificação do Crente

▪

Esta é outra operação do Espírito Santo no espírito, na alma e no corpo do crente. O título principal do Espírito de Deus através do Novo Testamento — Espírito Santo — denota esta sua missão primacial: santificar um povo para Deus, para habitar com Ele.

Santificação é a obra poderosa e purificadora do Espírito no crente, libertando-o da escravidão da “lei do pecado e da morte” (Rm 8.2). “Lei” aqui fala de um princípio dominante, escravizador, referindo-se ao pecado. Outras referências para estudo: Romanos 1.4; 2 Tessalonicenses 2.13; e 1 Pedro 1.2,15,16.

É na área da santificação que o Diabo concentra os seus ataques de várias formas na vida do crente, pois ele sabe que uma igreja misturada com o fermento da maldade e da malícia perde a sua identidade como Igreja de Deus, já que o termo “igreja” encerra em si a ideia de separação da massa humana sem Deus, sem compromisso com a fé, com a doutrina, com a pureza espiritual.

O Batismo com o Espírito Santo

Esta é outra das sobre-excelentes verdades pentecostais. O batismo com o Espírito Santo é um revestimento de poder do alto, pela instrumentalidade do Espírito Santo, para o ingresso do crente numa vida de profunda adoração e de eficiente serviço para Deus (At 1.8; 2.1-4; Lc 24.49).

Muitos pensam e até ensinam que a nossa conversão é o batismo com o Espírito Santo. Se esse raciocínio fosse correto, o que foi que os discípulos, já salvos, receberam no dia de Pentecostes? Esse glorioso derramamento de poder do alto é chamado na Bíblia de “batismo” (At 1.5; 2.16-18; Mt 3.11). Em todo batismo estão presentes três condições: o candidato ao batismo, o batizador e o elemento em que o candidato é imerso.

Nesse batismo espiritual de que estamos tratando, o candidato é o crente; o batizador, o Senhor Jesus; e o elemento ou meio em que o candidato é imerso, o Espírito Santo. Há muita diferença entre ser cheio do Espírito Santo e ser batizado com Ele. Um vaso pode estar cheio dágua e não estar “batizado” ou imerso nela (cf. Dt 34.9; Mq 3.8; Lc 1.67).

Os Dons do Espírito Santo

Esses maravilhosos dons são dotações especiais e sobrenaturais de capacidade divina na pessoa humana para serviço especial para Deus, na execução dos seus propósitos através da Igreja. Em resumo: são manifestações sobrenaturais da graça de Deus (Rm 12.6). Duas das passagens principais sobre os dons são 1 Coríntios 12.1-10,28,29 e Romanos 12.6-8.

Quatro objetivos desses dons são:

• A glorificação do Senhor Jesus (Jo 16.14; 1 Co 12.3).

• A confirmação da Palavra de Deus anunciada (Mc 16.17-20; Hb 2.4).

• O avanço poderoso, irresistível e conquistador do evangelho e da obra missionária — como se vê no livro de Atos.

• A edificação da Igreja como um corpo (1 Co 14.12).

A Intercessão do Espírito Santo

O Espírito Santo, que no crente habita, intercede perante o Pai pelos salvos (Rm 8.26,27; Zc 12.10). O crente tem ainda um divino intercessor perante a face do Pai — o Senhor Jesus (1 Jo 2.1; Hb 9.24; Lc 22.32). A oração movida e energizada pelo Espírito Santo é, na vida do crente, um poderoso elemento e ministério de alcance ilimitado na expansão do reino de Deus entre os homens. A Bíblia nos fala do crente orar “no Espírito” (Ef 6.18; Jd v.20). Esta é, pois, um das sublimes verdades pentecostais.

O Espírito Santo na Adoração a Deus

O Espírito Santo quer suscitar e conduzir o genuíno louvor e adoração a Deus na Igreja. Hoje, o que muitos chamam de louvor e adoração a Deus não é outra coisa, senão passatempo, show e programação humana sem qualquer aceitação diante de Deus. Em Efésios 5.19 e Colossenses 3.16, a expressão “salmos, hinos e cânticos espirituais” refere-se a esses elementos do louvor e da adoração a Deus, mas gerados, inspirados e motivados pelo Espírito Santo.

Louvor é o ato, a execução de um número musical através de vozes, atitudes, instrumentos. Adoração vem da comunhão com Deus, da alma por Ele remida — é render-se inteiramente a Deus como seu filho, como seu servo, como sua criatura ante o seu Criador, que é também o seu Redentor. A adoração inclui o louvor, mas nem todo louvor é adoração no sentido estritamente bíblico.

Quais os principais elementos que caracterizam um cântico ou peça musical como louvor e adoração ao Senhor, como realmente sacros? O hino tem mensagem bíblica ou base na Bíblia? É biblicamente ortodoxo nos seus

conceitos e conteúdo? É de autor realmente cristão? É devocional? É apenas uma peça lírica, poética, artística? Apenas expressa sentimentos da alma do autor? Ele fala à alma do crente e do descrente? Ele desperta, comove, conforta, ensina e eleva à presença de Deus? É ele, ainda, condizente com a dignidade e a santidade do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo?

A música inspirada e ungida pelo Espírito Santo tem mensagem bíblica ao coração, aguça a meditação nas coisas do céu, abre o coração fechado e eleva-o a Deus, inspira-nos à devoção a Deus, isto é, aproxima a alma dEle, fortalece a nossa fé nEle, faz a alma prorromper em gratidão a Ele, desperta a consciência quanto ao pecado, transmite uma mensagem evangélica ao pecador e ao crente, gera um profundo desejo em nós de maior consagração e santificação, glorifica somente a Deus, afugenta a tristeza e acalma o espírito abatido e perturbado, consola e fortalece, alegra e entusiasma, bem como liberta do mal.

É este tipo de música que estaremos tocando, cantando e ouvindo quando Jesus vier?

Manifestações Sobrenaturais do Espírito

Sonhos, visões e revelações dados diretamente pelo Espírito (At 2.17; Jl 2.28; At 10.10-16; 2 Co 12.1-4). Estes também são das muitas verdades pentecostais. São obras de poder do Espírito Santo — maravilhas, prodígios, sinais, inclusive curas, expulsão de demônios, libertação de oprimidos (Rm 15.19; Mt 12.28; At 10.38).

A Transformação do Crente à Imagem de Cristo

Essa transformação está descrita em 2 Coríntios 3.18 como obra do Espírito Santo no crente. Ela se dá à medida que o crente dedica-se mais e mais a Deus. É, portanto, progressiva — “de glória em glória”. Ela vem pela influência poderosa, sobrenatural, santificadora do Espírito Santo na natureza do crente como filho de Deus. Aliás, o termo “glória” predomina em todo o contexto da passagem de 2 Coríntios 3.18, se recuarmos até ao versículo 7 (cerca de onze vezes).

Todas essas e outras sublimes verdades pentecostais que apresentaremos nesta obra são parte do glorioso “ministério do Espírito”, como está escrito em 2 Coríntios 3.8: “Como não será de maior glória o ministério do Espírito?”

Antonio Gilberto

S U M Á R I O

Apresentação

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 A Divindade e a Personalidade do Espírito

Capítulo 2 Avivamentos através da História

Capítulo 3 O Movimento Pentecostal no Brasil.

Capítulo 4 O Batismo com o Espírito Santo

Capítulo 5 Os Dons do Espírito Santo.

Capítulo 6 Culto ao Senhor com Ordem e Decência

Capítulo 7 Características de um Real Avivamento

Capítulo 8 Pecados contra o Espírito Santo

Capítulo 9 O Modelo do Verdadeiro Pentecostes

Capítulo 10 As Ministrações do Espírito ao Crente

Capítulo 11 O Avivamento e a Obra Missionária

Capítulo 12 Conservando o Avivamento

Capítulo 13 Renovação Espiritual

Capítulo 14 A Santificação do Crente

Capítulo 15 Avivados para o Arrebatamento

Bibliografia

I N T R O D U Ç Ã O

O Avivamento Contínuo da Igreja

Avivamento espiritual — ou reavivamento — é uma intervenção divina na vida da Igreja, onde e quando Deus quer, em resposta ao clamor do seu povo (2 Cr 7.14; Hc 3.2; At 1.14). Nesta introdução, trataremos do assunto, tomando como base inicialmente a situação da igreja decadente de Laodiceia e a solução que Jesus lhe apresentou (Ap 3.14-22).

A Igreja de Laodiceia

Laodiceia era uma cidade rica e soberba, da província romana da Ásia — hoje, Turquia. A cidade ficava à beira da importante estrada que ligava a costa do mar Egeu ao interior da Ásia Menor. Tinha comércio volumoso, grande centro bancário, famosa indústria de lã escura, fábrica de roupa e tapeçaria, além de indústria de corantes para tingimento de tecidos. Tinha, ainda, uma famosa escola de medicina, onde era produzido o também famoso Pó Frígio, que, adicionado à água, se convertia em colírio para os olhos.

A igreja de Laodiceia deve ter sido fundada durante os dois anos de trabalho missionário de Paulo e seu grupo de obreiros naquela região da Ásia Menor (At 19.10). Epafras, um pastor de Colossos, cidade próxima, pode ter sido o fundador da igreja, pelo que dá a entender o texto de Colossenses 4.12,13.

Profeticamente, Laodiceia figura a igreja dos “tempos trabalhosos” que

procedem a volta de Cristo (2 Tm 3.1-9). O nome “Laodiceia” é composto, que, numa tradução livre, significa “direitos humanos”; “o povo no comando”; “democracia”. Os direitos de Cristo são ignorados — ignorados pelo crente e pela Igreja. Biblicamente, a Igreja deve ser teocrática: “minha igreja”, diz o Senhor (Mt 16.18; Is 43.1).

A igreja de Laodiceia era material e socialmente próspera por situar-se numa cidade muito rica, como vimos. A Bíblia e a história mostram que quase sempre, quando um povo, uma família ou um indivíduo prosperam de modo crescente na vida, costumam dar as costas para Deus e ignorá-lo, para a sua própria infelicidade. Israel — sob o título poético de Jesurum — fez isso. “E, engordando-se Jesurum, deu coices; engordaste; engrossaste, e de gordura te cobriste; e deixou a Deus que o fez, e desprezou a Rocha da sua salvação” (Dt 32.15).

Laodiceia também agiu da mesma maneira. Por isso, neste particular, a Palavra de Deus adverte a todos: “se as vossas riquezas aumentam, não ponhais nelas o coração” (Sl 62.10). E ainda: “o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores” (1 Tm 6.10). Leia também: Jeremias 17.11; Lucas 12.15,20,21; Deuteronômio 6.11,12; 8.10-14; 1 Timóteo 6.6-10.

O Caráter de Cristo

Em Apocalipse 3.14, Cristo chama-se a si mesmo de “o Amém”; esta passagem correlaciona-se com 2 Coríntios 1.20. Ele, pois, se identifica como Deus, que é também assim chamado (Is 65.16). O termo “amém” significa, nas línguas bíblicas, “firmeza, certeza, estabilidade, imutabilidade”, e daí “verdade”, no sentido absoluto.

Ao declarar “Eu sou a verdade”, Jesus usou a palavra “amém”, nos Evangelhos — a expressão “em verdade, em verdade”, tão empregada por Ele, sobretudo em João, é, no original: “amém, amém”, indicando certeza absoluta. Há através da Bíblia muitos casos do termo original “amém”, o qual é traduzido por termos equivalentes nas línguas modernas, conforme o contexto da passagem bíblica.

A igreja que, à semelhança de Laodiceia, descuidar-se da vida espiritual, esfriará e perderá o avivamento bíblico, acomodando-se e acostumando-se, sem notar, a um extenso catálogo de males, pecados e práticas (Ap 3.15-18), que, por fim, destruirão a sua identidade como Igreja de Deus. “Tens nome de que vives e estás morto” (v. 1), disse o Senhor a outra igreja, a de Sardes. Ao revelar-se à igreja em Laodiceia como “o Amém”, Ele, de modo flagrante, expôs por contraste a vida cristã nominal dos crentes dali (vv. 15-20). Ao mesmo tempo, Jesus como “o Amém”, reafirma que é sempre o mesmo em seu amor, graça, misericórdia e perdão.

Cristo é a testemunha fiel e verdadeira — e este título é uma extensão do sentido do nome divino Amém. Ele veio a este mundo para dar o perfeito testemunho da Verdade (Jo 18.37). Numa igreja avivada pelo Espírito, o testemunho de Jesus é manifesto e notório de muitas maneiras. Já numa igreja distanciada de Cristo, nada há que atraia pecadores para a salvação, pois torna-se um contradição.

Mas Cristo apresenta-se a Laodiceia ainda como “o princípio da criação de Deus”. Isto é, Ele é a fonte, a origem, a razão de ser de tudo o que existe — o Criador (Jo 1.3; Cl 1.16). Esta preeminência de Cristo é uma reprimenda ao orgulho dos laodicenses de então e de hoje. É também uma maneira graciosa de o Senhor Jesus assegurar a uma igreja falida, como Laodiceia, que Ele pode recriar e fazer novas todas as coisas (Ap 21.5; Jó 14.7-9).

Os arianos (discípulos de Ário), do século III, partindo dessa revelação de Jesus, de que Ele é “o princípio da criação”, forjaram falsas doutrinas e ensinaram que o Senhor Jesus foi o primeiro ser criado, o que é uma inominável heresia. É o

mal da interpretação deturpada das Santas Escrituras, como somos advertidos, em 2 Pedro 1.20: “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”.

O Proceder Dúbio dos Laodicenses

Jesus disse a Laodiceia: “eu sei as tuas obras” (Ap 3.15). Antes da conversão, as obras são nulas para Deus (Ef 2.8,9; Tt 3.5), porém, como efeito da salvação, são agradáveis a Ele (Ef 2.10; Tt 3.8; Mt 5.16; Ap 14.13). O Senhor sabia tudo o que os crentes laodicenses estavam a praticar, a começar do seu pastor (Ap 3.14).

Não há qualquer elogio do Senhor à igreja de Laodiceia, o que igualmente ocorreu com Sardes — excetuando-se “algumas pessoas que não contaminaram suas vestes” (Ap 3.1,4). Laodiceia não foi pelo Senhor censurada por heresia, facções ou imoralidade. O problema foi o mesmo de inúmeros crentes da atualidade: autojustiça, indolência, duplicidade religiosa (hipocrisia; viver de aparências), transigência com o erro, além de autoengano: “e não sabes que és...” (Ap 3.16,17).

Laodiceia era uma igreja espiritualmente morna: nem fria, nem quente; a igreja que agrada a todos. Prevalecia ali a duplicidade religiosa. Era deplorável o seu estado espiritual. É evidente que ela era morna porque o seu pastor, o “anjo da igreja”, era morno. O rebanho até certo ponto é o reflexo do seu pastor, do seu dirigente.

Mornidão fala de duplicidade, hipocrisia, fingimento — coisa que Deus abomina. É aparentar ser uma coisa, sendo outra. “Aborreço a duplicidade”, diz a Palavra de Deus (Sl 119.113; 12.2). Que duplicidade é esta? A de coração (Tg 1.8; 4.8); de ânimo (1 Tm 3.8); de linguagem (Pv 17.20); de “senhores” (Mt 6.24). Por isso, Jesus disse: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não” (Mt 5.37).

A Condição Final de Laodiceia

As palavras finais de Jesus àqueles crentes — que diziam: “De nada tenho falta” — foram de fato contundentes: “és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu” (Ap 3.17). Miserável porque aquela igreja perdera o que tinha; desgraçada por estar arruinada; pobre por ter regredido; cega por estar em trevas; e nua porque não andava em retidão. Vestes, nas Escrituras, simbolizam justiça (Sl 132.9; Is 61.10; Ap 19.8).

Laodiceia considerava-se autossuficiente: “de nada tenho falta” (Ap 3.17), isto é, “não necessito de nada”. Este é o princípio da nossa queda, quando ficamos inativos quanto à busca da face do Senhor para recebermos mais da sua graça, do seu poder; mais sabedoria, mais humildade, mais santidade. O crente avivado em Deus nunca está satisfeito, no sentido de não precisar de nada mais das coisas do Senhor. Jesus disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Mt 5.6). Em Laodiceia, que diferença! Eram “desgraçados”.

Em resumo, o estado da vida espiritual daquela igreja era deplorável. A autoconfiança e a autossuficiência desastrosas dos crentes dali contribuíram para que eles fossem impedidos de conhecer os males e estragos que as tais atitudes lhes causavam. Qual seria a solução para a igreja de Laodiceia?

Cristo, o Conselheiro

Uma igreja como Laodiceia, sem Cristo (Ap 3.20), humanista, agonizante, sem luz — portanto, sem rumo — e sem santidade pode, ainda, obter em Cristo tudo o que perdeu ao deixá-lo? Sim, se o bom, sábio e santo conselho da parte do

Senhor for acatado e posto em prática. E, em Apocalipse 3.18,19, está registrado um conselho do divino Conselheiro (Is 9.6) para a Laodiceia de ontem e de hoje.

Como veremos nos capítulos 2 e 3, os anos de 1850 a 1900, que precederam o início do atual Movimento Pentecostal mundial (do qual a Assembleia de Deus é o maior componente), foram muito difíceis para a igreja cristã. Foi um período de declínio espiritual, de acirradas e vazias disputas teológicas, de enfraquecimento na fé cristã, de cristianismo formal, de descrença e mesmo rejeição do sobrenatural, de mutilação das Sagradas Escrituras, de profissionalismo ministerial e de conformismo à frieza espiritual.

Ao mesmo tempo, em diferentes pontos do globo, pequenos grupos de homens e mulheres movidos por Deus, confessando os seus pecados com profundo arrependimento, clamavam a Deus em oração e jejum por um avivamento em santidade, de busca da Palavra de Deus e de derramamento de poder do Espírito Santo para reavivar a igreja. Esta, naqueles dias, salvo as exceções, tornara-se uma organização, em vez de um organismo divino na terra, como o corpo místico de Cristo, pleno de vida, poder, ação e testemunho.

O “ouro provado no fogo” que Laodiceia foi advertida a comprar (isto é, adquirir) trata-se da fé em Cristo (1 Pe 1.7). Essa fé não é apenas necessária à vida cristã; ela é vital, essencial, pois “o justo viverá da fé” (Rm 1.17). O profeta do avivamento, Habacuque, já apregoara esta verdade (Hc 2.4). Sem fé não há relacionamento com Deus (Hb 11.6).

Jesus também aconselhou aquela igreja a adquirir “vestes brancas” e ungir os olhos com “colírio”. Os “vestidos brancos” falam de justiça e santidade, dois aspectos de um só assunto — justiça é a santidade vista do lado humano, visível; já a santidade é esse estado visto do ponto de vista de Deus (cf. Ap 19.8; 2 Co 5.21; Fp 3.9). Quanto ao “colírio”, trata-se de uma referência à restauração da visão espiritual que vem pelo Espírito.

Mensagem Final a Laodiceia

Em Apocalipse 3.19-22, vemos as últimas palavras de Jesus a Laodiceia. Disse Ele àquela igreja: “Eu repreendo e castigo...” (v. 19). Castigo não é o mesmo que punição, pois visa à correção (Pv 15.31). O aço tão forte e útil é fabricado através do fogo. O ouro, para a sua purificação, também depende do fogo. As operações são diferentes, mas o fogo é um só. O mesmo pode ocorrer a uma igreja desobediente como Laodiceia.

O Senhor também disse àquela igreja: “Arrepende-te” (v. 19). E não há arrependimento sincero sem haver mudança. Arrepender-se é voltar para Deus (Mt 21.29). O incrédulo se arrepende diante de Deus para a salvação, enquanto o crente arrepende-se para endireitar a sua vida com Deus. Esse arrependimento é precedido de “tristeza segundo Deus” (2 Co 7.10).

No versículo 20, está escrito: “estou à porta e bato”. Devido ao seu conteúdo e às promessas nelas contidas, esta é uma das passagens mais amadas, confortantes e citadas da Bíblia. Aqui temos a cena mais triste e, ao mesmo tempo, a mais comovente do mundo! Cristo do lado de fora, rejeitado por sua igreja — isto é, pelos crentes — e ansioso para entrar.

Jesus tem sofrido uma expulsão tríplice: da nação de Israel, pela rejeição dos israelitas; do mundo em geral, pela crucificação; e expulso também da igreja, pela insatisfação dos crentes, pelo humanismo, pelo mundanismo, pelo modernismo. Mesmo assim, vemos, nos versículos 19 e 20, o seu insondável amor por sua igreja!

O Senhor disse: “se alguém” (v. 20). Ele não se dirigiu à igreja como um todo,

mas a cada um individualmente: “alguém”. Nada é compulsório da parte dEle, que não força a conversão do incrédulo, nem a reconciliação do desviado. Ele aguarda com paciência, pois somente o dono da casa pode abrir-lhe a porta do coração. Jesus pode abrir o coração, mas não a sua porta (At 16.14).

Como Deus fala conosco! Para se ter uma ideia disso, leia Jó 33.14-22. Ele fala “de muitas maneiras” (Hb 1.1). Fala por sua Palavra; pela consciência; pelo seu Espírito; por circunstâncias; por seus mensageiros; por profecia; por sonhos; por visões e revelações, por sofrimentos; pela natureza, etc. Que sempre ouçamos a sua voz (v. 20).

Há uma grandiosa promessa aos vencedores: “ao que vencer” (v. 21). A vida verdadeiramente cristã está situada num campo de batalha contra as forças do mal. Brincar de religião, de ser crente e de igreja é comprometer o próprio destino eterno. A promessa feita à igreja de Laodiceia, de assentar-se com Ele no seu trono, é a maior dentre as sete igrejas mencionadas em Apocalipse. Graça maravilhosa! É assim o amor de Deus: infinito, insondável, inacabável, indizível, imensurável, inexplicável!

Mas observe que essa promessa se estende a todos os vencedores em Cristo, visto que Ele disse: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22), e não a uma igreja apenas. Todas as promessas dirigidas àquelas igrejas da Ásia também se destinam às igrejas de hoje. E não é primeiramente o que o pregador diz por si mesmo, mas o que o “Espírito diz” por meio do pregador.

Por que Precisamos de Avivamento Contínuo

Uma igreja sem renovação espiritual constante cai na rotina, isto é, fica parada no tempo, no espaço e no trabalho. Ela pode até trabalhar, mas não avança, não

progride, porque algum fruto que surja é destruído pelas contendas, inveja, ganância, desunião e outras obras da carne. Tal igreja não resiste, nem supera as rápidas mutações de comportamento da sociedade ímpia ao seu redor.

Tal igreja, ainda, perde a guerra espiritual contra a “carne” e as potestades do mal (Gl 3.3; 5.17; 1 Co 3.1-4; Rm 7.14-24; Ef 6.12). O crente regenerado pelo Espírito Santo precisa também manter-se renovado pelo mesmo Espírito Santo (Tt 3.5; 2 Co 4.16). O avivamento espiritual não é só ter o fogo e o calor (fervor) do Espírito Santo; é preciso continuar a avivar a chama do fogo espiritual (2 Tm 1.6 — lit., “aviva de novo a chama viva do fogo”).

Mahatma Ghandi, da Índia, há alguns anos, recebeu um grupo de cristãos “contextualizados”, que foram visitá-lo com o objetivo de lhe pregarem a mensagem de Cristo. Ele, então, lhes respondeu: “Eu admiro, acato e aceito o Cristo dos Evangelhos, mas não aceito esse cristianismo de vocês”.

As palavras do evangelista Billy Grahan, sem seu sermão, no dia 14 de setembro de 2001, três dias após os atentados terroristas contra os Estados Unidos: “Prostemo-nos perante Deus, humilhados, contritos, arrependidos, confessando os nossos pecados como cristãos, para que venha sobre nós um avivamento celestial”.

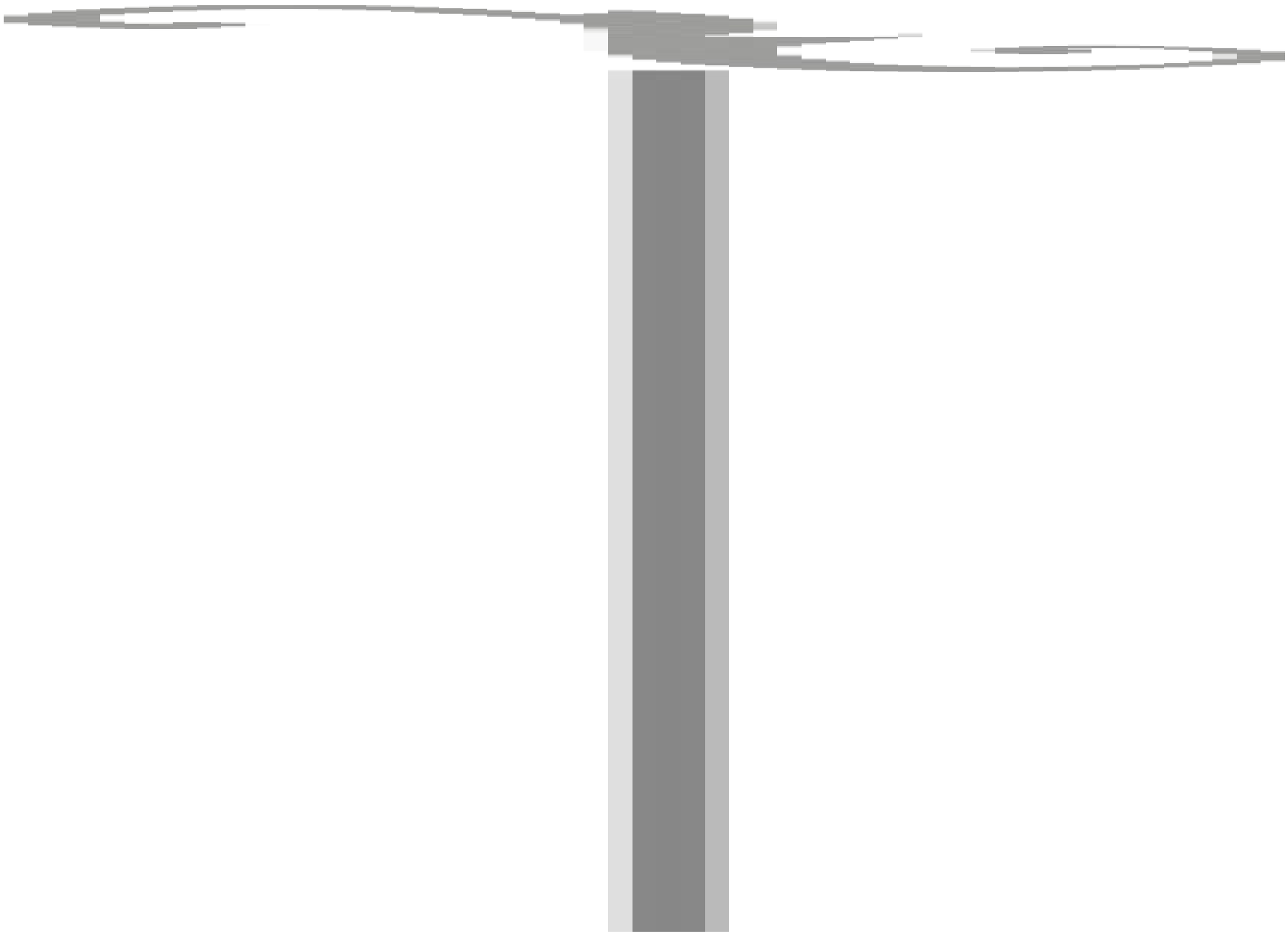
Precisamos de avivamento contínuo da parte do Senhor, para que sejamos vencedores. Por isso, ao longo desta obra, trataremos das características de um real e contínuo avivamento, capaz de restringir, deter e neutralizar na Igreja a atual avalanche de secularismo, de mundanismo, de comodismo, de conformismo, de transigência com o erro, com o pecado e com o mal.

Preparemos, pois, “o caminho do Senhor” para o avivamento — ou reavivamento — celestial, como proclamou João Batista (Jo 3.3).

C A P Í T U L O

1

A D IVINDADE E A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO



Neste primeiro capítulo discorreremos sobre o Espírito Santo no tocante à sua natureza divina. Acerquemo-nos deste sublime assunto com reverência e santo temor e com oração, tendo em mente que se trata de um assunto assaz difícil, pois o Espírito Santo não fala de si mesmo, como disse Jesus (Jo 16.13). Trata-se do insondável mistério da santíssima Trindade, do qual devemos nos acercar primeiramente pela fé em Cristo; “a lei da fé” (Rm 3.27).

O eterno Deus, o Pai, revela muito de si mesmo na Bíblia, e de igual modo o Filho, mas o Espírito Santo, não. Outrossim, Ele não aparece com nomes revelados, como o Pai e o Filho aparecem, e sim com títulos descritivos da sua natureza e missão no mundo, entre os homens, bem como através de seus atos realizados. Espírito Santo, por exemplo, não é rigorosamente um nome como apelativo, e sim um título descritivo da sua natureza (“Espírito”) e da sua missão principal nesta dispensação da igreja (“Santo”), isto é, santificar-nos.

Além disso, Ele habita em nós. As suas operações, portanto, são invisíveis, nas profundezas do nosso interior. Todos esses fatos que mencionamos tornam o estudo sobre o Espírito Santo muito difícil. Cabe aqui a pergunta mencionada no livro de Jó: “Porventura alcançarás os caminhos de Deus, ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?” (11.7)

Demonstração de Poder do Espírito

É do Espírito Santo que flui a vida, bem como o poder de Deus (Sl 104.30; Ef 3.16; At 1.8). Esta é uma evidência da deidade do Espírito Santo — Ele tem autoridade e poder inerentes.

Em todo o Novo Testamento, 1 Coríntios 2.4 é a única referência em que

aparece, no original, o termo traduzido por “demonstração” do Espírito Santo como aqui descrita. Literalmente, o termo designa uma demonstração operacional, prática e imediata na mente e na vida dos ouvintes do evangelho de Cristo pela poderosa ação persuasiva e convincente do Espírito, cujos efeitos transformadores eram visíveis e incontestáveis na vida dos ouvintes de então, confirmando o evangelho pregado pelo apóstolo Paulo, como está declarado em 1 Coríntios 2.4,5 e noutras passagens alusivas ao seu ministério de poder.

Isso contrasta nitidamente com os métodos secos e repetitivos dos mestres e filósofos gregos da época, que tentavam convencer e conseguir admiradores e discípulos mediante demonstrações encenadas de retórica, dialética e argumentação filosófica — isto é, “sabedoria dos homens” (v. 5). Que diferença faz o evangelho de poder do Senhor Jesus Cristo! Ele tem poder inato. Ele “é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê” (Rm 1.16).

Paulo reconhecia que esses tais mestres gregos o superavam em capacidade acadêmica e humana (2 Co 10.10; 11.6). A sabedoria, a oratória e a argumentação filosófica desses mestres era tão somente um espetáculo teatral, vazio, que atingia apenas os sentidos dos espectadores. Em Paulo, ao contrário, operava, nesse sentido, o poder de Deus (1 Co 2.4,5; Cl 1.29; 1 Ts 1.5; 2 Co 13.10).

O poder do Espírito Santo, que evidencia a sua deidade, é também revelado em passagens como Lucas 1.35, Jó 26.13 e 33.4, Salmos 33.6 e Gênesis 1.1,2. Esse divino poder, como já vimos, é liberado através da pregação do evangelho de Cristo:

• Na conversão dos ouvintes (At 2.37,38).

• No batismo com o Espírito Santo para os novos crentes (At 10.44).

• Na expulsão de espíritos malignos (At 8.6,7; Lc 11.20).

• Na cura divina dos enfermos (At 3.6-8).

• Na obediência dos crentes ao Senhor (Rm 16.19).

A Onisciência do Espírito Santo

A onisciência é mais uma evidência da deidade do Espírito Santo (1 Co 2.10,11). Ele sabe e conhece todas as coisas. Este é um fato solene, mormente se considerarmos que Ele habita em nós — “porque habita convosco, e estará em vós” (Jo 14.17). A primeira parte desta declaração de Jesus denota a permanência do Espírito Santo em nós (“habita convosco”); a segunda, sua presença dentro de nós (“e estará em vós”). Alguém pode habitar numa casa e não estar presente nela em determinada ocasião. Porém, o Espírito Santo quer estar sempre presente no crente, como uma das maravilhas desta “tão grande salvação” (Hb 2.3).

Aos que amam a Deus, o Espírito Santo revela as infinitas e indizíveis bênçãos preparadas para os salvos, já nesta vida, e muito mais na outra (1 Co 2.9,10). O profeta Isaías, pelo Espírito, profetizou essas maravilhas (64.4; 52.15). Os demais profetas do Antigo Testamento também tiveram a revelação divina dessas coisas miríficas que os santos desfrutarão na glória (1 Pe 1.10-12). O Espírito também revelou aos escritores do Novo Testamento essas maravilhas consoladoras, inclusive a Paulo (1 Co 2.10).

Ele é o nosso divino Mestre na presente dispensação da Igreja (1 Co 2.13), como já estava predito em Provérbios 1.23. Concernente a esta missão do Espírito Santo, Jesus declarou: “Esse vos ensinará todas as coisas” (Jo 14.26). O texto de Lucas 12.12 também é bastante elucidativo quanto a mais esta ação do Espírito na igreja.

Diferentes Espíritos, “Coisas” e Homens

Em 1 Coríntios 2.4-12, o Espírito de Deus é mencionado enfaticamente. E Ele deve ter toda primazia em nossas vidas, em nosso meio e em nosso trabalho. O espírito do homem — mencionado no versículo 11 do texto citado — só entende as coisas humanas, terrenas, naturais, como se lê em Provérbios 20.27; 27.19; e Jeremias 17.9. Nossa santificação deve, pois, prevalecer em nosso espírito, e daí abranger a alma e o corpo (1 Ts 5.23).

Na passagem em apreço, o “espírito do mundo” também é mencionado (v. 12), o qual é pecaminoso e nocivo ao cristão. O aviso sobre isso está na Palavra de Deus (1 Jo 2.15-17; 5.19; Jo 14.30; 17.14,16).

Seis diferentes “coisas” aparecem na passagem em apreço: 1 Coríntios 2.9-14. Uma delas alude à esfera humana; as demais são “coisas” da parte de Deus:

• Coisas que Deus preparou para os que o amam (v. 9).

• Coisas das profundezas de Deus (v. 10).

• Coisas do homem (v. 11).

• Coisas de Deus (v. 11).

• Coisas espirituais (v. 13).

• Coisas do Espírito de Deus (v. 14).

Deus, na sua Palavra, divide toda a humanidade em três grupos de pessoas. Apenas três. Isto, no sentido espiritual:

• O homem natural — literalmente, o homem controlado pela sua alma (1 Co 2.14).

• O homem espiritual — literalmente, o homem controlado pelo Espírito Santo (1 Co 2.15).

• O homem carnal — literalmente, o homem controlado pela sua natureza carnal (1 Co 3.3).

Ninguém pode escapar dessa classificação divina. Todos nós somos um desses “homens”. Diante de Deus, seja você homem, seja mulher, identifique-se!

O homem natural não é salvo. É irregenerado. É chamado de “natural” porque vive segundo a natureza adâmica, decaída. O homem espiritual é aquele que o Espírito Santo governa e rege seu espírito, sua alma e seu corpo. Nele, o seu “eu”, pela fé em Cristo, está morto, crucificado (Rm 6.11; Gl 2.19,20).

Já o homem carnal, na conceituação bíblica, é o crente espiritualmente imaturo e que assim continua através da vida — “meninos em Cristo” (1 Co 3.1). A vida do crente carnal é mista, dividida, fracassada. Esse crente vive em conflito interior entre a sua natureza humana e a divina, sendo a sua alma o campo de batalha (cf. Gl 5.13-26).

A Deidade do Espírito Santo

Ainda tomando como base o texto de 1 Coríntios 2.4-14, vemos que o Espírito Santo é mencionado juntamente com o Senhor Deus (vv. 5,7,9-12,14) e o Senhor Jesus Cristo (v. 8; também os vv. 2,16). Isto já denota a divindade do Espírito Santo. Esta mesma sublime verdade da Trindade Santa vê-se através da Bíblia em muitas outras passagens, como 1 Coríntios 12.4-6.

O Espírito Santo possui atributos divinos:

• Ele é eterno — infinito em existência; sem princípio; sem fim; sem limitação de tempo (Hb 9.14).

• Ele é onipresente — está presente em todo lugar (Sl 139.7-10).

• Ele é onipotente — tem pleno poder sobre todas as coisas (Sl 104.30).

• Ele é onisciente — tudo é do seu pleno conhecimento (1 Co 2.10,11).

• Ele é denominado Senhor (2 Co 3.16-18).

• Ele é descrito como Criador (Jó 26.13; 33.4; Sl 33.4; 104.3; Gn 1.1,2; Ez 37.9,10).

O Espírito Santo, como vimos acima, é classificado e mencionado juntamente com o Pai e o Filho, o que é, sem dúvidas, uma grande evidência da sua divindade.

• Na fórmula doutrinária do batismo nas águas (Mt 28.19). Aqui a Bíblia não diz “nos nomes”, como se as três Pessoas da santíssima Trindade fossem uma só, mas “em nome” — singular —, distinguindo cada Pessoa existente em Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

• Na invocação da bênção tríplice sobre a igreja (2 Co 13.13).

• Na doutrina da habitação do Espírito Santo no crente (Rm 8.9).

• Na descrição bíblica do estado do crente diante de Deus (1 Pe 1.2).

• Nas diretrizes ao povo de Deus (Jd vv. 20,21). Aqui o Espírito Santo é mencionado primeiro; em seguida, o Pai; por fim, o Filho.

• Na doutrina da unidade da fé cristã (Ef 4.4-6). Aqui também o Espírito é mencionado em primeiro lugar, seguido do Senhor Jesus e de Deus, o Pai.

• Na saudação bíblica às sete igrejas da Ásia (Ap 1.4,5).

A Personalidade do Espírito Santo

O que é personalidade? É o conjunto de atributos de várias categorias que caracterizam uma pessoa. No seu aspecto psíquico, a personalidade consiste de intelecto, sensibilidade e vontade. Os três são também chamados de inteligência, afetividade e autodeterminação.

No Espírito Santo vemos essa triplicidade de atributos da personalidade, a saber: intelecto: “ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1 Co 2.11); sensibilidade: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus” (Ef 4.30); e vontade: “[O Espírito] repartindo particularmente a cada um como quer” (1 Co 12.11) e “a intenção do Espírito” (Rm 8.27). Como membro da unidade trina de Deus, o Espírito Santo é, pois, uma Pessoa.

O fato de o Espírito ser um com Deus, com Cristo e, ao mesmo tempo, distinto dEles é parte, como já dissemos, do grande e insondável mistério da Trindade Santa para a mente humana. O Espírito de Deus não é tão somente uma influência, um poder, uma energia, uma unção — como os heréticos concluem por si e assim ensinam —, mas uma Pessoa divina e real.

Do Espírito Santo como o Consolador divino está escrito que Ele veio para estar conosco em lugar de Jesus. Ora, Jesus é uma Pessoa divina e real; para substituir uma tal Pessoa, só outra Pessoa do mesmo quilate divino (Jo 16.6,7).

Em João 14.26, 15.26 e 16.8,13,14, Jesus refere-se ao Espírito Santo empregando o pronome “Ele” — ekeinos —, pronome esse pessoal e determinativo, no original. Por sua vez, o divino Espírito Santo chama-se a si mesmo de “Eu” (At 10.19,20). E esta é uma irrefutável e inegável evidência da sua personalidade.

O Espírito Santo e a Trindade

Deus é uno e, ao mesmo tempo, triuno (Gn 1.1,26; 3.22; 11.7; Dt 6.4; 1 Jo 5.7). O Pai, o Filho e o Espírito são três divinas e distintas Pessoas. São verdades bíblicas que transcendem a razão humana e as aceitamos alegremente pela fé. A fé precede a doutrina (1 Tm 4.6).

Se a unidade composta do homem — espírito, alma e corpo — continua como um fato inexplicável para a ciência e para os homens mais sábios e santos, quanto mais a triunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

As três divinas Pessoas da Trindade são coeternas e iguais entre si. Mas, em suas operações concernentes à criação e à redenção, Deus, o Pai, planejou a criação de tudo (Ef 3.9); Deus, o Filho, executou o plano, criando (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2; 11.3); e Deus, o Espírito Santo, vivificou, ordenou, pôs tudo, todo o universo, em ação: desde a partícula infinitesimal e invisível até ao supermacroscópico objeto existente (Jó 33.4; Jo 6.63; Gl 6.8; Sl 33.6; Tt 3.5). Ou seja, o Pai domina, o Filho realiza, e o Espírito Santo vivifica, preserva e

sustenta.

Na redenção da humanidade, o Pai planejou a salvação, no céu; o Filho consumou-a, na terra; e o Espírito Santo realiza e aplica essa tão grande salvação à pessoa humana. Entretanto, num exame cuidadoso da Bíblia vemos que, em qualquer desses atos divinos, as três Pessoas da Trindade estão presentes.

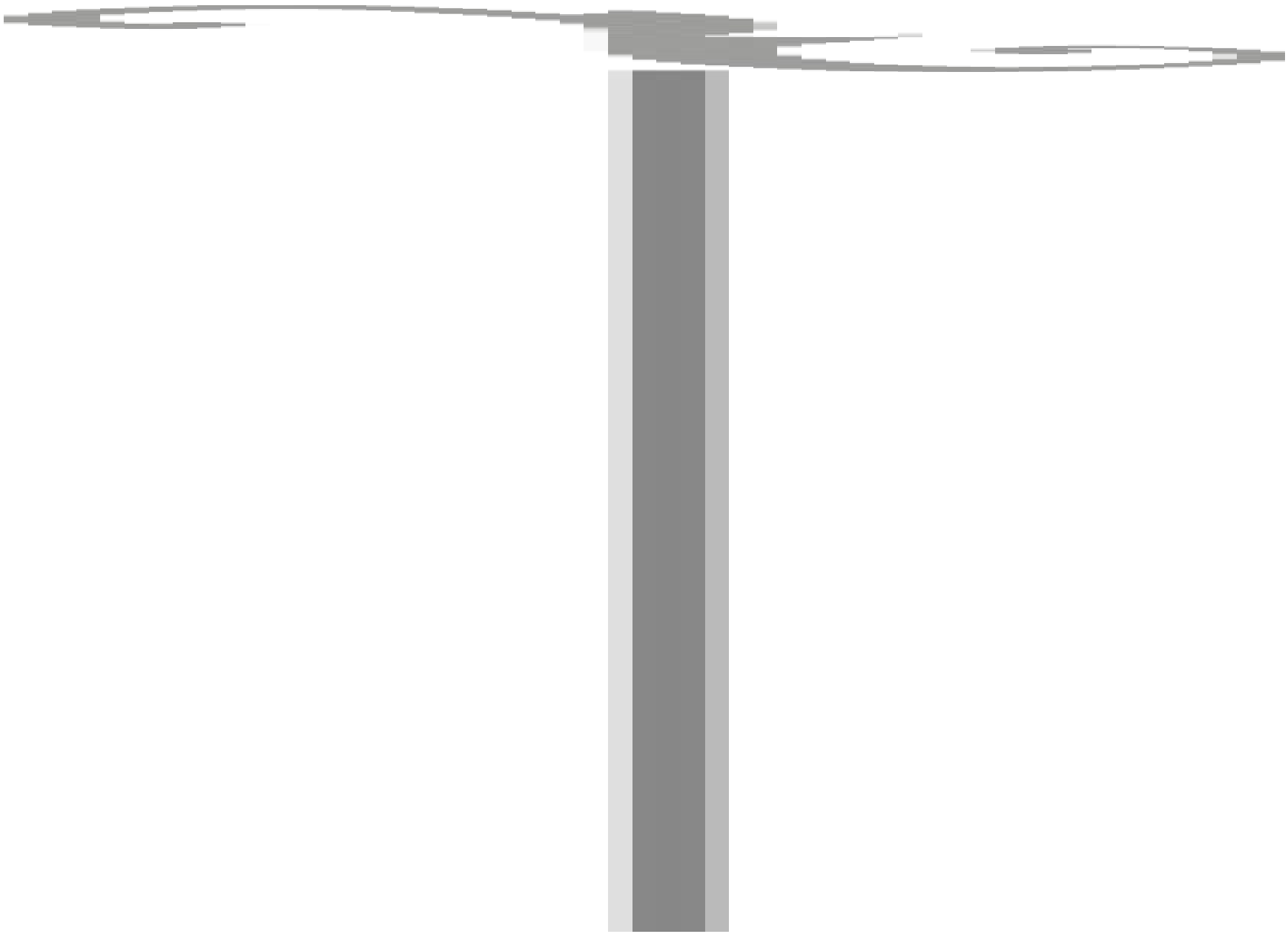
Uma tentativa de definição do trino Deus é: Deus Pai é a plenitude da divindade invisível (Jo 1.18). Deus Filho é a plenitude da divindade manifesta (Jo 1.1-17). Deus Espírito Santo é a plenitude da divindade operando na criatura (1 Co 2.12-16).

Para os sentidos físicos do homem, por condescendência de Deus, vemos as três Pessoas da Trindade no batismo de Jesus. O Pai eterno falou do céu, o Espírito Santo desceu em forma visível de pomba — uma alegoria —, e o Filho estava sendo batizado no rio Jordão, para cumprir toda a justiça (Mt 3.16,17).

C A P Í T U L O

2

AVIVAMENTOS ATRAVÉS DA HISTÓRIA



Neste capítulo, veremos como Deus é infinitamente poderoso para ainda hoje derramar sobre nós o seu Espírito como um rio transbordante, da mesma maneira como fez no passado.

Irineu (130-200 d.C.), bispo de Lyon, na Gália. Declarou que no seu tempo muitos cristãos falavam línguas estranhas pelo Espírito e tinham dons, inclusive o de profecia. Irineu foi discípulo de Policarpo, bispo de Esmirna, que, por sua vez, fora discípulo de João, o apóstolo.

Justino Mártir (100-165 d.C.). Nasceu na Palestina, converteu-se em Éfeso e morreu em Roma. Em seus escritos, mencionou os dons espirituais em evidência nos seus dias, inclusive o dom de línguas estranhas pelo Espírito Santo.

Orígenes (185-254 d.C.), teólogo de renome. Afirmou que os dons espirituais, inclusive o de línguas, eram um fato notório nos seus dias.

Crisóstomo (347-407 d.C.), patriarca de Constantinopla. No sentido eclesiástico oriental, o termo "patriarca" designa um bispo investido de prerrogativas e precedências especiais. Crisóstomo relatou um caso em que três membros da sua igreja falaram pelo Espírito Santo em persa, latim e hindu.

Agostinho (354-430 d.C.), bispo de Hipona, no norte da África. Deu testemunho de que as línguas estranhas estavam em evidência no seu tempo.

Waldenses e Albigenses (1140-1280 d.C.). Isso no sul da Europa, em plena Idade Tenebrosa — a Era Medieval. Eles eram dissidentes da Igreja Romana,

seguidores dos princípios bíblicos da salvação e da vida cristã em geral. Os historiadores afirmam que entre eles havia manifestações espirituais em línguas estranhas, segundo o Novo Testamento.

Lutero (1483-1546). Falava em línguas e profetizava, conforme depoimento histórico do Dr. Jack Deer, eminente professor e historiador batista, do Seminário Teológico de Dallas. Esta informação também é encontrada nas obras: História da Igreja Alemã, de Souer (Vol. 3, p. 406), e Pentecostes para Todos, de Emílio Conde, p. 88.

Os Anabatistas da Alemanha (1521-1550). Havia entre eles manifestações do Espírito, inclusive dons espirituais e línguas estranhas, como registra a história.

Os Huguenotes (1560-1650). Eram, na França, protestantes dissidentes quanto à forma de governo da época, respeitante à liberdade religiosa. O historiador A. A. Boddy assim escreveu: "Durante a perseguição aos huguenotes, a partir de 1685, havia entre eles os que falavam em línguas, transbordantes de fervor espiritual".

Os Quakers (1647-1650) e os Shakers (1774-1771). Eram cristãos organizados em grupos distintos, no nordeste da América do Norte, região da Nova Inglaterra. Dos Quakers (tremedores) e Shakers (puladores), diz a História da Igreja, de Philip Schaff, edição de 1882, que entre esses grupos havia manifestação de dons espirituais, inclusive línguas estranhas.

Metodistas primitivos. Líder: João Wesley (1703-1791), inglês, luterano. O historiador Philip Schaff, na sua História da Igreja, edição de 1882, relata que esses metodistas pugnavam por uma vida santa, e muitos tinham dons espirituais e falavam em línguas. O movimento avivalista metodista começou em 1739, em Londres. Foi no Metodismo que teve maior expressão e vulto o Movimento da

Santidade, na América do Norte, entre determinadas igrejas tradicionais, após o início do século XIX, do qual, quase um século depois, surgiu o atual Movimento Pentecostal.

Os Irvingitas. Líder: Edward Irving (1822-1834), presbiteriano, da Igreja Escocesa de Londres. Irving testemunhou, entre outros fatos, que, em 1831, uma irmã solteira, por nome Hall, cheia do Espírito Santo, falou em línguas num culto de oração. A Igreja Presbiteriana local forçou o pastor Irving a renunciar ao seu pastorado por causa do avivamento que estava ocorrendo, e seiscentos membros da igreja da Regento Square de lá saíram com aquele pastor. Isso também está averbado na obra citada acima, de Schaff.

D.L. Moody (1837-1899), poderoso evangelista e avivalista norte-americano. Ele era batista e pregava a salvação em Cristo de modo direto e objetivo. Pregava a plenitude do Espírito Santo e uma vida cristã cheia de poder do alto. Acerca de sua marcante cruzada evangelística de Londres, em 1873, escreveu Robert Boyd: "Moody pregou à tarde no auditório da Associação Cristã de Moços, em Sunderland. Em pleno culto houve manifestação de línguas estranhas e profecia. O fogo espiritual dominava o ambiente" (Moody and Sankey in Great Britain, 1875).

Há muitos outros exemplos de que, ao longo da história, o Espírito Santo vem sendo derramado sobre aqueles que o buscam. A mundialmente conhecida e respeitada Encyclopedia Britannica declara: "A glossolália [o falar noutras línguas] esteve em evidência em todos os avivamentos da história da igreja" (Vol. 22, p. 282, ano 1944).

O Declínio Espiritual da Igreja

A igreja do primeiro século, pelo poder do Espírito Santo, tornou-se uma força

invencível para levar o evangelho de Cristo aos lugares mais remotos da terra e conquistou almas para Deus em todos os locais do poderoso Império Romano, até no palácio do imperador César, com se lê em Filipenses 1.13 e 4.22. No fim do século I, a espiritualidade da igreja já havia arrefecido (cf. Ap 2.4,15,20; 3.16-18). Era tão decadente o seu estado que, para cinco das sete igrejas locais mencionadas em Apocalipse 2 e 3, a mensagem do Senhor foi: “Arrepende-te” (2.5,16,22; 3.3,19).

Nos dias do imperador Constantino, já no século IV, a igreja foi tutelada pelo Estado, ganhando muita fama. Mas isso fê-la perder espiritualidade e poder. A decadência continuou até que ela se transformou numa organização humana, na Idade Média (500-1500 d.C.), em vez de ser um organismo divino, como corpo de Cristo, como revela o Novo Testamento.

Como já vimos, Martinho Lutero foi um homem que experimentou a presença poderosa do Espírito Santo. Deus levantou esse baluarte cristão, por quem a doutrina bíblica fundamental da justificação pela fé foi restaurada à igreja. Lutero foi o instrumento de Deus para desencadear o Movimento da Reforma Religiosa, em 1517.

Outros movimentos avivalistas que se seguiram foram pelo Senhor usados para o retorno de outras doutrinas essenciais, como:

• O avivamento liderado por Wesley — a doutrina da santificação.

• Os morávios — as missões.

• O Exército da Salvação — a evangelização e a ação social da igreja.

• O Movimento Pentecostal — a dotação de poder do alto, mediante o batismo com o Espírito Santo, com a evidência física inicial do falar noutras línguas pelo Espírito, como ocorreu quando o Senhor Jesus batizou os salvos pela primeira vez, em Jerusalém (At 2.1-4).

Um exame da história, do ponto de vista religioso, mostra que os trinta anos que precederam o século XIX (1870-1900) foram, na igreja cristã em geral, de declínio espiritual, de disputas teológicas acirradas e vazias, de enfraquecimento na fé cristã, de "cristianismo" formal, de rejeição do sobrenatural, de profissionalismo ministerial, de inatividade na evangelização do mundo e de conformismo quanto à frieza espiritual.

Ao mesmo tempo, em diferentes pontos do globo, pequenos grupos de homens e mulheres, movidos por Deus, confessando seus pecados com arrependimento, clamavam a Deus em oração e jejum por um avivamento de busca da Palavra de Deus, de tristeza e repúdio pelo pecado — um avivamento de santidade e de derramamento de poder do alto para reavivar a igreja.

Entre muitos líderes da igreja de então reacendeu a convicção de que há para o crente um batismo com o Espírito Santo subsequente à conversão, como afirma Atos 1.4,5. Surgiu também, no íntimo deles, um incontido clamor pela evangelização do mundo, mediante missões estrangeiras, bem como a busca das operações sobrenaturais de Deus, como é o caso da cura divina e demais milagres, segundo as Escrituras. Já nesse tempo de sequidão espiritual, como registra a história, houve, em diferentes pontos do globo, muitos casos de cura divina e batismo com o Espírito Santo, com a manifestação de línguas estranhas.

O Movimento da Santidade

▪

Veremos, a partir de agora, em resumo, os primórdios do atual Movimento Pentecostal mundial, do qual a Assembleia de Deus é a sua maior expressão. Esse movimento religioso de retorno à doutrina e aos fatos do livro de Atos do Apóstolos teve início na aurora do século XX e chegou até nós, no Brasil, poucos anos depois de iniciado nos Estados Unidos.

Neste ano de 2006, relembramos — cheios de gratidão a Deus — a eclosão de poder do Espírito Santo em Los Angeles, Califórnia, quando o Senhor batizou milhares com o Espírito. É verdade que Ele já vinha batizando antes de 1906, mas foi nesse ano que o movimento lançou raízes e se consolidou. O Movimento Pentecostal atual tem as suas origens em alguns fatos religiosos, sobretudo nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX.

O Movimento da Santidade, que diante de Deus buscava uma vida de maior santidade, consagração e plenitude do Espírito, conforme as promessas dEle nas Santas Escrituras para o fim dos tempos. Esse movimento era liderado pela Igreja Metodista, na América e na Europa. E tal busca, em oração e jejum diante de Deus, resultou em avivamentos locais em diferentes pontos dos Estados Unidos e da Europa, principalmente na Inglaterra.

Na Inglaterra, Wesley, a partir de 1750, foi muito usado por Deus como avivalista, segundo as Escrituras, apesar das reservas e mesmo oposição das igrejas tradicionais da época. Antes de fundar o Metodismo, ele era anglicano.

Carlos Finney foi inicialmente presbiteriano; depois, se tornou ministro congregacional. Ele foi batizado com o Espírito Santo — como ele mesmo relata — e tornou-se um poderoso evangelista, que, a partir de meados do século XIX, nos Estados Unidos, muito contribuiu para o despertamento espiritual da igreja.

Nas últimas décadas do século XIX, D.L. Moody, um evangelista inflamado pelo

Espírito Santo, foi poderosamente usado por Deus na preparação do avivamento espiritual que estava para surgir, no tempo de Deus.

Em outubro de 1900, Charles Fox Parham (1873-1929), um pregador metodista wesleyano norte-americano, do Movimento da Santidade, alugou um prédio residencial em Topeka, Kansas, e instalou nele a Escola Bíblica Betel, visando o preparo de missionários para outras terras. Parham fora antes pastor metodistas em Kansas.

O Movimento da Santidade, como já vimos, pregava com ardor a necessidade urgente de a igreja avivar-se; de ser cheia do Espírito Santo, e não apenas ter o Espírito. Pregava também a necessidade de todos terem uma vida santa, bem como a operação de milagres, principalmente a cura divina. Parham converteu-se aos treze anos, na Igreja Congregacional.

Já no século XX, na noite de 1º de janeiro de 1901, os alunos da Escola Bíblica Betel se reuniram para orar, liderados pelo seu diretor, o pastor Parham, que chegara de viagem no dia 31 de dezembro, após ministrar a Palavra de Deus noutros lugares. Nessa reunião, próximo da meia-noite, Jesus batizou com o Espírito Santo a aluna Agnes Ozman, metodista, que já servia ao Senhor em trabalhos da sua igreja.

No dia 3 do mesmo mês, mais doze alunos foram batizados com o Espírito Santo, com a evidência inicial do falar noutras línguas. Nos dias seguintes, mais 34 alunos receberam a mesma bênção do alto. A escola tinha quarenta alunos, ao todo. De Topeka, Kansas, a mensagem do batismo com o Espírito estendeu-se a Houston, no sul do Texas, e daí chegou à Rua Azusa, em Los Angeles.

William J. Seymour

A imprensa da época fez cerrada e pesada crítica às pregações do pastor Parham quanto à sua modalidade e ao seu conteúdo, bem como aos fenômenos sobrenaturais que ocorriam nas suas reuniões, a partir das línguas estranhas, manifestação dos dons espirituais e operação de milagres. A imprensa depreciava e reputava todas essas manifestações do Alto como falsas. E as igrejas tradicionais faziam o mesmo; não todas.

Em 1905, Parham levou a mensagem pentecostal a Houston, onde o Senhor já estava despertando algumas igrejas para uma vida cristã mais santa e mais profunda. Nesse ano, o prédio onde funcionava a Escola Bíblica Betel, em Topeka, tornou-se indisponível para Parham, que transferiu a escola para Houston. Havia muitos ali que buscavam a experiência pentecostal, mas precisavam de instruções pastorais.

Um dos alunos a matricular-se na escola bíblica de Houston foi William Joseph Seymour (1870-1922), um pastor metodista wesleyano, do Movimento da Santidade, recém-chegado de Los Angeles. Ele era negro, filho de africanos, escravos, residentes em Louisiana — onde trabalhavam nas lavouras de cana — e batistas. Seymour teve, pois, formação batista, mas depois tornou-se metodista.

Nesse meio tempo, uma irmã metodista de Los Angeles, Neely Terry, vindo a Houston para ver seus parentes, visitou a escola bíblica. Ela ficou impressionada com a piedade, o porte cristão e o fervor espiritual do irmão Seymour. Influente em sua igreja, ela convidou Seymour a visitar Los Angeles, na Califórnia.

Ao retornar a Los Angeles, a irmã Terry foi a primeira pessoa a dar conhecimento na sua igreja do avivamento que estava ocorrendo em Houston. Seymour foi, então, a Los Angeles, e a igreja à qual pertencia a irmã Terry convidou-o a pastoreá-la. Ele ainda não era batizado com o Espírito Santo, com a evidência física inicial das línguas estranhas, e, em sua primeira pregação

sobre o assunto, foi questionado sobre isso. Muitos não o aceitaram mais, e ele foi impedido de exercer o pastorado.

Seymour passou, então, a realizar cultos numa casa particular, na rua Bonnie Brae, Norte, número 214 (hoje, 216), em Los Angeles. Um casal batista o recebeu: Richard Asberry e sua esposa Ruth. Nas semanas em que ele ficou nessa casa, Jesus o batizou com o Espírito, juntamente com outros irmãos — isto em 9 de abril de 1906.

A notícia de que Jesus estava batizando naquela casa se espalhou rapidamente, e muitos crentes de diversas denominações, uns sinceros e sedentos pelas coisas de Deus, outros apenas curiosos, acorreram àquela casa. E muitos foram batizados. Na varanda da casa, ficava o púlpito improvisado, onde Parham pregava e ministrava ao povo. A varanda ficava lotada, bem como a rua em frente à casa.

Em 12 de abril daquele ano, enquanto Seymour pregava, o piso da varanda cedeu ao peso da multidão. Era preciso agora um local mais amplo e mais apropriado — a casa não comportava mais a multidão.

O Avivamento na Rua Azusa

Com a bênção de Deus, Seymour rapidamente conseguiu arrendar um prédio antigo, de dois andares, desocupado, na rua Azusa, número 312, Norte, no centro de Los Angeles. O prédio fora primeiramente um templo metodista episcopal; depois, tornou-se casa de cômodos, depósito de cereais e, por fim, serviu como cocheira de animais. Aqui Seymour, após uma melhoria improvisada no prédio, realizou o primeiro culto, em 14 de abril de 1906.

Ainda nesse mesmo ano, Seymour organizou, de modo sumário, o movimento pentecostal nascente, sob o título de Movimento da Fé Apostólica. Os cultos, durante três anos (de 1906 a 1909), iam das dez da manhã à meia-noite. Nesse período, o movimento espalhou-se por toda a América do Norte e atingiu também o mundo tudo, posto que dali saíram em pouco tempo missionários para 25 países. Além disso, líderes de igrejas e pessoas comuns, sinceras, de outros países vinham a Azusa Street para observar e testemunhar os fatos, e ali eram batizados com o Espírito Santo, levando a nova mensagem pentecostal a seus países e igrejas.

Certo dia, um jornal de Los Angeles enviou um repórter para testemunhar e relatar os fatos que estavam ocorrendo na rua Azusa. O repórter era um imigrante residente na América, mas ninguém sabia disso. E ele havia urdido um plano de torcer os fatos, com o intuito de ridicularizar o que ali acontecesse, a fim de prejudicar a obra. Mas Deus, que não dorme, velando pela sua obra e pelos seus, usou uma irmã em línguas estranhas — exatamente a língua materna do tal repórter. A mensagem vinda de Deus expôs os pecados do repórter; sua vida pecaminosa foi detalhada, sem ninguém saber quem era, a não ser ele.

Logo que pôde, ele contatou a irmã e verificou que ela desconhecia totalmente a língua que acabara de falar. O repórter, então, decidiu aceitar a Jesus como seu Salvador e, mudando o seu plano perverso, disse ao diretor do jornal que ia relatar os fatos exatamente como aconteceram. O diretor não aceitou isso e o demitiu.

A grande metrópole de Chicago recebeu a mensagem pentecostal da rua Azusa e logo tornou-se o centro irradiador do Movimento Pentecostal, inclusive para o Brasil, o que ocorreu em 1910. Foi, pois, na Azusa Street, que o Movimento Pentecostal se consolidou, tendo sua origem muito humilde, mas cheia da glória divina, como acabamos de ver em resumo.

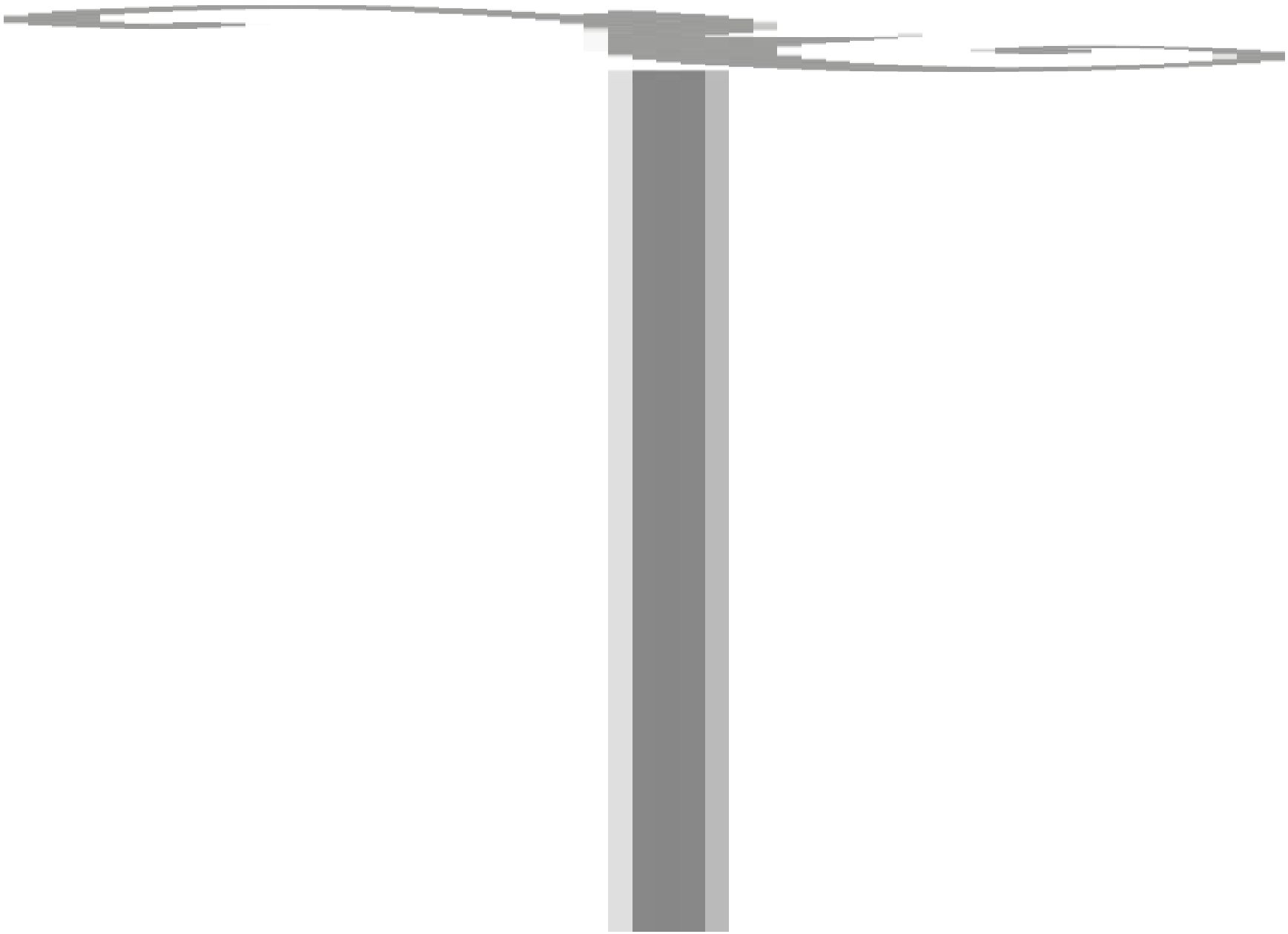
Seymour era cego de um olho. Quando adolescente, contraiu varíola, e disso

resultou a cegueira de uma das vistas. E, na rua Azusa, em 1906, cumpriu-se da parte de Deus o que está escrito em Zacarias 4.10: “Quem desprezará o dia das coisas pequenas?” Hoje, o Movimento Pentecostal, unicamente para a glória de Deus, conta com centenas de milhões de crentes em todo o mundo, sendo a sua maior expressão a Igreja Assembleia de Deus!

C A P Í T U L O

3

O MOVIMENTO PENTECOSTAL NO BRASIL



Os primeiros missionários que chegaram ao Brasil trazendo a mensagem pentecostal coerente com o Novo Testamento foram os irmãos Adolf Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel (Berg) Hogberg (1884-1963). A história inicial dos dois quanto à fé pentecostal remonta, em parte, à rua Azusa, através de uma igreja batista de Chicago que recebera a mensagem pentecostal.

Gunnar Vingren nasceu na Suécia e emigrou para os Estados Unidos, em 1903, com 24 anos. Era batista e morava no estado de Kansas, onde trabalhava com um tio. Em 1905, ingressou na faculdade de teologia, formando-se em 1909. Nesse mesmo ano, assumiu o pastorado da igreja batista de Menominee, no Michigan, e também visitou a Suécia, onde tomou conhecimento do Movimento Pentecostal, que já alcançara aquele país europeu.

Ao regressar da Suécia, assistiu, em Chicago, uma conferência pentecostal promovida pela Primeira Igreja Batista Sueca, de Chicago, a qual aceitara o batismo com o Espírito Santo como dádiva divina para hoje. Nessa conferência, onde Vingren foi batizado com o Espírito, também conheceu a Daniel Berg.

Já em sua igreja, em Menominee, nem todos aceitaram a doutrina do batismo com o Espírito Santo, com a evidência das línguas estranhas como sendo para a atualidade, e ele declinou do pastorado daquela igreja, mudando-se para Chicago.

Após visitar algumas igrejas que aceitavam o batismo e os dons espirituais, resolveu ficar na igreja pentecostal da Avenida North, de língua sueca, em Chicago — pastoreada por William H. Durham, que visitara a igreja da rua Azusa, em Los Angeles, e lá recebera o batismo com o Espírito Santo, segundo o relato de Atos 2. Isso aconteceu em 2 de março de 1907, no ministério do pastor William J. Seymour.

Em 1910, Vingren assumiu o pastorado da igreja batista de South Bend, Indiana, a uns cem quilômetros de Chicago. Lá, em uma residência, numa reunião de oração, num sábado à tarde, Deus usou em profecia o irmão Adolf Uldin, que, dirigindo-se a Vingren, disse-lhe: “Vá pregar o evangelho no Pará”. Pouco tempo depois, este mesmo irmão profetizou de modo idêntico, mas para o irmão Berg. E, alguns dias depois disso, o pastor William Durham — da igreja batista pentecostal da avenida North, em Chicago — consagrou Vingren e Berg como missionários.

Logo, ambos se prepararam para viajar ao Brasil. Milagrosamente, Deus proveu o necessário para as suas despesas de viagem. Vieram pela fé; sem qualquer promessa de sustento por parte de igreja alguma, instituição missionária ou indivíduos. Em 5 de novembro de 1910, embarcaram para o Brasil, em New York, a bordo do vapor Clement, chegando a Belém, Pará, no dia 19 do mesmo mês.

O Início da Assembleia de Deus no Brasil

Como já vimos, Berg e Vingren chegaram ao Brasil como batistas pentecostais, filiados, na América, à Missão da Fé Apostólica, título do novel movimento pentecostal nos Estados Unidos, o qual eles preservaram no Brasil até 1918, quando, em Belém, Pará, foi adotado o novo título Assembleia de Deus.

Em Belém, os missionários foram recebidos na Igreja Batista da rua João Bálbi, número 406, no Centro, sendo ali acolhidos como hóspedes no porão do templo, por não disporem de recursos para ficarem em hotel.

Pelo que ocorria na América, julgavam que continuariam como batistas, aqui no

Brasil, mesmo sendo batizados com o Espírito Santo. E, sem perda de tempo, à medida que iam se familiarizando com a língua portuguesa, compartilhavam com os membros da igreja batista a realidade atual do batismo com o Espírito e suas bênçãos na vida dos crentes que o recebem. Em poucos dias, dezenove membros daquela igreja creram na promessa do revestimento de poder segundo o Novo Testamento.

No dia 8 de junho de 1911, o Senhor batizou com o Espírito Santo, com a evidência inicial das línguas estranhas, o primeiro crente daquela igreja que hospedava Vingren e Berg — a irmã Celina Albuquerque, uma professora da Escola Dominical, esposa do irmão Henrique Albuquerque. No dia seguinte, outra irmã foi agraciada, Maria de Nazaré.

Em pouco tempo, os dezenove irmãos que creram no batismo com o Espírito Santo acabaram sendo excluídos da comunhão, no dia 13 de junho. Além disso, os missionários foram convidados a se retirar do templo, onde estavam hospedados. No dia 18, esses irmãos excluídos por terem crido no batismo com o Espírito e nos dons espirituais se reuniram na casa do irmão Henrique, à rua Siqueira Campos, número 79 (hoje, 161), no bairro Cidade Velha.

Eles resolveram se organizar como igreja e adotaram o nome Missão da Fé Apostólica. Só em 11 de janeiro de 1918 a igreja foi registrada como pessoa jurídica, sob o nome de Assembleia de Deus. A Assembleia de Deus, nos Estados Unidos, já tinham se organizado sob este nome em abril de 1914, como resultado de vários grupos e igrejas pentecostais adotarem essa nomenclatura, por ocasião da convenção nacional em Hot Springs, Arkansas, de 2 a 12 de abril de 1914.

O missionário Gunnar Vingren pastoreou a Assembleia de Deus em Belém, Pará, desde a sua fundação, em 1911, até 1924, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde pastoreou a igreja até 1932. Sua esposa chamava-se Frida. E ele faleceu na Suécia, em 1933.

Daniel Berg também era missionário, mas não um ministro ordenado. Nascido na Suécia, em 1884, converteu-se aos quinze anos, em 1899. Com apenas dezessete anos, em 1901, foi trabalhar na Inglaterra. No ano seguinte, mudou-se para os Estados Unidos, residindo em Chicago. Ali trabalhou numa frutaria, entre outras atividades, e cursou num instituto bíblico batista.

Em 1910, atendendo ao chamado de Deus, Berg veio para o Brasil, onde trabalhou sem cessar como evangelista itinerante, falando de Jesus para todos e distribuindo as Sagradas Escrituras. Sua esposa, Sarah, faleceu no Brasil, em São Paulo, em 1963.

Em 4 de abril de 1913, dois anos após a sua fundação, a Assembleia de Deus em Belém, Pará, enviou a Portugal o seu primeiro missionário, o pastor José Plácido da Costa.

A Grandeza da Promessa Pentecostal

O Movimento Pentecostal no Brasil está em total harmonia com a Palavra de Deus (At 2.14-21). Foi o profeta Joel, no Antigo Testamento, a quem Deus usou mais detalhadamente sobre o derramamento do Espírito Santo nos últimos tempos (2.23-32). Joel, talvez, tenha sido o primeiro dos profetas literários — que escreveram suas mensagens —, o que salienta ainda mais a sua transcendental profecia sobre o Pentecostes, como afirma o Novo Testamento (At 2.16-21,33).

O termo “Pentecostes” é uma alusão ao batismo com o Espírito Santo, e não primeiramente à festa sagrada de Israel chamada Pentecostes, que ocorria cinquenta dias após a Páscoa, mencionada em Atos 2.1; 20.16; e 1 Coríntios

16.6. Trataremos disto, de modo pormenorizado, no capítulo 9.

Em Atos 2.17, está escrito: “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne”. Isso fala de grande abundância e de grande fartura espiritual, qual rio que enche até transbordar em suas margens, mediante chuvas volumosas. Quando tal poder desce sobre a igreja, ela se torna como um incontável, poderoso e invencível exército, como está profetizado em Ezequiel 37.10.

Os discípulos mudaram muito, para melhor, após serem revestidos desse poder divino no cenáculo, em Jerusalém. É só comparar o desempenho deles nos Evangelhos — como eram e o que faziam — com o relato de suas vitórias, no livro de Atos, depois da experiência pentecostal que tiveram (At 2).

A profecia de Joel (2.28-32), no texto hebraico, constitui um capítulo à parte — o capítulo 3. De fato, a grandeza e o alcance do assunto desta passagem (o futuro derramamento do Espírito sobre a igreja) requerem um capítulo à parte! Esta sublimidade do assunto pode ser vista em continuação, no que está revelado em 2 Coríntios 3.7-12, principalmente o versículo 8: “como não será de maior glória o ministério do Espírito?” Aleluia! Esta passagem, como exceção de Romanos 8, é uma das mais ricas de toda a Bíblia sobre o indizivelmente glorioso ministério do Espírito, nesta era da igreja (cf. Is 55.1; 44.3).

Pentecostes para Todos!

A promessa pentecostal é universal. Nos tempos do Antigo Testamento, o Espírito Santo, via de regra, permanecia entre os fiéis (Ag 2.5; Is 63.11). Há poucos casos no Antigo Testamento de homens a quem Deus encheu do seu Espírito para missões específicas, como os costureiros mencionados em Êxodo 28.3, Bezaleel (Êx 31.3; 35.31) e Josué (Dt 34.9).

Nesta dispensação da igreja — o corpo místico dos salvos em Cristo —, o Espírito habita em toda pessoa por Ele regenerada e salva por Jesus (Jo 14.16,17; 1 Jo 4.13; Rm 8.9). Ao mesmo tempo, Jesus também quer batizar os crentes com o Espírito Santo, revestindo-os com poder para o serviço do Senhor (At 1.5; Lc 24.49; At 2.1-4,32,33). O segredo do rápido e vitorioso avanço do Reino de Deus, em meio a limitações, sofrimentos e perseguições, foi essa capacitação sobrenatural nos crentes dos primeiros tempos. Não há outra explicação.

Hoje, tendo nós tantos recursos da ciência moderna e tanto saber e técnicas aprendidas nas escolas, o nosso avanço é lento e, às vezes, é quase nenhum. É a diferença entre a requintada armadura de Saul, sem o Espírito de Deus (1 Sm 16.14), e o jovem Davi desprovido dela, mas ungido e possuído pelo Espírito (1 Sm 16.13).

Depreende-se de Atos 2.17 que o poder da parte de Deus é para todos, em todos os países, povos e raças do mundo. Isto é visto no emprego das seguintes expressões:

• Sobre toda a carne — fala de imparcialidade, de equanimidade sem discriminação.

• Vossos filhos e vossas filhas — o revestimento de poder é para a família, para o lar; também, sem distinção de sexo.

• Vossos jovens e vossos velhos — sem distinção de idade; Deus quer usar a todos, de um modo ou de outro, em qualquer idade.

• Servos e servas — sem distinção social. Deus começa a abençoar aos que são pequenos em si mesmos, porém elevados no Senhor (Sl 115.3; Hb 8.11).

O manancial do Espírito Santo está a fluir desde o Dia de Pentecostes, vindo o Alto sobre nós. Em Atos 2.16, está escrito: “isto é o que foi dito pelo profeta”. Não é algo da parte de Deus ainda para o futuro, mas para agora: “é”.

A Promessa Pentecostal É Valiosa

Juntamente com a promessa divina — mencionada em Atos 2.17,18 — está dito: “e profetizarão”. Duas vezes está dito isto no texto citado. O batismo com o Espírito Santo abre o caminho para a manifestação dos dons espirituais, segundo a vontade e os propósitos do Senhor. Um desses gloriosos dons é o de profetizar pelo Espírito Santo (1 Co 12.4-11,28; 14.1-6,22,24,29-32; Rm 12.8-10).

Os sinais sobrenaturais mencionadas em Atos 2.19 são milagres divinos autenticadores do evangelho (Mc 16.20). Jesus falou desses sinais confirmadores em Marcos 16.17,18 — milagres, sonhos, visões, revelações, cânticos espirituais, cura divina, línguas estranhas, expulsão de demônios. Leia também Atos 2.43b.

No desempenho do ministério de Jesus estava a operação de “maravilhas, prodígios e sinais” (At 2.22), precedidos de seu ensino e sua pregação (Mt 4.23; 9.35). O nosso ministério hoje não deve ser diferente; para isso, o Espírito Santo foi por Deus enviado para nos capacitar.

Pentecostes para o Futuro e para Hoje

De acordo com Atos 2.19,20, a vinda do Espírito Santo, no Dia de Pentecostes para dotar os crentes de poder, não se limita aos tempos atuais — adentra o futuro profético. Os sinais sobrenaturais esboçados na passagem mencionada, bem como em outras correlatas, aguardam cumprimento futuro.

O derramamento do Espírito terá a sua plenitude durante o esplendoroso reinado do Messias, o Milênio, como prediz Isaías 32.15-17. É justo crer que, no reino do Messias, o Espírito será amplamente derramado (Zc 12.10; Ez 39.29). Assim como foi sobre Ele aqui, certamente o será sobre o seu reino (Jo 3.34).

Em Joel 2.28, está escrito: “derramarei o meu Espírito”; ao passo que, no cumprimento da promessa divina do Pentecostes, a Palavra de Deus menciona que haveria o “derramamento do Espírito”, denotando um derramamento parcial. Certamente, isso foi revelado a Paulo, por Deus. Em Romanos 8.23, ele menciona as “primícias do Espírito”.

A profecia pentecostal contida em Joel 2.23 prediz a “chuva temporã” e a “chuva serôdia”. O mesmo está dito em Tiago 5.7,8. Na Bíblia, “chuva temporã” é uma referência às primeiras chuvas de outono, nos fins de outubro — que ocorrem no Oriente Médio e ajudam na agricultura —, logo após a semeadura, para a germinação das sementes e crescimento das plantinhas.

Já a expressão “chuva serôdia” alude às últimas chuvas, precedendo a colheita (nos fins de maio), quando os grãos já estão amadurecidos. Profeticamente — como lemos em Joel 2.23, Tiago 5.7,8 e Oseias 6.3 —, a “chuva serôdia” do Espírito Santo da promessa (Ef 1.13) precederá a superabundante colheita espiritual para o reino de Deus.

Em Atos 2.21, está escrito: “e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Em o nome do Senhor há poder para salvar em todo e qualquer sentido. Nessa passagem, o original é Kurios, isto é, Jesus com o supremo Senhor de tudo e de todos (Rm 10.9,13; Fp 2.9-11). Este Nome salva (At 4.12); protege (Sl 20.1); cura (At 3.6); expulsa demônios (Mc 16.17); e socorre nas emergências e nos apertos (Sl 124.8).

O Senhor Jesus reiteradamente falou sobre a vinda do Espírito Santo Consolador para ficar conosco. Isto destaca sobremaneira a sua missão na terra (Jo 7.39; 14.16,17,26; 15.26; 16.7,13; Lc 24.49; At 1.4,5,8).

Pentecostes, um Rio Transbordante!

Em João 7.38,39, Jesus falou do Espírito Santo sobre o crente, como um rio caudaloso e transbordante, o que fala de vida, subsistência, movimento, ruído, energia, destinação e renovação. Assim deve ser uma igreja realmente avivada pelo Espírito. Um lago em si mesmo é parado, não compartilha, não tem saída; é centrado em si mesmo e vive só para si.

Na história da Igreja, no livro de Atos, ela inicia sua trajetória com “grande poder” (4.33), e encerra com “grande contenda” (28.29). O poder vem de Deus; a contenda, dos homens. E como estes são muitos e diferentes, a contenda ainda hoje pode continuar “muito grande”.

A origem do poder está em Deus (Sl 62.11). A origem da contenda, por sua vez, está no orgulho humano (Pv 13.10). Que Deus nos guarde e nos livre disso. Um povo avivado no Espírito deve, pela vigilância, evitar dissensões em qualquer lugar, e por onde andar.

Pentecostes, Fogo do Céu!

O fogo sagrado das lâmpadas do Tabernáculo era regulado, não apenas para que as lâmpadas não se apagassem, mas também para que o seu fogo não se excedesse. Nisso é preciso santa vigilância, como a Bíblia nos ordena, porque nem todo fogo na igreja é “fogo do céu”, que manifesta a glória do Senhor, como em 2 Crônicas 7.1.

Em Levítico 10, vemos que dois sacerdotes de Israel ofereceram, no culto, “fogo estranho” perante o Senhor e foram mortos ali mesmo pelo juízo divino. Um atestado de óbito deles, na linguagem de hoje, seria: “Morte espiritual prematura, por falsidade religiosa e também ideológica”.

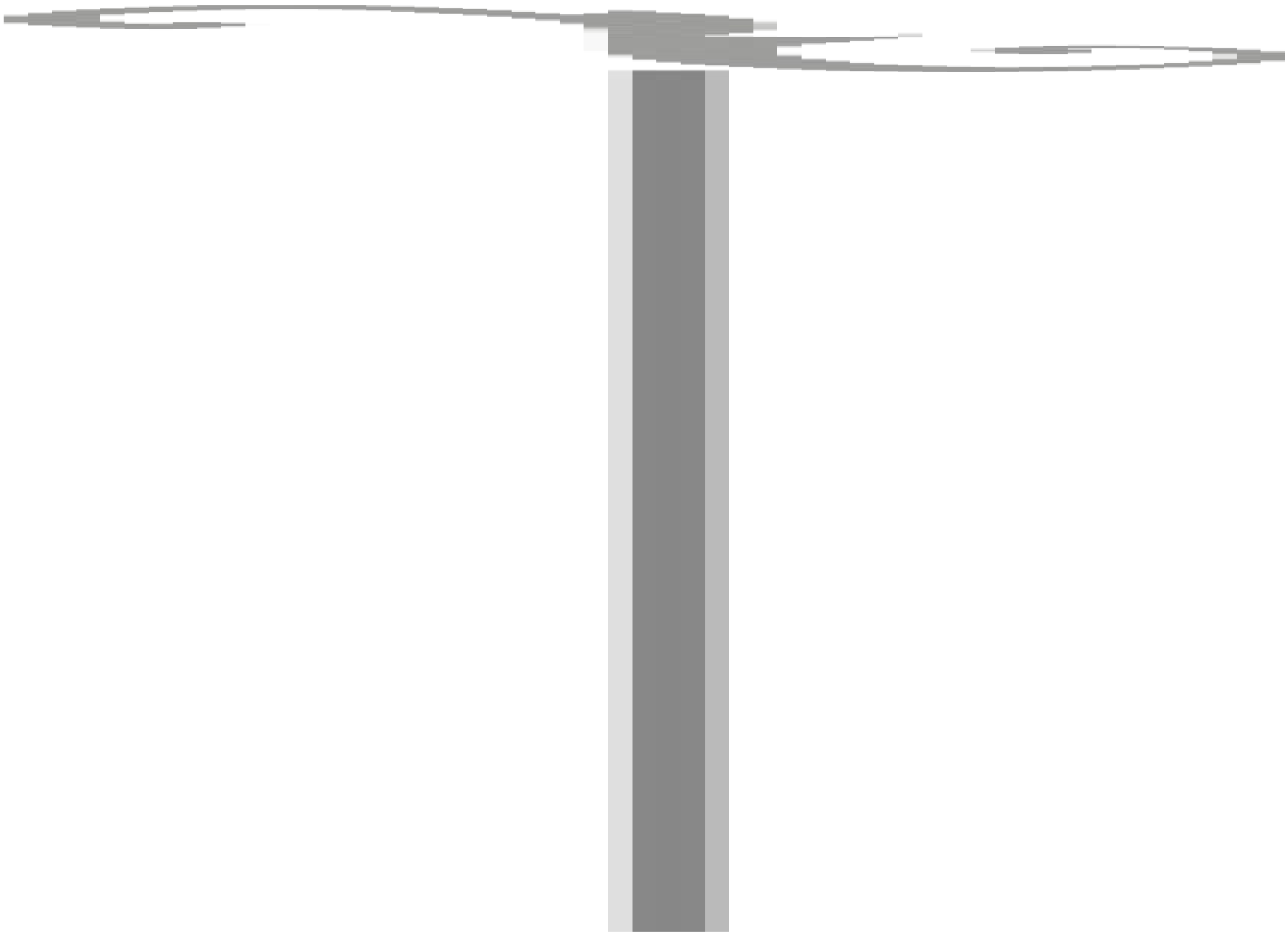
Como é notório, muitos são os modismos, inovações e práticas descabidas e antibíblicas que vêm afetando o genuíno Movimento Pentecostal, inclusive a Assembleia de Deus. Diz um provérbio popular: “Quem está acostumado com fogo, não se confunde com fumaça”. Precisamos, sim, voltar sempre ao cenáculo para receber mais poder (Ef 5.18), mas precisamos igualmente manter a “sã doutrina” do Senhor (Tt 2.1; 1 Tm 4.16).

Busquemos, pois, um maior e contínuo avivamento espiritual, segundo a doutrina bíblica, como fez o Salmista: “vivifica-me segundo a tua palavra” (Sl 119.25,154).

C A P Í T U L O

4

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO



O batismo com o Espírito Santo é um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (Lc 24.49; At 1.8; 10.46. 1 Co 14.15,26).

Já o batismo do Espírito, como vemos em 1 Coríntios 12.13, Gálatas 3.27 e Efésios 4.5, trata-se de um batismo figurado, apesar de ser real. Todos aqueles que experimentam o novo nascimento, que é também efetuado pelo Espírito Santo (Jo 3.5), são por Ele imersos, batizados, feitos participantes do corpo místico de Cristo, que é a sua Igreja, no sentido universal (Hb 12.23; 1 Co 12.12ss).

Nesse sentido, todos os salvos são batizados pelo Espírito Santo. Já quanto ao batismo com o Espírito, conquanto seja para todos os salvos, nem todos são batizados. A Escritura Sagrada, ao tratar de Israel como o povo escolhido de Deus da antiga dispensação, declara: “E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar” (1 Co 10.2). “Batizados em Moisés” tem o sentido de “para unirem-se a Moisés”; “para pertencerem a Moisés”.

O grandioso milagre da travessia de Israel pelo meio do mar, com a presença da nuvem divina protetora no alto, separou aquele povo como um corpo. O mar era ali algo material, mas a nuvem divina era sobrenatural. Em 1 Coríntios 10.2, na expressão “batizados em Moisés”, a partícula original é eis, que significa: “para ingressarem, unirem-se, pertencerem a”.

Certas denominações, por desconhecerem ou rejeitarem o batismo com o Espírito Santo conforme Atos 1.5 e 2.4, confundem-no com esse batismo de que estamos tratando. A evidência física inicial do precioso batismo com o Espírito são as línguas estranhas sobrenaturais conforme o Espírito conceder (At 2.4; Mc

16.17).

O conteúdo deste capítulo gira todo ele em torno das passagens de João 7.37-39; Lc 24.49,52; At 1.12-14; 2.1-4. Sugerimos, pois, ao leitor que medite profundamente nas referências mencionadas. O comentário que se segue é um desdobramento desses textos, dentro dos limites do espaço de que dispomos.

A Promessa do Batismo com o Espírito

Dos cerca de quinhentos irmãos que viram Jesus ressurrecto e ouviram o seu chamado para o cenáculo em Jerusalém (Lc 24.49), apenas uns 120 deles atenderam (cf. 1 Co 15.6). O que acontecera aos demais que lá não foram? Nem todos buscam com fé, sede e perseverança o batismo com o Espírito Santo.

Joel. Há várias promessas de Deus, no Antigo Testamento, do derramamento do seu Espírito sobre o seu povo, mas a principal é a que foi proferida pelo profeta Joel, uns oitocentos anos antes do advento de Cristo (Jl 2.28-32).

João Batista. João, o arauto de Jesus, foi homem cheio do Espírito Santo. Em todos os quatro Evangelhos ele confirma a promessa divina do batismo (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.32,33; At 11.16).

Jesus. Em Marcos 16.17, Jesus declarou: “falarão novas línguas”. Os críticos alegam que os versículos 9 a 20 do Evangelho Segundo Marcos não constam de certos manuscritos bíblicos antigos do Novo Testamento e que, portanto, esses versículos não são autênticos. Pouco importa o que os críticos digam. Deus não precisa de veredicto do homem na sua Palavra e nos seus assuntos. E o que dizer dos milhões que em todo o mundo falam em novas línguas sobrenaturais pelo

Espírito hoje?

Em Lucas 24.49, Jesus denominou a promessa como “a promessa de meu Pai”. O batismo com o Espírito Santo foi o último assunto de Jesus aos seus, antes da sua ascensão (vv. 50,51). Isso mostra que esse revestimento de poder do Alto é de inestimável relevância para o povo salvo.

A declaração de Jesus, em João 7.38,39, deve ser estudada juntamente com Atos 2.32,33. O apóstolo Pedro, após ser batizado com o Espírito Santo e pregar no dia de Pentecostes, encerrou o seu sermão citando a promessa do batismo, agora cumprida no cenáculo em Jerusalém (At 2.1-4).

O Cumprimento da Promessa

No Antigo Testamento, o privilégio especial do povo de Deus — Israel — foi receber, preservar e comunicar a revelação divina, as Santas Escrituras (Rm 3.1,2; 9.4; 2 Co 3.7). Já o privilégio especial do povo de Deus no Novo Testamento, a Igreja, é receber o Espírito Santo: na conversão (Jo 3.5; 14.16,17; 16.7; 2 Co 3.8,9; Rm 8.9); no batismo com o Espírito Santo; e, subsequentemente, através da vida cristã (At 4.8,31; 9.17; 13.9,52; Ef 5.18).

O Espírito Santo já foi derramado, segundo a palavra profética de Joel 2.28-32, mas não ainda na sua plenitude. Todos os sinais sobrenaturais mencionados na referida profecia, bem como no texto paralelo de Atos 2.16-21, ainda não se cumpriram em plenitude. Também em Joel 2.28, diz Deus: “derramarei o meu Espírito”, enquanto em Atos 2.17, o mesmo Deus diz: “derramarei do meu Espírito”. Pequenas palavras com grande significado e alcance nos desígnios divinos.

O que não É o Batismo com o Espírito

O batismo com o Espírito Santo não é a salvação. A salvação é uma milagrosa transformação que se efetua na alma e na vida da pessoa que, pela fé, recebe Jesus Cristo como seu Salvador. Sua origem está na graça de Deus (Rm 3.24; Tt 2.11). Seu fundamento é o sangue de Jesus Cristo (Rm 3.25; 1 Jo 2.2). Seu meio de recepção ou apropriação é a nossa fé em Cristo (At 16.31; Ef 2.8). Os discípulos de Jesus que foram batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes já eram salvos, como já mostramos. Na conversão, recebemos vida de Deus; no batismo com o Espírito recebemos poder de Deus.

O batismo não é a habitação interior do Espírito em nós. Na habitação, Ele está dentro; no batismo, Ele enche em plenitude. É uma experiência indizível; indescritível; por isso, cada filho de Deus deve usufruir esta experiência!

O batismo também não é a santificação do crente. A santificação posicional é, a um só tempo, instantânea e completa, no momento do milagre da nossa regeneração. É a nossa santificação objetiva, “em Cristo” (Hb 10.10). Também não é a santificação subjetiva e progressiva na nossa vida cristã diária neste mundo (Hb 10.14). Aqui diz a Palavra literalmente: “os que estão sendo santificados”, como na Versão ARA.

O que É o Batismo com o Espírito

Embora o batismo seja um dom, uma dádiva de Deus para seus filhos (At 2.38,29), ele precede os dons espirituais mencionados nas epístolas, principalmente em 1 Coríntios 12.1-11.

Jesus empregou o termo “batismo” ao referir-se ao ato do batismo com o Espírito Santo (At 1.5; 11.16). João Batista, o precursor de Jesus, homem cheio do Espírito, também se referiu ao batismo com o Espírito mediante o termo “batismo” (Mt 3.11; Mc 1.8).

Em todo batismo tem de haver três condições para que esse ato se realize: um candidato a ser batizado; um batizador do candidato; e um elemento ou meio em que o candidato vai ser imerso. No batismo de que estamos tratando — o batismo com o Espírito Santo —, o candidato é o crente; o batizador é o Senhor Jesus; e o elemento ou meio em que o candidato é imerso é o Espírito Santo.

O batismo com o Espírito Santo é, a um só tempo:

• Uma ditosa promessa da parte de Deus — “a promessa do Pai” (At 1.4).

• Uma dádiva celestial inestimável — “o dom do Espírito Santo” (At 2.38).

• Uma imersão do crente no espiritual e sobrenatural de Deus — “sereis batizados com o Espírito Santo” (At 1.5). A partícula original desta referência também permite a tradução “batizados no Espírito Santo”.

• Um revestimento de poder do Alto (Lc 24.49). É como alguém, estando já vestido espiritualmente, ser revestido de poder do céu. O termo “revestido”, no original, conduz essa ideia.

As Línguas Estranhas

-

-

Por meio das línguas estranhas, o crente edifica-se a si mesmo, espiritualmente (1 Co 14.4). Línguas da parte do Espírito é o único dos dons, do qual está escrito que edifica o seu portador. Os demais dons edificam a igreja. Daí o apóstolo Paulo tanto falar em línguas em suas devoções pessoais diante de Deus (1 Co 14.18). Leia também o versículo 39.

As línguas são apresentadas na Bíblia como um meio de o crente falar a Deus. Isto é, falar “a” Deus na dimensão do Espírito Santo, “em linha direta” (1 Co 14.2). Também em línguas, pelo Espírito, “falar das maravilhas de Deus” (At 2.11). Elas também são um meio de o crente, em seu espírito, orar a Deus, e também interceder, na dimensão do Espírito Santo (1 Co 14.14,15; Rm 8.26; Ef 6.18; Jd v. 20).

Por meio das línguas, o crente louva e adora a Deus, inclusive cantando, dando graças a Deus (1 Co 14.15-17; Ef 5.19), falando de suas grandezas e magnificando a Deus (At 2.11; 10.46).

De acordo com 1 Coríntios 14.21,22, as línguas são também um “sinal” para os descrentes — “sinal para os infiéis”. Leia também Isaías 28.11.

As línguas são, ainda, apresentadas nas Escrituras como dom do Espírito Santo — dom de “variedade de línguas” e dom de “interpretação das línguas” (1 Co 12.10,28). Leia também 1 Coríntios 12.30; 14.5,13,26-28.

Para quem É o Batismo com o Espírito

-

À luz da Palavra de Deus, o batismo com o Espírito Santo é para:

• Pessoas de qualquer nação — “toda carne” (At 2.17).

• Pessoas de ambos os sexos — “filhos e filhas” (At 2.17).

• Pessoas de qualquer idade — “vossos mancebos e vossos velhos” (At 2.17).

• Pessoas de qualquer camada social — “os meus servos e as minhas servas” (At 2.18).

• Os judeus — o povo escolhido por Deus (At 1.13,14).

• Os samaritanos — o povo misto e menosprezado (At 8.17).

• Os romanos — o povo tido como autossuficiente (At 10.44-46).

• Os gregos — os povos gentílicos (At 19.6).

• Os anônimos e desconhecidos — dos quase 120 irmãos batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes, somente doze deles são mencionados por nome (At 1.13-15). Os demais não são nominados.

• Quem já tem o Espírito Santo — “habita convosco” (Jo 14.17); “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22).

• “A tantos quantos Deus nosso Senhor chamar” (At 2.39).

Como Receber o Batismo com o Espírito

▪

Sendo o candidato já salvo. O batismo com o Espírito Santo é para quem já é salvo. Os discípulos, ao serem batizados no dia de Pentecostes, já tinham os seus nomes escritos no céu (Lc 10.20); já eram limpos diante de Deus (Jo 15.3); já tinham em si vida espiritual, assim como o galho da videira está unido ao tronco (Jo 15.4,5,16); já tinham sido por Cristo enviados para o seu trabalho, dotados de poder divino (Mt 10.1; Lc 9.1,2; 10.19).

Crendo com convicção na promessa divina do batismo. O batismo é chamado “a promessa do Pai” (Lc 24.49; At 1.4; 2.16,32,33). É somente pela fé em Cristo que recebemos o batismo (Gl 3.14). Não é por mérito, haja vista ser um dom, uma dádiva de Deus para seus filhos.

Buscando o batismo com sede, em oração (At 1.4,14; Jo 7.37-39; Lc 11.13).

Adorando a Deus com perseverança. Louvando sempre a Deus. Bendizendo ao Senhor. Alegrando-se em Deus. Assim fizeram os candidatos antes do primeiro Pentecostes (Lc 24.52,53).

Vivendo em obediência à vontade do Senhor (At 5.32). Para você que busca o batismo, há alguma área da sua vida não submissa totalmente a Cristo?

Cuidando o crente da sua espiritualidade. Em João 15.2, Jesus disse: "Limpa toda aquela que dá fruto". É o crente separando-se do mundo quanto à sua iniquidade e pecados — "o mundo não pode receber", disse Jesus, referindo-se ao Espírito Santo (Jo 14.17).

Perseverando em unidade fraternal. Isso também eles fizeram antes do primeiro Pentecostes (At 1.14).

Resultados do Batismo com o Espírito

Os resultados e efeitos desse glorioso batismo em nossa vida são muitos. Citaremos apenas alguns, haja vista as limitações de espaço desta obra.

• Edificação espiritual pessoal, mediante o cultivo das línguas estranhas (1 Co 14.4,15). Edificar, como está na Bíblia, não é exatamente o mesmo que construir. Paulo foi tão grandemente edificado na sua vida cristã em geral e como obreiro, pelo muito que o Espírito operou nele mediante as línguas (1 Co 14.18). Línguas não faladas em público, mas consigo e com Deus.

• Maior dinamismo espiritual, mais disposição e maior coragem na vida cristã para testemunhar de Cristo e proclamar o evangelho; para efetuar o trabalho do Senhor. Compare, nesse sentido, os discípulos de Jesus, antes e depois do Pentecostes, como foi o caso de Pedro — compare Marcos 14.66-72 com Atos 4.6-20.

• Um maior desejo e resolução para orar e para interceder (At 2.42; 3.1; 4.24-31; 6.4; 10.9; Rm 8.26).

• Uma maior glorificação do nome do Senhor “em espírito e em verdade” (Jo 4.24), nos atos e na vida do crente (Jo 16.13,14).

• Uma maior consciência de que Deus é o nosso Pai celeste, e que nós somos seus filhos (Rm 8.15,16; Gl 4.6).

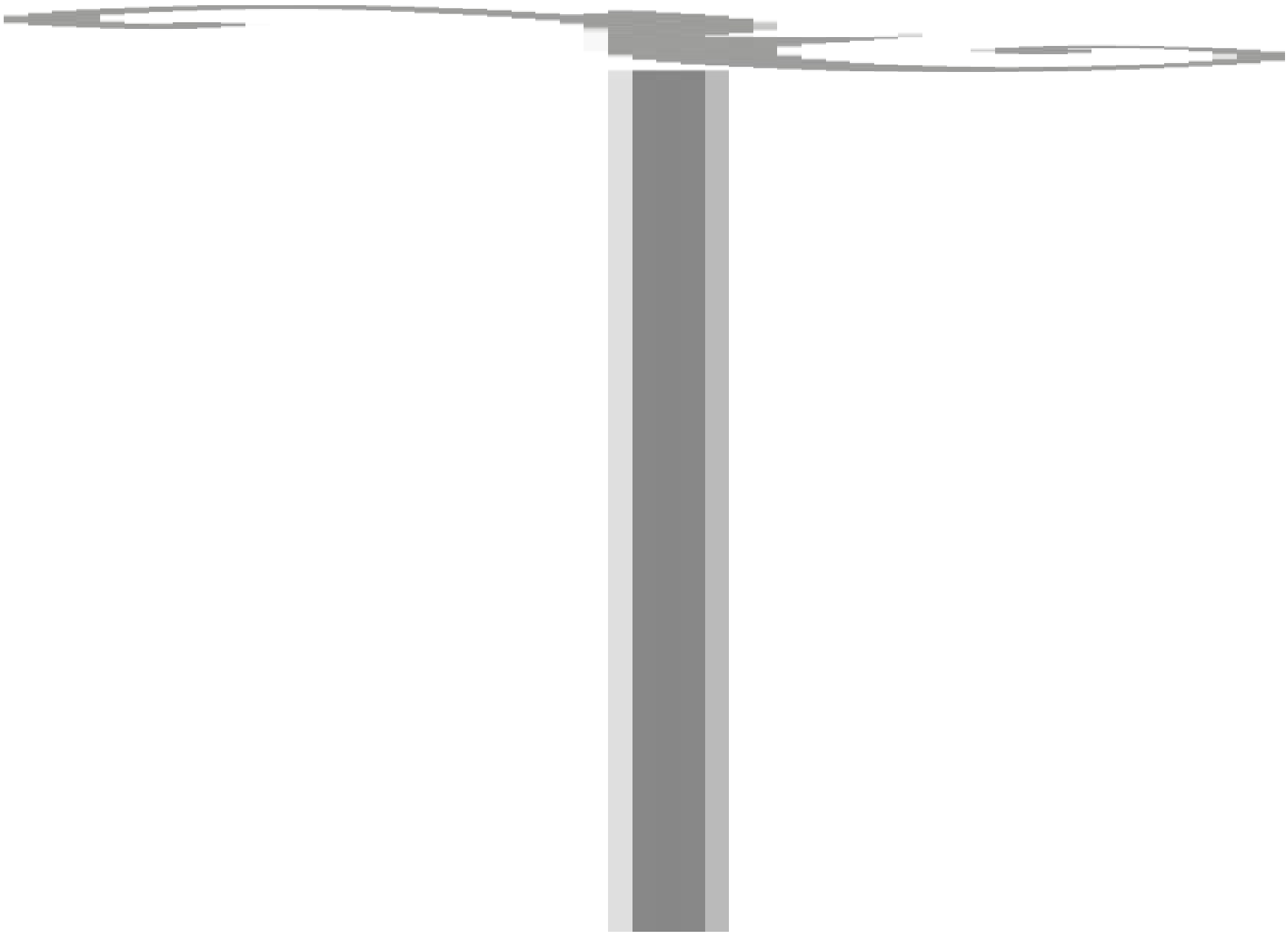
• O batismo é também um meio para a outorga por Deus, dos dons espirituais — “falavam línguas e profetizavam” (At 19.6).

Se você ainda não é batizado com o Espírito Santo, busca incessantemente essa gloriosa dádiva celestial. Mas, se você já o é, atente para o que diz a Palavra de Deus, em 1 Coríntios 14.1: “Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar”. Este é o assunto de nosso próximo capítulo.

C A P Í T U L O

5

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO



O grande pregador e pastor inglês C. H. Spurgeon, em um dos seus escritos relata a história de uma velhinha que morava numa instituição para idosos pobres que ele certo dia visitou. Nos pertences dessa senhora foi encontrado um documento bancário antigo, que lhe fora entregue como lembrança por alguém muito rico. Com permissão da velhinha, o pastor Spurgeon levou o documento a um banco e ficou sabendo que se tratava de uma elevada quantia suficiente para aquela senhora viver muito bem pelo resto da vida.

Partindo desse fato, Spurgeon concluiu que muitos crentes vivem em estado de grande pobreza espiritual por ignorarem as infinitas riquezas espirituais que estão a seu dispor, em Cristo, se as buscarem, conforme lemos em Efésios 3.8. Neste contexto, está a riqueza dos dons espirituais de que trata o presente capítulo. Daí São Paulo escrever aos coríntios: “Acerca dos dons espirituais, não quero irmãos que sejais ignorantes” (1 Co 12.1). A igreja da atualidade precisa mais e mais conhecer, buscar, receber e exercitar a provisão divina imensurável que há nos dons espirituais, para o seu contínuo avanço, edificação, consolidação e vitória contra as hostes infernais, e, ao mesmo tempo, glorificar muito mais a Cristo.

Dois princípios doutrinários devem ficar bem patentes aqui, concernentes aos dons espirituais. Primeiro, uma pessoa que recebeu do Senhor dons do Espírito não significa que ela alcançou um estado de perfeição e que é merecedora das bênçãos de Deus. As manifestações e operações do Espírito Santo por meio de alguém não devem jamais ser motivo de orgulho para o crente, seja ele quem for. Segundo, assim como o crente não é salvo pelas obras, mas tão somente pela graça divina (Ef 2.8; Tt 3.5), assim também os dons do Espírito Santo nos são concedidos pela graça de Deus para que ninguém se engrandeça — “segundo a graça” (Rm 12.6).

Na igreja de Corinto, certos crentes imaturos receberam dons espirituais e se descuidaram de crescer na fé e na doutrina. Problemas surgiram daí, afetando toda aquela igreja.

Definições Gerais

Em seu sentido geral, o termo “dom” tem mais de um emprego. Há os dons naturais, também vindos de Deus na criação, na natureza: a água, a luz, o ar, o fogo, a vida, a saúde, a flora, a fauna, os alimentos, etc. Há também os dons humanos, por Deus concedidos na esfera do ser humano: os talentos, os dotes, as aptidões, as prendas, as virtudes, as qualidades, as vocações inatas, etc.

O dom espiritual é uma dotação ou concessão especial e sobrenatural pelo Espírito Santo, de capacidade divina sobre o crente, para serviço especial na execução dos propósitos divinos para e através da Igreja. “São como que faculdades da Pessoa divina operando no ser humano” (Horton). Dons espirituais como aqui estudados não são simplesmente dons humanos aprimorados e abençoados por Deus.

Foi a poderosa e abundante operação dos dons do Espírito que promoveu a expansão da Igreja Primitiva como se vê no livro de Atos dos Apóstolos e nas Epístolas. Foi dotada de dons espirituais que a igreja de então continuou crescendo sem parar e triunfando, apesar das limitações da época, da oposição e das perseguições. A obra missionária também avançou celeremente como fogo em campo aberto.

As principais passagens sobre os dons espirituais são sete: 1 Coríntios 12.1-11,28-31; 13; 14; Romanos 12.6-8; Efésios 4.7-16; Hebreus 2.4; e Pedro 4.10,11. Além destas referências, há muitos outros textos isolados através da Bíblia sobre o assunto.

Termos Designadores

Abordaremos aqui os cinco principais termos bíblicos designadores dos dons. Estes termos descrevem a natureza dos dons.

Dons espirituais. Ou pneumatika (1 Co 12.1). Os críticos e opositores dos dons alegam que, no original, aqui, não consta a palavra "dom". Não consta neste versículo, mas consta a seguir, em 1 Coríntios 12 e nos capítulos seguintes. O referido termo refere-se às manifestações sobrenaturais da parte do Espírito Santo através dos dons (cf. 1 Co 12.7; 14.1).

Dons da graça. Ou charismata (1 Co 12.4; Rm 12.6). Falam da graça subsequente de Deus em todos os tempos e aspectos da salvação.

Ministérios. Ou diakonai (1 Co 12.5). Isso fala de serviço, trabalho e ministério prático. São ministrações sobrenaturais do Espírito através dos membros da igreja como um corpo (1 Co 12.12-27).

Operações. Ou energemata (1 Co 12.6). Isto é, os dons são operações diretas do poder de Deus para a realização de seus propósitos e para abençoar o povo (cf. vv. 9,10).

Manifestação. Ou phanerosis (1 Co 12.7). Os dons são sobrenaturais da parte de Deus; mas, conforme o sentido do termo original, aqui, eles operam igualmente na esfera do natural, do tangível, do sensível, do visível.

Classificação dos Dons Espirituais

Esta classificação ou agrupamento dos dons tem como objetivo estudar o assunto de forma resumida.

Dons de "manifestação do Espírito"

Em número de nove, conforme 1 Coríntios 12.8-10, tais dons são formas de capacitação sobrenatural de pessoas, para a "edificação do corpo de Cristo" como um todo, e também para a bem-aventurança de seus membros, individualmente (vv. 3-5,12,17,26).

Os capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios têm a ver com esses maravilhosos dons. Eles são de atuação eventual, inesperada e imprevista (quanto ao portador do dom), tudo dependendo da soberania de Deus na operação dos dons. Esses dons manifestam o saber de Deus, o poder de Deus e a mensagem de Deus.

• Dons que manifestam o saber de Deus (1 Co 12.8-10). Esses dons manifestam a multiforme sabedoria de Deus:

a) A palavra da sabedoria (v. 8). É um dom de manifestação da sabedoria sobrenatural, pelo Espírito Santo. É um dom altamente necessário no governo da igreja, pastoreio, administração, liderança, direção de qualquer encargo na igreja e nas suas instituições.

b) A palavra da ciência (v. 8). "Ciência" equivale, aqui, a conhecimento. É um dom de manifestação de conhecimento sobrenatural pelo Espírito Santo; de fatos, de causas, de ensinamentos, de ensinadores, etc.

c) O dom de discernir os espíritos (v. 10). No original, os dois termos que

designam este dom estão no plural. É um dom de conhecimento e de revelação sobrenaturais pelo Espírito Santo. É um dom de proteção divina para não sermos enganados e prejudicados por Satanás e seus demônios, e também pelos homens. Uma das principais atividades de Satanás é enganar (Ap 12.9; 20.8,10; 1 Tm 4.1). Os homens também enganam (Ef 4.14; 1 Jo 2.26; 2 Jo v. 7). Líderes em geral — inclusive de música —, pastores, evangelistas, mestres, precisam muito deste dom para não serem enganados.

• Dons que manifestam o poder de Deus (1 Co 12.9,10). Esses dons manifestam a poder dinâmico de Deus:

a) A fé (v. 9). É um dom de manifestação de poder sobrenatural pelo Espírito Santo. Superação e eliminação de obstáculos, sejam quais forem, e de impedimentos; liberação do poder de Deus; intercessão. Não se trata aqui da fé no seu sentido salvífico (Ef 2.8); ou fé como fruto do Espírito (Gl 5.22); ou fé significando o corpo de doutrinas bíblicas (Gl 1.23); ou fé como o aspecto puramente espiritual da vida cristã (2 Co 13.5). Trata-se da fé chamada “fé especial”, “fé miraculosa”. Este dom opera também em conjunto com vários outros dons.

b) Os dons de curar. Ou “dons de curas”, literalmente (v. 9). Isto é, este dom é multiforme na sua constituição e na sua operação. É uma sublime mensagem para os enfermos, não importando a sua doença. São dons de manifestação de poder sobrenatural pelo Espírito Santo para a cura das doenças e enfermidades do corpo, da alma e do espírito, para crentes e descrentes. Esses “dons de curas” operam de várias maneiras: através da Palavra; através de outro dom; uma palavra de ordem; um olhar; mãos, etc. Os dons de curas abrangem o ser humano em sua totalidade; já o dom da fé, além do ser humano, abrange tudo mais, conforme os planos e propósitos de Deus.

c) A operação de maravilhas (v. 10). No original, os dois termos que designam este dom estão no plural: “operações de maravilhas”. São operações de milagres extraordinários, surpreendentes, pasmosos; prodígios espantosos pelo poder de Deus, para despertar e converter incrédulos, céticos, oponentes, crentes duvidosos. Leia João 6; Atos 8.6,13; 19.11; e Josué 10.12-14.

• Dons que manifestam a mensagem de Deus (1 Co 12.10). Esses dons manifestam a mensagem da parte de Deus, poderosa, vivificante, criativa, edificante e consoladora (É em torno desses três últimos dons que ocorre mais falta de disciplina e de ordem nas igrejas, como também ocorreu em Corinto.):

a) A profecia (v. 10). É um dom de manifestação sobrenatural de mensagem verbal pelo Espírito, para "edificação, exortação e consolação" do povo de Deus (1 Co 14.3). É um dom necessário a todos os que ministram a Palavra; que trabalham com a Palavra (cf. Lc 1.2b; 1 Tm 5.7). O grau da profecia na igreja hoje não é o mesmo da "profecia da Escritura" (2 Pe 1.20), que é infalível — a profecia da Bíblia.

A profecia na igreja deve ser julgada, pois o seu grau não é o mesmo do das profecias do texto bíblico. De fato, a Bíblia declara: "Em parte profetizamos" (1 Co 13.9). A profecia da igreja está sujeita a falhas por parte do profeta; daí a recomendação bíblica de 1 Coríntios 14.29: "E falem dois ou três profetas, e os outros julguem".

Por que a profecia é denominada o principal dom, conforme 1 Coríntios 13.2 e 14.1,5,39? Porque a profecia edifica a igreja como um corpo, e não apenas como indivíduos. Também porque a profecia é um meio de expressão de muitos dons (1 Tm 4.14a). A maior parte do tempo do culto deve ser para a ministração da Palavra de Deus, e não para a profecia, conquanto seja esta tão importante (1 Co 14.29).

b) A variedade de línguas (v. 10). É um dom de expressão plural, como indica o seu título. É um milagre linguístico sobrenatural. Nem todos os crentes batizados com o Espírito Santo recebem este dom (1 Co 12.30). Já as línguas como evidência física inicial do batismo, todos os batizados no Espírito Santo as falam.

As mensagens em línguas mediante este dom devem ser interpretadas para que a igreja receba edificação (1 Co 14.5,27). O crente portador deste dom, ao falar em línguas perante a congregação, não havendo intérprete por Deus suscitado, deve este crente falar somente "consigo e com Deus" (1 Co 14.4,28), isto é, falar em silêncio.

c) A interpretação das línguas (v. 10). É um dom de manifestação de mensagem verbal, sobrenatural, pelo Espírito Santo. Não se trata de “tradução de línguas”, mas de “interpretação de línguas”. Tradução tem a ver com palavras em si; interpretação tem a ver com mensagem. As línguas estranhas como dom espiritual, quando interpretadas, assemelham-se ao dom de profecia, mas não são a mesma coisa. O dom de interpretação é um dom em si mesmo, e não uma duplicação do dom de profecia (cf. 1 Co 12.10,30; 14.5,13,26-28).

Dons de ministérios práticos

São administrações de serviços práticos, individuais e em grupo (Rm 12.6-8; 1 Co 12.28-30). Nestas passagens, eles aparecem juntamente com os demais dons espirituais, e sob o mesmo título original charismata — “dons da graça”. São dons de ministração residentes no portador, pela natureza de sua finalidade junto às pessoas ou grupos: assistência, serviço, socorro, auxílio, amparo, provisão. São dons residentes nos seus portadores, pela natureza e objetivos de sua ação.

Estes dons têm sido pouco estudados na igreja. Daí os equívocos e dúvidas existentes. São da mesma natureza espiritual e sobrenatural dos demais dons da graça de Deus. A Bíblia os coloca em conjunto com os demais dons (1 Co 12.28). Ela usa para esses dons o mesmo termo original empregado para os dons de 1 Coríntios 12.4-10: charismata (Rm 12.6-8).

• Ministério (Rm 12.7). Ministração, servir, prestar serviço material e espiritual, sem primeiramente esperar recompensa, reconhecimento, retribuição, remuneração, com motivação e capacitação mediante este dom. É servir capacitado sobrenaturalmente pelo Espírito.

• Ensinar (Rm 12.7). Ensinar no sentido didático, como deixa claro o original. É o dom espiritual de ensinar, tanto na teoria, como na prática; ensinar fazendo;

ensinar a fazer; ensinar a entender; treinar outros. Educar no sentido técnico desta palavra. Não confundir com o ministério do ensino, que tem a ver com ministros do evangelho, segundo Efésios 4.11 e Atos 13.1 (“profetas e mestres”).

• Exortar (Rm 12.8). Exortar, aqui, é como dom: ajudar, assistir, encorajar, animar, consolar, unir pessoas separadas, admoestar.

• Repartir (Rm 12.8). O sentido no original é dar generosamente, doar, oferecer, distribuir aos necessitados em primeiramente esperar recompensa ou reconhecimento, movido pelo Espírito Santo. Este dom ocupa-se da benevolência, beneficência, humanitarismo, filantropia, altruísmo.

• Presidir (Rm 12.8). É conduzir, dirigir, organizar, liderar, governar, orientar com segurança, conhecimento, sabedoria e discernimento espiritual. Isso em se tratando de igreja, congregação, instituição, etc. Para alguém presidir desta maneira, só mesmo tendo de Deus este dom! A tendência natural de quem lidera e preside é ser duro, dominar pela força, ser insensível.

• Exercitar misericórdia (Rm 12.8). Este dom refere-se a assistência aos sofredores, necessitados, carentes; fracos, enfermos, presos, visitação, compaixão.

• Socorros (1 Co 12.28). Literalmente “achegar-se para socorrer”. É o caso de enfermos, exaustos, famintos, órfãos, viúvas, etc.

• Governos (1 Co 12.28). É um dom plural no seu exercício. É dirigir, guiar e conduzir com segurança e destreza. O termo original sugere pilotar uma embarcação com segurança, destreza e responsabilidade.

Dons na área do ministério

Esses dons são enumerados em Efésios 4.11 e 1 Coríntios 12.28, 29, a saber: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, doutores ou mestres.

Alvos e Resultados

De acordo com 1 Co 12.7, “a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”. Vejamos quais são os alvos e resultados dos dons espirituais:

• A glorificação do Senhor Jesus em escala muito além da natural e humana (Jo 16.14).

• A confirmação da Palavra de Deus anunciada, pregada e ensinada (Mc 16.17-20; Hb 2.3,4).

• O crescimento constante e real, em quantidade e qualidade, da obra de Deus na igreja, na evangelização e nas missões (At 6.7; 19.20; 9.31; Rm 15.19).

• A “edificação” espiritual da igreja de Deus como um corpo e como membros individualmente (1 Co 12.12-27). Jesus afirmou: “Eu edificarei a minha igreja” (Mc 16.18), mas na ocasião Ele não disse como ia edificar. Mas em Atos e nas Epístolas vemos que é em parte através desses dons divinos de que estamos a tratar.

• O aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.11,12). Isso jamais é possível por parte do homem, ou das coisas desta vida, mas é possível para Deus (cf. Lc 18.27).

O Exercício dos Dons

Toda energia e poder sem controle é desastroso. Estudando 1 Coríntios 14.26,32,33 e 40, vemos que Deus nos concede dons, mas não é responsável pelo mau uso deles, por desobediência do portador à doutrina bíblica, ou por ignorância desta. A eletricidade quando domada nas subestações, torna-se apropriada ao consumo doméstico, mas nas linhas de alta tensão é letal e destruidora. Também não adianta ter um bom freio no carro sem o seu potente motor, como muitos fazem nas igrejas mornas, frias e secas. Elas têm freio e direção no “carro”, porém falta-lhes o ativo e poderoso motor.

O uso dos dons na igreja deve ser regulado e equilibrado pela Palavra de Deus, corretamente entendida, interpretada e aplicada. A Palavra e o Espírito interpenetram-se e combinam-se em sua operação conjunta na igreja. A Palavra é a espada do Espírito, e o Espírito interpreta e emprega a Palavra.

Na igreja, a predominância da doutrina do Senhor corrige erros, evita confusão e repara estragos. Ela, quando ensinada e aplicada, neutraliza o fanatismo, que é zelo religioso sem entendimento — são exageros, práticas antibíblicas, emocionalismo, gritaria e outros desmandos. Por sua vez, quando o Espírito predomina, neutraliza o formalismo, que é excesso de regras, regulamentos, legalismo, rotina religiosa, formalidades secas e enjoativas, mornidão, fórmulas, ritos e coisas assim.

Quem recebe os dons de Deus, a primeira coisa a fazer é procurar conhecer o

que a Palavra ensina sobre o exercício deles. Em Corinto havia abuso dos dons, enquanto em Tessalônica havia carência deles, por tanto refreio. É de pasmar em nossas igrejas a carência da doutrina bíblica sobre essas manifestações do Espírito — os dons espirituais. O resultado disso aí está em muitos lugares: fanatismo, práticas antibíblicas, meninices, confusão, escândalo e desonra para o evangelho que pregamos.

No exercício dos dons e de outras manifestações do Espírito Santo, ninguém que aja desordenadamente e cause confusão, venha a dizer que está agindo assim por direção do Espírito Santo. Ele não é o autor de tais coisas!

Finalmente, é preciso haver responsabilidade quanto aos dons:

Conhecer os dons. "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes" (1 Co 12.1).

Buscar os dons. "Procurai com zelo os melhores dons" (1 Co 12.31).

Zelar pelos dons. "Procurai com zelo os dos espirituais" (1 Co 14.1).

Ser abundante nos dons. "Procurai sobejar neles, para a edificação da igreja" (1 Co 14.12).

Ter autodisciplina nos dons. "E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (1 Co 14.32).

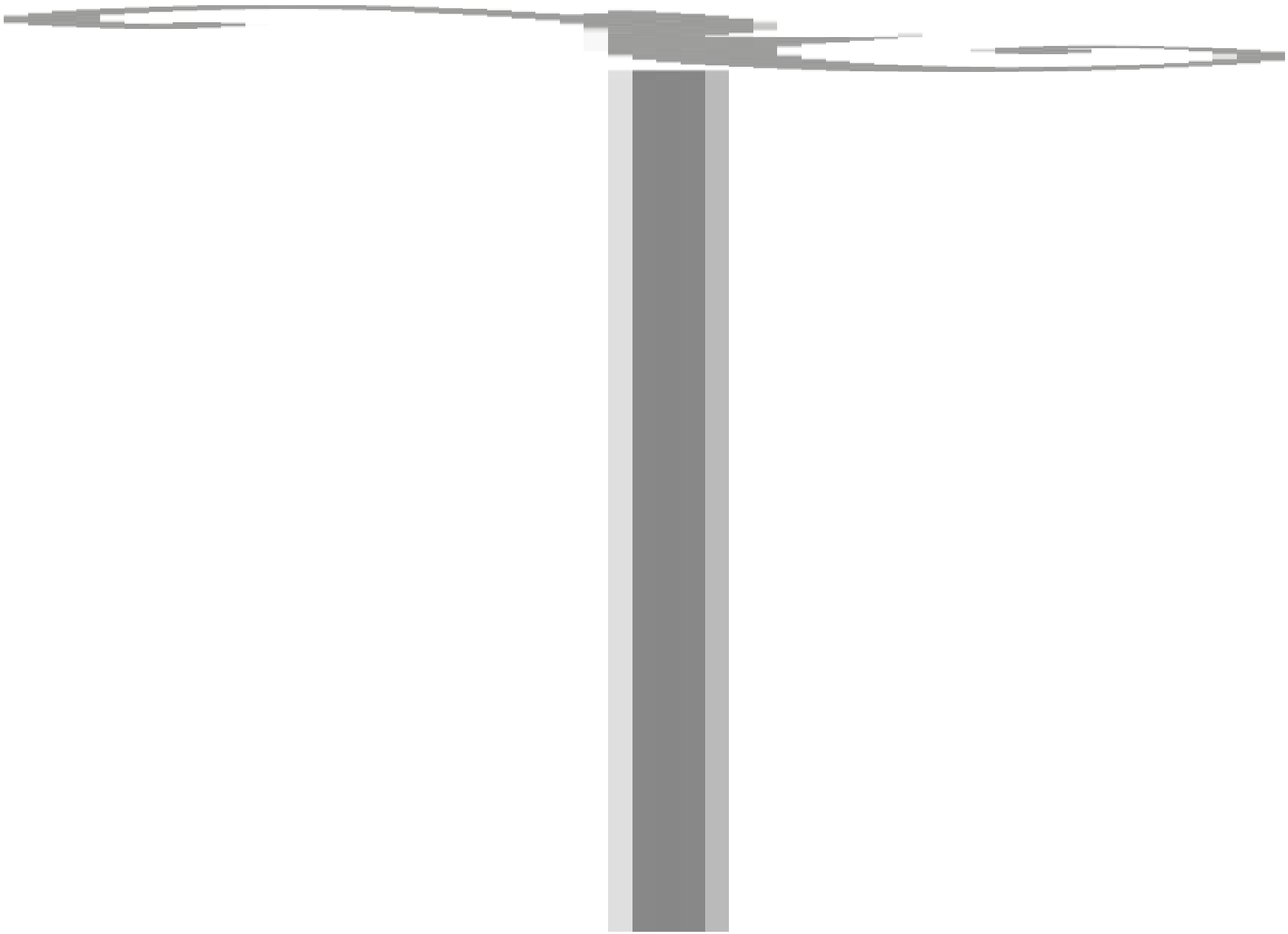
Ter decência e ordem no exercício dos dons. “Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (1 Co 14.40).

Portanto, poder, sinais, curas, libertação e maravilhas devem caracterizar um genuíno avivamento pleno de renovação espiritual e pentecostal. No entanto, deve ser livre de escândalos, engano, falsificação, mas dentro da decência e da ordem que a Palavra de Deus preceitua (1 Co 14.26-40), como veremos no próximo capítulo.

C A P Í T U L O

6

CULTO AO SENHOR COM ORDEM E DECÊNCIA



Neste capítulo estudaremos sobre a liturgia do culto a Deus. Liturgia é o conjunto dos elementos que compõem o culto cristão (At 2.42-47; 1 Co 14.26-40; Cl 3.16). Embora seja possível liturgia sem culto, não há culto sem liturgia (Is 1.11-17; 29.13; Mt 15. 7-9; 1 Co 11.17-22). A parte litúrgica compreende diversas partes do culto: oração (At 12.12; 16.16); cânticos (1 Co 14.26; Cl 3.16); leitura e exposição da Palavra de Deus (Rm 10.17; Hb 13.7); ofertas (1 Co 16.1,2); manifestações e operações do Espírito Santo (1 Co 14.26-32); e bênção apostólica (2 Co 13.13; Nm 6.23-27).

Tomando como base o livro de Atos dos Apóstolos e as Epístolas (At 2.1-4; Ef 5.19; Cl 3.16), vejamos como era o culto, nos tempos do Novo Testamento.

A promessa da efusão do Espírito (Jl 2.28) cumpriu-se no dia de Pentecostes (At 2.16-18), quando os que estavam reunidos foram “cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.1-4). Essa experiência pentecostal repetiu-se em outras ocasiões: em Samaria (At 8.14-20); na vida de Paulo (At 9.17); na casa de Cornélio (At 10.44-48); e em Éfeso (At 19.1-7).

Manifestações espirituais como essas foram acompanhadas de: falar em outras línguas (At 2.4; 19.6); poder (At 8.18,19); exultação a Deus (At 10.46); ousadia, poder e graça na pregação (At 4.31,33); e mensagens proféticas (At 19.6). O culto dos crentes primitivos que, nos primeiros dias da igreja em Jerusalém, não se distinguia muito da liturgia judaica (At 3.1), passou a ser dinâmico, espontâneo e com manifestações periódicas dos dons concedidos pelo Espírito Santo (Rm 12.6-8; 1 Co 12.4-11,28-31).

Enchei-vos do Espírito

A recomendação da Bíblia aos crentes pentecostais é: “Não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18).

“Enchei-vos do Espírito”. O verbo traduzido por “enchei-vos” traz no original quatro lições importantes:

• É um imperativo — pois se trata de uma ordem.

• Está no plural — por isso, aplica-se a todos os crentes.

• Está na voz passiva — o que significa que a ação de estarmos cheios do Espírito é atribuição dEle.

• Está no tempo presente contínuo — isto é, designa uma ação constante, contínua, perene. Portanto, pode ser traduzido como “Deixai-vos encher continuamente do Espírito”.

Enchendo-nos continuamente do Espírito para cultuar a Deus. Os crentes de Éfeso só poderiam continuar enchendo-se do Espírito, se já estivessem cheios dEle anteriormente. Na verdade, eles já haviam sido batizados com o Espírito, conforme Atos 19.1-7. Quando o crente é cheio e se mantém renovado pelo Espírito Santo, o culto cristão é caracterizado por: “salmos, e hinos, e cânticos espirituais” (Ef 5.19).

Os Cultos em Corinto

▪

Os cultos da igreja de Corinto eram notadamente pentecostais (1 Co 12; 13; 14). Segundo o apóstolo Paulo, nenhum dom faltava àquela igreja (1 Co 1.7). Todas as manifestações espirituais do Espírito Santo tinham lugar ali (1 Co 12.4); as diversidades de ministérios do Senhor Jesus (1 Co 12.5); e as diversas operações do próprio Deus (1 Co 12.6).

No entanto, a igreja estava envolvida em diversas dissensões e litígios (1 Co 1.10; 6.1-11; 11.18), pecados morais graves (1 Co 5), além de desordem no culto de adoração a Deus (1 Co 11.17-19). Outrossim, os crentes eram imaturos e carnais (1 Co 3.1-4). A desordem era tal que o próprio culto tornou-se um entrave para o progresso espiritual dos crentes.

Dissensão ou partidarismo (1 Co 11.18; 1.10-13; 3.4-6). "Ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões". O termo "dissensões" empregado em 1 Coríntios 11.17 e 1.10 descreve a destruição da unidade cristã por meio da carnalidade. Em vez de gratidão a Deus, para promover a comunhão uns para com os outros e "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4.3), os crentes reuniam-se para o culto com "espírito faccioso".

Carnalidade (1 Co 3.1-3). "Não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais" (v. 1). Havia membros da igreja de Corinto guiados e cheios do Espírito Santo (1 Co 1.4-9; Rm 8.14), mas muitos eram carnais (v. 1). Carnal — como já vimos no capítulo 1 — é o crente, ele ou ela, cuja vida não é regida pelo Espírito (Rm 8.5-8); que tem muita dificuldade de entender os assuntos espirituais (1 Co 2.14) e vive em contendas, difamações. A mente e a língua do carnal é malfazeja até durante o sono (cf. Rm 8.5; Gl 5.19-21; Pv 4.16). Esse tipo de crente é uma perturbação no culto de adoração a Deus.

Intemperança (1 Co 11.21). Na liturgia da Igreja Primitiva era comum a Ceia do Senhor ser precedida por uma festividade chamada de agápe ou festa do amor

(2 Pe 2.13; Jd v. 12). No entanto, alguns crentes coríntios em vez de fortalecerem o amor e a unidade cristã antes da Ceia do Senhor, embriagavam-se. Os ricos comiam de tudo, enquanto os pobres padeciam de fome (v. 21). Isso alguns faziam "para sua própria condenação" ou castigo (v. 29). Esses cristãos cometiam o erro de transformar uma festa espiritual, o culto, em uma festa profana. Veja as consequências disso nos versículos 30,31.

O Mau Uso dos Dons

Muitos crentes, em Corinto, eram ignorantes quanto ao uso correto dos dons espirituais (1 Co 12.1; 14.26-33). A manifestação dos dons espirituais é "dada a cada um para o que for útil" (1 Co 12.7). Os propósitos de Deus neles é edificação, consolação, exortação, crescimento espiritual e aperfeiçoamento do corpo de Cristo (1 Co 14.3, 26; Ef 4.11-14; Rm 12.4-8).

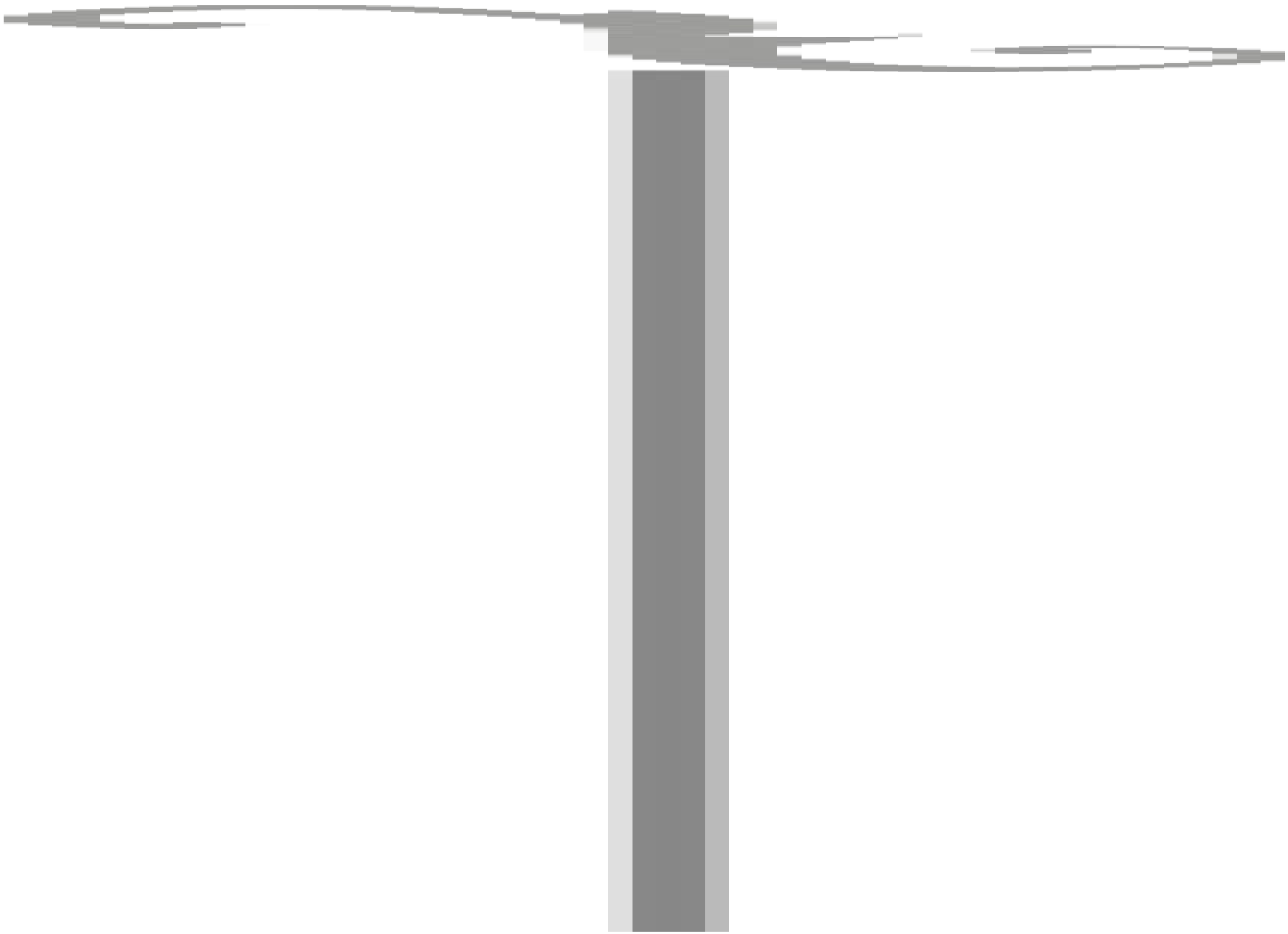
Mas, para que assim seja, é necessário que haja sabedoria, ordem e decência quanto ao uso dos dons (1 Co 12.1; 14.40). O crente não é proibido de falar em línguas, nem o profeta de profetizar no culto (1 Co 14.39), contanto que seja conforme a doutrina bíblica (1 Co 14.12, 19, 26, 39). A expressão-chave do ensino contido em 1 Coríntios 14.26-40 é: "Faça-se tudo para edificação" (v. 26). "Edificação" quer dizer "construir como um processo", ou seja, crescimento sólido, gradual, uniforme e constante na vida do crente.

Os cristãos de Corinto ignoravam o propósito evangelístico e edificador do culto na vida espiritual do crente (1 Co 14.23-25), pois exibiam vaidosamente seus dotes espirituais, provocando balburdia e dissensões (1 Co 14.27-30). A Bíblia recomenda que todos, pelo Espírito Santo, falem em línguas e profetizem (1 Co 14.5), mas que também exerçam os dons espirituais com sabedoria, ordem e decência (1 Co 14.26-33,37-40), a fim de que o nome do Senhor seja glorificado (1 Co 14.25), o incrédulo seja convertido (1 Co 14.22-25) e a igreja edificada (1 Co 14.26).

C A P Í T U L O

7

CARACTERÍSTICAS DE UM REAL AVIVAMENTO



Na Epístola aos Colossenses — escrita em 61 d.C., aproximadamente —, há menções da igreja de Laodiceia (2.1; 4.13,15,16) e dos crentes laodicenses (4.16). Neste mesmo versículo, há também uma ordem para que a epístola em apreço fosse lida na igreja dos laodicenses, e que a epístola que viesse de Laodiceia fosse lida pelos colossenses.

A Epístola de Laodiceia não foi incluída no cânon sagrado do Novo Testamento. A razão disso não está revelada — talvez fossem mensagens preventivas de Deus contra a mornidão e o formalismo espirituais, que estariam em formação naquela igreja.

Deus previne, avisa e adverte muito antes, e às vezes chamando as pessoas pelo nome, como: “Abraão, Abraão”, “Simão, Simão”, “Moisés, Moisés”, “Saulo, Saulo”. A carta de Jesus à igreja em Laodiceia, por meio de João (Ap 3.14-22), é de aproximadamente 96 d.C. Se tudo foi assim, aquela igreja esfriou aos poucos, até chegar ao estado crítico descrito em Apocalipse.

Quando, em que estado de coisas e em que situação a igreja carece de um real avivamento do Espírito Santo? Quando nela prevalecem as seguintes características negativas:

• Calmaria espiritual, paralisação espiritual, indiferença e comodismo (Ez 37.9).

• Sonolência espiritual (Ef 5.14).

• Insensibilidade espiritual, mas também insensibilidade moral e social (cf. Ef

4.19; Pv 23.35; 1 Tm 4.2).

• Secularismo — ou mundanismo. É o crente conformar-se com o mundo; “dar na forma [fôrma] do mundo”, como diz literalmente Romanos 12.2: “... e não vos conformeis com este mundo”. É a contextualização da igreja com o mundo, o que está muito em voga hoje.

• Postura do crente apenas defensiva quanto ao mal e ao pecado, e não de repúdio, aversão, horror e de combate espiritual contra ele.

• Quando, na igreja, prevalece entre os crentes a hibernação espiritual (Ap 3.11). É o estado do crente que permanece meio-morto. Tem nome de que está vivo espiritualmente, mas na realidade está morto, sem vida, sem fervor, sem entusiasmo e sem condições de reagir a um tal estado de coisas. Uma igreja nesse estado pode ter: (a) uma boa estrutura eclesiástica (“ossos”, Ez 37.3); (b) muita organização (“nervos”, v. 8); (c) muito movimento e vaivém (“carne”, v. 8); (d) muito boa aparência (“pele”, v. 8); mas tal igreja não tem vida espiritual vibrante, transbordante e dinâmica, pela ausência do “Espírito de vida” (Ez 37.8,9; Rm 8.2).

• Também quando entre os crentes prevalece o desinteresse pelos cultos e passam a se interessar mais pelas coisas e passatempos seculares, profanos, tentando eles com isso preencher o seu vazio espiritual. Nesse estado, a perda de cultos pelo crente não lhe traz falta. Vem, por fim, o abandono da Casa de Deus (cf. Hb 10.25; Sl 27.4; 84.2,10; 122.1; Ag 1.4,9).

No livro de Atos, vemos como Deus fez surgir a igreja avivada no Espírito Santo, coisa que os crentes de Israel desconheciam. Cremos e oramos que do mesmo modo Ele avivará poderosamente a sua igreja, nesses últimos dias que precedem a volta de Jesus.

O avivamento espiritual, como no princípio, é uma necessidade em nossos dias. Hoje, muitas igrejas pensam estar experimentando um reavivamento, quando, na verdade, tudo não passa de inovação, misticismo, falsificações e mudanças injustificáveis na liturgia do culto, etc. Quais são, pois, à luz da Palavra do Senhor, as características de um genuíno avivamento, promovido pelo Espírito de Deus?

Contrição Total

Num verdadeiro avivamento, há contrição total pelo Espírito Santo. Contrição é arrependimento, humilhação e confissão de pecados e males de todos os tipos, na presença do Senhor; é quebrantamento espiritual em nosso íntimo, acompanhado de profundo arrependimento de pecados. E tudo isso deve ser demonstrado também em nosso exterior, pela poderosa ação do Espírito Santo.

Esses estados da alma têm a ver com o pecado, no seu duplo aspecto: como delito praticado e como estado imanente no ser humano — isto é, a pecaminosidade da natureza humana. Desta forma do pecado, o crente precisa ser sempre vencedor, pelo “sangue da sua cruz [de Cristo]” (Cl 1.20), como bem nos mostra a passagem de Romanos 6.

É num tal contexto espiritual que o avivamento se instala, e o Espírito Santo assume a primazia, predominando e prevalecendo. Infelizmente, quem retarda e impede o avivamento da igreja não são os incrédulos; somos nós, os crentes, inclusive obreiros. Basta ler passagens como 2 Crônicas 7.14 para se chegar a tal conclusão.

Um real avivamento inclui, sim, os obreiros da igreja (cf. Zc 3.3). Vejamos:

• O problema da igreja de Éfeso — o seu pastor deixara o primeiro amor (Ap 2.4).

• O problema da igreja de Sardes — o seu pastor estava morto no seu estado espiritual e não sabia (Ap 3.1).

• O problema da igreja de Laodiceia — o seu pastor era morno (Ap 3.16).

Meditemos sobre o termo “perfeito”, concernente ao crente no contexto do avivamento. O referido termo aparece em passagens como Deuteronômio 18.13; Mateus 5.48; 2 Coríntios 13.11 e Colossenses 1.28. Ele, em suma, diz-nos que o nosso inteiro ser deve ser oferecido a Deus; tudo deve estar à disposição dEle: espírito, e alma, e corpo. Não retenha nada! Ponha tudo no altar. Em Marcos 12.30, vemos uma pormenorização disso:

• Nossa afeição — “de todo o teu coração, e de toda a tua alma”.

• Nossa cognição — “e de todo o teu entendimento”.

• Nossa volição — “e de todas as tuas forças”.

Sim, um avivamento começa, e continua, pela reconsagração total do crente a Deus. Que façamos a oração do profeta Habacuque: “Ouvi, SENHOR, a tua palavra, e temi; aviva, ó SENHOR, a tua obra no meio dos anos, no meio dos anos a notifica; na ira lembra-te da misericórdia” (3.2).

Perdão e Reconciliação

No avivamento de Israel (1 Rs 18), Deus usou como instrumento humano o profeta Elias. No cumprimento de sua missão, o primeiro passo deste profeta foi “reparar o altar do SENHOR, que estava quebrado” (vv. 30-32). Em seguida, ele colocou no altar doze pedras — que representavam as doze tribos israelitas, completas e unidas —, e não apenas dez, o que representaria incompletude e divisão de Israel, como era o caso do Reino do Norte (10 tribos), ao qual o profeta pertencia.

É notável o fato de Elias trabalhar com doze pedras no altar, sendo ele do reino das dez tribos! O que pode fazer um povo dividido e desunido? Se, por acaso, realizarem alguma coisa de bom, os males de sua desunião e da sua rebeldia atrofiarão tudo o que se fizer.

Em Ezequiel 37, no grandioso avivamento ali retratado, “cada osso se uniu ao seu osso” (vv. 7,17). Imagine um osso unindo-se a um corpo que não era o seu e, por conseguinte, diferente na idade, na altura, etc. Isso daria numa imensa e confusa babel, em que cada um estaria sem identificação, sem dono, sem direção; e logo a seguir: deformações, anomalias, teratias, como indivíduos e como grupo. Não é isso que está acontecendo por toda parte com os chamados movimentos avivalistas de renovação carismática?

Sim, um avivamento não é só de quebrantamento de espírito, mas também de perdão total, com reconciliação entre os crentes, inclusive obreiros. Pessoalmente, este autor tem visto, em nosso país, obreiros causando, fomentando e acalentando inimizades no ministério. E ainda apresentam “justificativas”, além de, pior ainda, acharem que isso que fazem é uma virtude!

Em Atos 4.32, no primeiro avivamento da igreja, a Bíblia diz: “E era um o coração e a alma da multidão dos que criam”. Deus pode fazer isso hoje, num reavivamento — a unidade espiritual do seu povo. Portanto, o avivamento genuíno envolve amplo perdão e reconciliação de uns com os outros; isto é, união e, sobretudo, unidade. O que pode fazer um povo descontente, dividido e desunido?

Generosidade e Abundância Financeira

Em Jerusalém, conforme Atos 4.32-37, ocorreu um avivamento de ampla e contínua generosidade entre os crentes, de abundância financeira, nas contribuições para a obra de Deus em geral: nos dízimos, nas ofertas, nas doações, na mão de obra voluntária, nos auxílios; enfim, na cooperação de todas as formas.

Mas também deve haver restituição aos outros, de tudo o que for alheio, que, porventura, esteja em nosso poder. No avivamento espiritual sob o rei Ezequias, vemos em ação a liberalidade financeira, espontânea, do povo, movida pelo Espírito de Deus (2 Cr 31.5-10). No avivamento de Jerusalém ocorreu o mesmo. E que ocorra da mesma forma em nossos dias!

Santidade Interior e Exterior

Segundo o modelo bíblico, o reavivamento resulta em santidade do crente em toda a sua maneira de viver (1 Pe 1.15). Se um avivamento não resultar nisso — nessa mudança de vida —, tudo não passará de mero entusiasmo, mecanicismo e emoção, como acontece com certos “avivamentos” orquestrados pelos homens. O avivamento sob Esdras e Neemias, nesse sentido, obteve grandiosos resultados (Ne 8; 9.1-38; 10.1-39; 13).

A santificação deve ocorrer em “todo o vosso espírito, e alma, e corpo”, conforme lemos em 1 Tessalonicenses 5.23. Isso significa que devemos ser santos em nosso viver, e em nossa conduta — isto é, em nosso caráter, internamente —, e em nosso proceder, externamente. Nossa vida natural é uma série diuturna de hábitos, práticas e costumes, que podem ser bons ou maus, ou um misto dos dois. É evidente que um povo santo, porque pertence a Deus, deve ter costumes santos.

Mantenhamo-nos, pois, separados do mundo pecaminoso. Reflitamos sobre a advertência da Palavra de Deus registrada em Eclesiastes 10.8: “Quem fizer uma cova cairá nela, e quem romper um muro, uma cobra o morderá”. “Abrir uma cova”, aqui, é iludir o povo; é fazer o povo errar e deixá-lo nesse estado. “Cova” é armadilha, embuste, laço, simulação. “Romper um muro” é eliminar a separação do pecado; é ficar indefeso às investidas do mal; é renunciar à condição de “povo peculiar” (Êx 19.5; Tt 2.14).

Evangelização e Missões

O avivamento promovido pelo Espírito Santo move e leva a Igreja a evangelizar e a fazer missões entre os povos. Evangelização e missões são dois lados de um só assunto — de um mesmo trabalho para Deus (cf. At 1.8; 5.42; 8.4; 13.1-4). E este trabalho é a atividade principal de uma igreja avivada, um fato patente no livro de Atos dos Apóstolos, mas também na história subsequente da igreja, sempre que ela é reavivada.

Louvor e Adoração

Numa igreja realmente avivada, ouvem-se os “cânticos espirituais”,

mencionados em Efésios 5.19. O “som” vindo do céu (cf. At 2.2), quando do derramamento inicial do Espírito sobre a igreja, fala disto. O sentido de “espirituais”, aqui, vai muito além daquele que lhe é comumente atribuído nos dias de hoje.

Uma igreja com avivamento do Espírito não precisa de artistas, de atores da música secular e de animadores de auditório — como se a Casa do Senhor fosse um palco para comediantes —, nem de shows musicais, nem de torcida, nem de assovios, por parte daqueles que só buscam chamar a atenção para si mesmos. Isso não é avivamento; é aviltamento!

A igreja carece, sim, de “verdadeiros adoradores” que adorem a Deus em espírito e em verdade, conforme Jesus disse em João 4.24. Temos, atualmente, na igreja, não muito do verdadeiro louvor e adoração que agrada ao Senhor, porque tais coisas precisam ser precedidas de sacrifício espiritual ao Senhor (2 Cr 29.27,30; Hb 13.15; Sl 50.23, “sacrifício de louvor”).

Evitemos brincar de crente, de culto e de igreja. Isso só acontece numa igreja em que não há real avivamento. Em Mateus 6.2 e noutras passagens similares, Jesus verbera duramente contra os fariseus, chamando-os de hipócritas, porque brincavam de crente, simulavam, encenavam, fingiam espiritualidade. Pessoas assim são vazias de avivamento e poder; vazias do Espírito Santo e da Palavra de Deus.

Renovação e Batismo com o Espírito

No genuíno avivamento há batismo com o Espírito Santo, com línguas estranhas, e manifestação dos dons espirituais (cf. Sl 92.10; Ef 5.18). Outrossim, a operação de milagres pelo Espírito Santo, como os “sinais” prometidos por Jesus em Marcos 16.17,18, são uma realidade, num avivamento bíblico norteado pela

doutrina (At 2.42,43).

Intercessão e Jejum

A oração intercessória e o jejum, de modo constante, são partes integrantes dos avivamentos reais, segundo a história da igreja (At 2.42; 2 Cr 7.14; Sl 119 — aqui temos várias vezes o Salmista dizendo “vivifica-me” ou “aviva-me”). Que busquemos, pela oração intercessória, o avivamento, como fez o profeta Habacuque (c. 609-605 a.C.), o qual profetizou durante o declínio espiritual que se seguiu ao reinado de Josias (Hc 3.2).

Palavra de Deus

A poderosa Palavra do Senhor sempre tem sido o instrumento inicial de Deus em todos os avivamentos (cf. Ne 8–10; Ed 8–10). E não pode ser diferente hoje: “Não é a minha palavra como fogo, diz o SENHOR, e como o martelo que esmiúça a penha?” (Jr 23.29). O avivamento de que necessitamos deve ser de busca e de ensino da Palavra de Deus.

Precisamos de um poderoso avivamento de ensino da Palavra de Deus, no templo, no lar, nos educandários da igreja, nas publicações, nos hinos cantados, etc. (cf. At 2.42; 5.42). Esse movimento de ensino da Palavra, por sua vez, conduz à salvação dos pecadores (At 13.12; Sl 51.13; Lc 20.1). O avivamento pelo ensino da Palavra é necessário para que vidas sejam “moldadas” (Mt 28.19) por meio da “disseminação do conhecimento das coisas do Senhor” (Mt 28.20). Por exemplo, o avivamento espiritual que precedeu o primeiro advento de Cristo teve como instrumento divino a Palavra de Deus (Lc 3.2).

Destruição de Ídolos

O verdadeiro avivamento leva o crente a destruir os ídolos do coração. Sem uma vida avivada no Espírito, as coisas naturais desta vida logo se tornam “deuses” dentro de nós, como: riquezas, sucesso, posição ou status, cultura acadêmica, trabalho extremado — de modo a deixar-nos sem tempo para a adorar a Deus —, glutonaria, diversões e passatempos “inocentes”, vaidades do espírito humano, etc.

São nesses casos ídolos do coração (Ez 14.3,4,7). Um tal ídolo em nossa vida é tudo aquilo que nela toma o lugar do verdadeiro Deus, e que ocupa o nosso coração, todo nosso tempo e toda nossa atenção. Samuel, o admirável homem de Deus, no avivamento dos seus dias, exortou o povo a destruir os seus próprios ídolos (1 Sm 7.3-6).

Deus é o Senhor absoluto da nossa vida, ou somos nós que mandamos em nós mesmos? Não há meio-termo, pois Deus não divide o seu senhorio, nem a sua glória com ninguém. Jacó, ao experimentar um avivamento do céu em sua vida, deu um basta nos ídolos de casa (Gn 35.1-4). Em 1 João 5.21, está escrito: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos”. Ora, tratando-se aqui de cristãos, a referência é a ídolos do coração.

O Modelo

Não há dúvidas de que a solução divina para neutralizar, deter e restringir os males que acossam os santos nesse tempo do fim é um verdadeiro avivamento, segundo o modelo da Palavra de Deus — sem inovações descabidas, sem distorções, sem manipulação humana, sem intermediários. O Espírito Santo é soberano. Que o Senhor nos avive segundo a sua Palavra, como bem disse o Salmista (119.25,154).

Em Levítico 10, dois sacerdotes ofereceram “fogo estranho” perante o Senhor e foram mortos no mesmo instante, ali mesmo. “Fogo estranho” era o fogo profano, não sagrado, não aprovado por Deus; fogo não obtido do altar dos sacrifícios. Desse tipo de fogo existe muito por aí, atualmente. Se a Lei continuasse em vigor hoje, os cemitérios estariam repletos de falsos avivalistas mortos. Atestado de Óbito: “Morte espiritual prematura por falsa identidade ideológica cristã”.

Mas esse avivamento segundo o modelo bíblico — promovido pelo Espírito, pois “o Espírito é o que vivifica” (Jo 6.63) — é harmônico e equilibrado (Êx 25.37,38; 1 Rs 7.49,50). O fogo sagrado das lâmpadas do candelabro era regulado, para que não se apagasse, mas também para que não se excedesse. Para isso, havia acendedores ou espevitadores (lit., “avivadores”), bem como reguladores do fogo (lit., “ajustadores do fogo, da chama”).

Nunca devemos interpretar a Bíblia à luz das nossas experiências espirituais, mas interpretar as nossas experiências espirituais à luz da Palavra de Deus. Do contrário, cairemos no experiencialismo extremado e antibíblico, como estamos vendo acontecer nos dias de hoje.

Avivamento na Casa de Deus e no Lar

Somente o verdadeiro avivamento nos leva a amar, zelar e ser assíduos, na Casa de Deus. Leia em sua Bíblia estas passagens: Levítico 19.30; Salmos 27.4; 84.10; 93.5; Eclesiastes 5.1 e João 2.13-17. A Casa do Senhor vem sofrendo hoje, em muitos sentidos; tudo por falta de avivamento dos que a frequentam. O avivamento deve acontecer igualmente na família, no lar cristão.

Não podemos ter igrejas avivadas, despertadas, renovadas, santificadas, com lares distanciados de Deus, indiferentes e mesmo refratários ao avivamento espiritual. Há várias passagens que comprovam esse avivamento a partir da família (Gn 35.1-7; Ne 8.2,3; Ed 8.21; 10.1; 2 Cr 20.13; 31.18; Êx 38.8).

Vemos, em Deuteronômio 20.5, que uma casa “edificada” precisa ser também “consagrada”. O avivamento pentecostal que ocorreu na origem à igreja, no dia de Pentecostes, ocorreu num lar, numa casa de família, e continuou assim (At 1.13; 5.42; Rm 16.5; 1 Co 16.19; Cl 4.15; Fm v. 2). É oportuno lembrar que o termo “lar”, no seu original latino, indica uma laje fortemente aquecida na cozinha da casa — isto é, o lugar onde permanecia aceso o fogo da casa; daí advém a palavra “lareira”.

Aviva, ó Senhor, a tua Obra!

O avivamento espiritual (ou reavivamento) é uma intervenção divina na vida da igreja, onde e quando Deus quer, em resposta ao clamor da igreja despertada para um avivamento (2 Cr 7.14). Precisamos, pois, nesses últimos dias, de um real avivamento — bíblico, soberano, poderoso, divino, sobrenatural, irresistível e duradouro —, incomparavelmente maior do que todos os precedentes, conforme a palavra profética de Joel 2.28.

Em Atos 2.17,18, está escrito: “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão” (At 2.17,18).

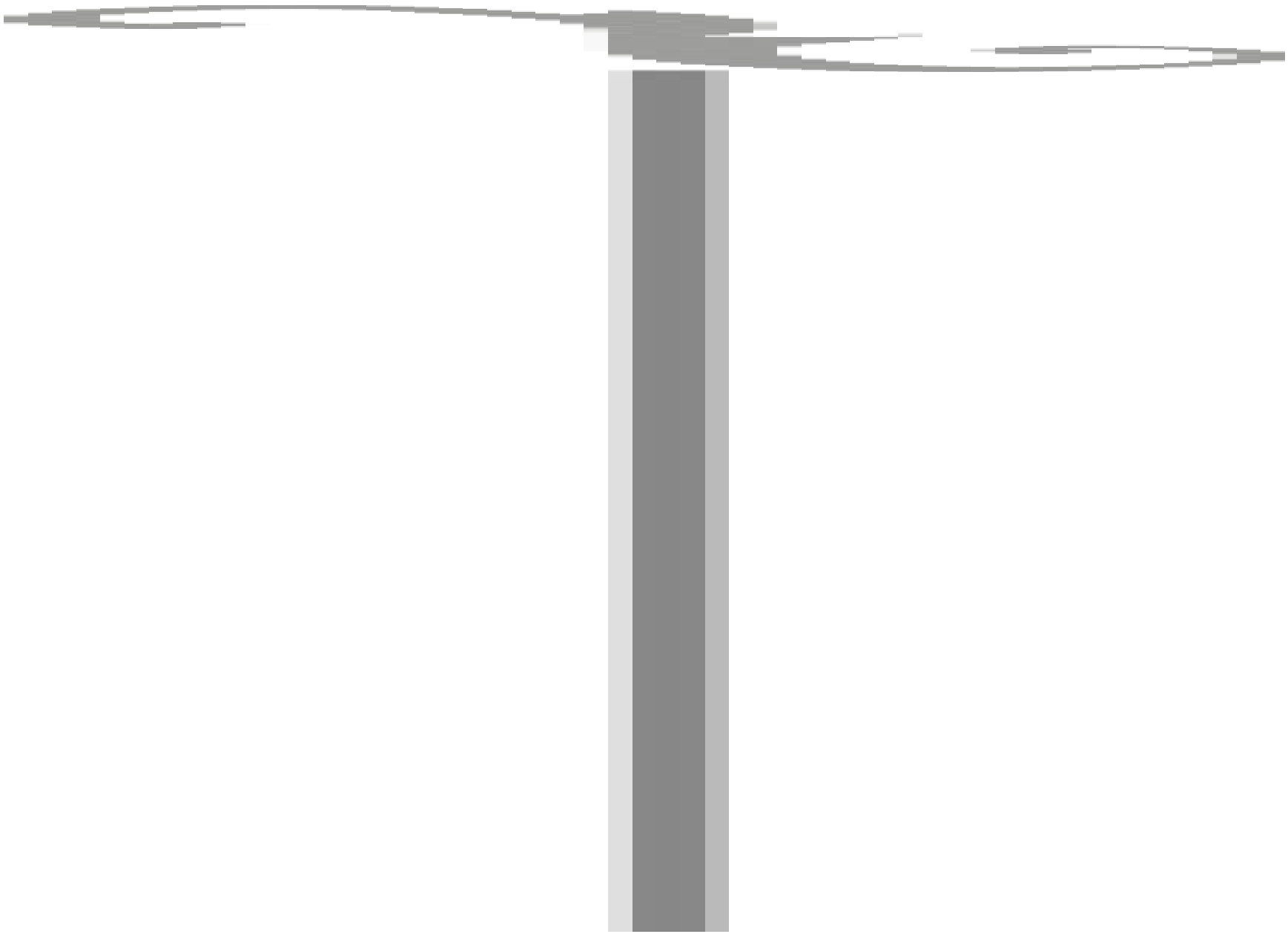
Mas a plenitude da promessa pentecostal, conforme Joel 2.29,31 — enfatizada por Pedro de modo parcial —, aguarda um pleno cumprimento futuro, como já

vimos: “derramarei o meu Espírito”. E esse avivamento atingirá a igreja, em geral, e as suas instituições. “AVIVA, ó SENHOR, a tua obra!”

C A P Í T U L O

8

PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO



Os pecados contra o Espírito Santo consistem em palavras, atitudes e atos. Entre os pecados por palavras, acham-se as afrontas verbais e as blasfêmias. As atitudes e os atos constam da resistência ao Espírito, e da recusa contínua de se cumprir a vontade de Deus. Contudo, a resistência ao Espírito é o pecado inicial que se comete contra o Consolador. Uma vez cometida esta ofensa, as demais parecerão de somenos importância, visto que o coração do ofensor, afetado terrivelmente pela iniquidade, considerará o pecado algo comum e corriqueiro.

Lembremo-nos de que o Espírito Santo, simbolizado nas Escrituras pela pomba, é muito sensível.

Pode-se Resistir ao Espírito?

Este pecado contra o Espírito pode ser compreendido pelo modo como Estêvão concluiu seu sermão diante dos anciãos de Israel: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo” (At 7.51). O pecado daqueles homens não era um ato isolado, mas contínuo: resistir “sempre” ao Espírito Santo.

O que é resistir ao Espírito Santo. É recusar, de forma consciente, a vontade divina transmitida pelo Espírito Santo mediante a Palavra de Deus e por meio de seu trabalho em nossos corações.

O sentido do texto bíblico. O verbo resistir usado por Estêvão no original vai além de uma mera resistência. Significa lutar contra; lutar com agonia; cair em cima. O povo de Israel até hoje sofre as consequências disso (1 Ts 2.15,16). O texto em estudo revela que os ouvintes de Estêvão lutavam contra o Espírito Santo, empregando nesta peleja todas as suas forças (cf. Zc 7.12; Gn 6.3; Is

30.1; Ne 9.30; Ez 8.3,6).

Você tem resistido ao Espírito Santo? Israel, o povo de Deus, fez isso por rebeldia contumaz, e o Espírito do Senhor voltou-se contra eles. Que relato terrível e condenatório (Is 63.10)!

Agravo ao Espírito da Graça

Acostumados como estavam ao culto levítico, e sob perseguição por causa do evangelho de Cristo, os cristãos de origem judaica começaram a deixar a igreja e a retornar ao judaísmo centrado no Templo em Jerusalém. Em Hebreus 10.29, eles são incisivamente exortados a não fazê-lo: “De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça?”

Aqueles irmãos cometeram três horrendos pecados: o de pisar o Filho de Deus; o de ter por comum o sangue da aliança; e o de agravar o Espírito Santo. Agravar, como aqui é empregado, é afrontar, ultrajar, debochar, zombar, injuriar, insultar com desdém.

O Espírito Santo se Entristece?

Na Epístola aos Efésios, exorta-nos Paulo: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o Dia da redenção. Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre vós” (Ef 4.30,31).

O que é a tristeza do Espírito Santo? O vocábulo original tem a ver com agravo, dor, aflição, angústia. Diante desta recomendação da Palavra de Deus, um teólogo asseverou: “O Espírito, que faz os homens experimentarem a verdade, é envergonhado quando os santos mentem uns para os outros e têm conversas vãs”.

O que pode entristecer o Espírito Santo? Matthew Henry responde: “Toda conversação maligna e corrupta, que estimule os desejos pecaminosos e a luxúria, contrista o Espírito Santo”. O Espírito Santo também é entristecido quando, desprezando a vontade divina, preferimos seguir nossos desejos e ambições; quando o cristão não reverencia a sua presença manifesta e ignora a sua voz; e quando o crente não busca a sua vontade e direção.

Pode-se Mentir ao Espírito?

A mentira ao Espírito Santo está categoricamente exemplificada na passagem em que Pedro, pelo Espírito Santo, denuncia a mentira de Ananias e Safira: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade?” (At 5.3).

Qual é o sentido da palavra “mentira”, em Atos 5.3? Aqui, o termo original corresponde a contar uma falsidade como se fosse verdade. Ananias e Safira, certamente, ensaiaram esta mentira, como pode ser visto no versículo 9.

Quais são as implicações de se mentir ao Espírito Santo? Quem mente ao Espírito Santo, menospreza a sua deidade; Ele é Deus (vv. 3,4). Como a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, Ele é onisciente, onipresente e onipotente. Isso significa que o Espírito Santo tudo sabe e tudo conhece. Logo, mentir e tentar o

Espírito do Senhor (v. 9), é testar a tolerância de Deus, isto é, pecar até enquanto Deus suportar. (cf. Nm 14.22,23; Dt 6.16; Mt 4.7).

Não Apagueis o Espírito!

Paulo escrevendo aos irmãos de Tessalônica, exortou-os: “Não extingais o Espírito” (1 Ts 5.19). Tem-se a impressão de que aquela igreja, esquecendo-se de seu primeiro fervor (1 Ts 1.2,3,7), tornara-se formalista; sua liturgia começava a extinguir o Espírito Santo. Se por um lado, não podemos concordar com as meninices e fanatismos; por outro, não haveremos de nos conformar ao mero ritualismo, pois sempre resulta na supressão e extinção das operações do Espírito Santo em nosso meio.

O que é extinguir o Espírito Santo? O termo traduzido por “extinguir”, referente ao Espírito Santo, tem o sentido colateral de apagar aos poucos uma chama, um fogo que está a arder. Portanto, extinguir o Espírito é agir de modo a impedir, suprimir ou limitar a manifestação do Espírito do Senhor. Quando perdemos o primeiro amor, extinguimos ou apagamos de nossas vidas o Espírito de Cristo (Ap 2.4).

Qual é o perigo de se extinguir o Espírito Santo? A extinção das operações do Espírito Santo na vida da igreja quando não é letal, a adoece e debilita, sem que ninguém o perceba. Mais tarde, resta somente a lembrança do passado quando o fogo do céu ardia. Sempre que for detectada a falta de operações do Espírito Santo em nosso meio, devemos clamar a Deus sem cessar por um avivamento espiritual. A extinção do Espírito Santo leva a igreja à mornidão espiritual (Ap 3.14-22).

A Blasfêmia contra o Espírito

O que é blasfemar contra o Espírito Santo? Encontrava-se o Senhor Jesus numa sinagoga em Cafarnaum, a sua cidade, quando lhe trouxeram um endemoninhado cego e mudo. Jesus por sua compaixão libertou totalmente o homem possesso. Os fariseus alegaram que Ele operara tal milagre pelo poder do chefe dos demônios. Era o cúmulo do pecado deles contra o Espírito Santo (Mt 12.24).

Jesus lhes disse: “Todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro” (Mt 12.31,32; Mc 3.28-30; Lc 12.10).

Os adversários de Jesus blasfemavam contra Ele e o Espírito Santo, declarando consciente, proposital e seguidamente que Jesus operava milagres pelo poder de Satanás, o chefe dos demônios (Mt 9.32-34; 12.22-24; Mc 3.22; Lc 11.14,15). Com essa blasfêmia, eles estavam rejeitando de modo deliberado o Espírito Santo que operava em Jesus, o Messias (Mt 12.28; Lc 4.14-19; Jo 3.34; At 10.38).

A blasfêmia contra o Espírito Santo é imperdoável? O ser humano pode chegar a tal cegueira espiritual a ponto de blasfemar contra o Espírito. Ver Mt 23.16, 17, 19, 24, 26. A blasfêmia contra o Espírito de Deus é a consequência de pecado similares que a precedem, como:

• Rebelar-se e resistir ao Espírito (Is 63.10; At 7.51).

• Abafar e apagar o fogo interior do Espírito (1 Ts 5.19; Gn 6.3; Dt 29.18-21; 1

Ts 4.4).

• Endurecimento total do coração — cauterização da consciência e cegueira total. Chegando o ser humano a este ponto, torna-se réprobo quanto à fé (2 Tm 3.8) e passa a chamar o mal de bem e o bem de mal (Is 5.20).

Portanto, a blasfêmia contra o Espírito do Senhor é imperdoável porque sendo Ele o que nos convence do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7-11), e, que intercede por nós (Rm 8.26,27), é recusado, rejeitado e blasfemado (cf. 1 Sm 2.25).

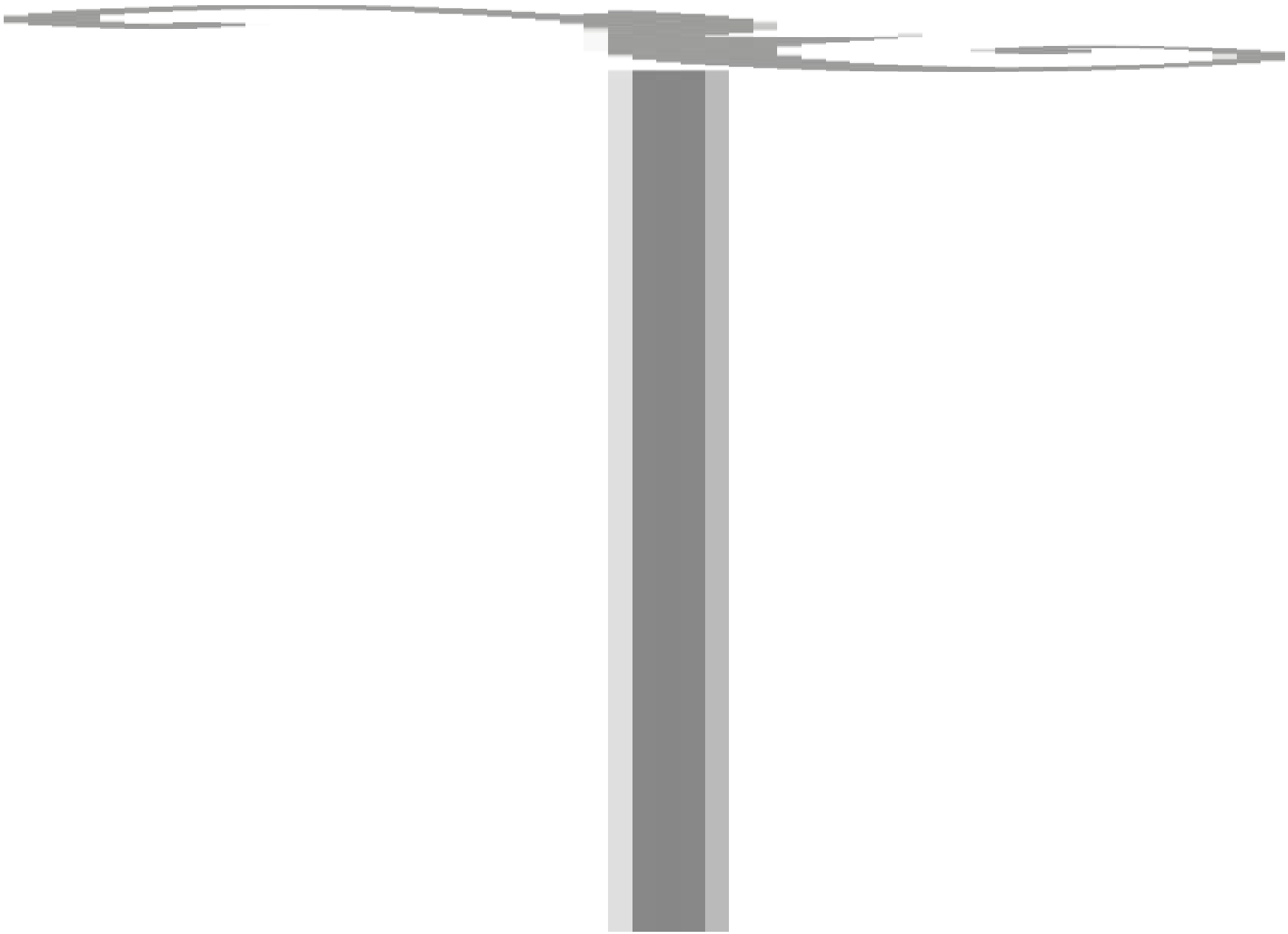
O Movimento Pentecostal somente poderá lograr bom êxito em qualidade e quantidade se nos mantivermos nos padrões da sã doutrina e revestidos do poder do Alto. Poder de baixo, humano, terreno, não temos falta; mas necessitamos sempre do poder do Alto, que põe a igreja em marcha (Lc 24.49).

É impensável o Movimento Pentecostal sem o Espírito Santo. Não podemos cometer nenhum pecado contra Ele, a fim de que o mantenhamos conosco e em nós. Se fracassarmos, poderemos comprometer, fatalmente, o nosso destino eterno. Que o Senhor nos ajude a sermos sadios na fé, maduros no entendimento e zelosos na manutenção da chama do autêntico avivamento espiritual. Este, aliás, é o assunto do próximo capítulo: o modelo do genuíno Pentecostes.

C A P Í T U L O

9

O MODELO DO VERDADEIRO PENTECOSTES



Vivemos num tempo marcado por imitações, inovações, misticismo, falsificações e mudanças injustificáveis dentro da igreja. Vivemos na era dos substitutivos, do artificialismo, das aparências. A era dos plásticos, dos "aglomerados", dos sabores artificiais, do vulcacouro, etc. Qual é a aplicação de tudo isso no campo espiritual?

A Palavra de Deus alerta, em Romanos 1.23,25,26, quanto a mudanças indevidas e seus resultados funestos para a igreja. Daniel menciona "mudanças" como uma das características do tempo do Anticristo. E essas são muitas e injustificáveis, como a Teologia da Libertação, o Culto da Prosperidade, além de um elevado número de fatos e eventos registrados na Bíblia transformados em doutrina pelos falsos mestres.

Em 2 Coríntios 4.2, lemos sobre o perigo da falsificação da Palavra de Deus e o que devemos fazer para não sermos enganados: "antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade".

Há um padrão bíblico para a igreja (2 Tm 1.13; Hb 8.5). E os que a edificam devem atentar para o que está escrito em 1 Coríntios 3.10: "Segundo a graça de Deus que foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele", pois a obra de cada um se manifestará (v. 13). Cuidado, os edificadores da igreja; os que fazem discípulos para o Senhor (Mt 28.19).

Características do Verdadeiro Pentecostes

-

Há quatorze palavras-chaves — ou frases —, em Atos 2, que marcaram o primeiro Pentecostes, indicando fatos que devem acompanhar o verdadeiro Pentecostes através dos tempos.

• Pentecostes — “E cumprindo-se o dia de Pentecostes” (v. 1).

• Todos (vv. 1,4,17,21,39,43,44).

• Reunidos — “reunidos no mesmo lugar” (v. 1).

• Céu — “veio do céu” (v. 2).

• Som — “um som como de...” (v. 2).

• Vento — “como de um vento veemente e impetuoso” (v. 2).

• Casa — “a casa em que estavam...” (v. 2).

• Línguas — “línguas repartidas como que...” (v. 3).

• Fogo — “como que de fogo” (v. 3).

• Cheios — “E todos foram cheios do Espírito Santo” (v. 4).

• Nações — “de todas as nações” (v. 5).

• Zombaria — “e outros, zombando, diziam...” (v. 13).

• Pedro — “Pedro, porém, pondo-se em pé...” (v. 14).

• A Palavra de Deus (vv. 16-36).

Meditemos, pois, nessas palavras, tendo em mente o contexto do primeiro derramamento pentecostal, e comparemos isso com o que ora ocorre em nosso meio.

O Significado de Pentecostes

Em Levítico 23, Deus estabeleceu sete festas sagradas para Israel observar, as quais prefiguravam, de antemão, todo o curso da história da igreja. Essas festas sagradas falam também do caráter alegre que caracterizaria a igreja, pois festa pressupõe alegria. E Jesus sempre foi um homem alegre, apesar de viver à sombra da horrenda cruz!

Das sete festas sagradas de Israel, a quarta era a de Pentecostes (Lv 23.15,16), também chamada de Festa das Semanas (Dt 16.10) e Festa das Colheitas (Êx 23.16). A Festa de Pentecostes ocorria no terceiro mês, Sivã, e durava um dia —

dia 6 de Sivã, mês que corresponde mais ou menos ao nosso junho.

A Festa de Pentecostes era precedida de três outras festas conjuntas:

• Páscoa — 14 de Abibe. Durava um dia.

• Pães Asmos — de 15 a 22 de Abibe. Durava, pois, sete dias.

• Primícias — 16 de Abibe. Durava um dia.

As três levavam oito dias e eram celebradas no mês de Abibe, o primeiro do calendário sagrado de Israel. O primeiro mês do calendário civil era Tisri, que corresponde mais ou menos ao nosso outubro.

A Festa de Pentecostes era seguida de três outras festas:

• Trombetas — 1º. de Tisri. Durava um dia. Tisri era o início do ano civil de Israel.

• Expiação — 10 de Tisri. Durava um dia. Era “o grande dia da Expiação”.

• Tabernáculo — de 15 a 21 de Tisri. Durava, pois, sete dias.

Como se vê, estas três últimas festas eram todas celebradas num mesmo mês (Tisri).

Pentecostes era a festa central das sete que o Senhor determinou para Israel observar, conforme Levítico 23. Ou seja, eram realizadas três festas antes de Pentecostes, e três, depois (3 + 1 + 3). Isso fala da importância do batismo com o Espírito Santo para a igreja, e do equilíbrio espiritual que resulta dele.

Ninguém sabe, ao certo, o dia do Natal de Cristo, nem o da sua morte, porém todos sabem o dia da sua ressurreição (primeiro dia da semana), bem como o Dia de Pentecostes (quinquagésimo dia após as Primícias). Depois das Primícias, contavam-se sete semanas, vindo a seguir o Dia de Pentecostes (7 x 7 semanas + 1 dia = 50 dias). Há, pois, uma profecia típica na Festa de Pentecostes, que falava da ressurreição de Cristo (Lv 23.15; 1 Co 15.20). Isso mostra também que sem Páscoa — isto é, o Cordeiro de Deus morto e ressurreto — não teríamos Pentecostes!

Mas, faz-se necessário explicar a profecia típica da Festa de Pentecostes. Na festa das Primícias era movido perante o Senhor um molho (um feixe) de espigas de trigo (Lv 23.10,11). Na Festa de Pentecostes eram movidos perante o Senhor dois pães de trigo (Lv 23.15-17). Isso falava da igreja, que seria composta de judeus e gentios — formando um só corpo, o Corpo de Cristo (Ef 2.14; Jo 11.52). Quanto ao feixe de espigas, fala da união, mas os pães vão além: representam unidade (Ef 4.3). Numa espiga, como é fácil verificar, os grãos estão presos a ela, mas distintos uns dos outros.

Comparemos o trigo de Josué 5.10-12 com o de João 12.24. Num feixe de espigas, os grãos estão simplesmente presos à espiga, mas distintos uns dos outros. Num pão é diferente: o trigo é o mesmo, enquanto os grãos passaram por um multiforme processo, formando agora um todo — um corpo único. O

derramamento pentecostal fez isso na formação da igreja, conforme lemos em Atos 2, e quer continuar fazendo o mesmo hoje.

Todos Reunidos

As palavras “todo” e “todos” aparecem diversas vezes em Atos, especialmente no segundo capítulo:

• Todos reunidos no mesmo lugar (v. 1).

• Todos cheios do Espírito Santo (v. 4).

• A menção de Pedro de que Deus derramaria do Espírito sobre toda a carne (v. 17).

• A promessa de salvação para todo aquele que invocar o nome do Senhor (v. 21).

• Todos os que estão longe (v. 39).

• Em toda a alma havia temor (v. 43).

• Todos os que criam estavam juntos (v. 44).

Como a palavra “todos” é inclusiva, todos os salvos são candidatos ao batismo com o Espírito Santo. Observe, contudo, que a salvação não é o batismo com o Espírito Santo; este deve seguir-se à salvação. Os discípulos do Senhor, juntamente com as mulheres — Maria e outras (At 1.13,14) — já eram salvos antes do Dia de Pentecostes.

A Palavra de Deus elimina qualquer dúvida nesse sentido. Em Atos 2.38,39, fica claro que o batismo com o Espírito Santo é destinado a pessoas salvas, membros do corpo de Cristo. Retrocedendo um pouco na leitura, vemos a ênfase: “sobre meus servos e minhas servas” (v. 18). E Paulo perguntou aos varões de Éfeso: “Recebestes vós já o Espírito Santo quanto crestes?” (At 19.2), numa demonstração de que o revestimento de poder é subsequente à experiência do novo nascimento. Por isso, Jesus salientou que o mundo não pode receber o Espírito de Deus (Jo 14.17).

Em Atos 2.1, está escrito: “Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar”. Isso indica não somente união, mas unidade no Espírito Santo (cf. v. 4). Acabaram-se as discordâncias, as contendas, as divergências pessoais em torno das coisas de Deus, e todos estavam ali, juntos, reunidos. Mentalizemos, pois, João, Pedro, Tomé, unidos...

Um Som Vindo do Céu

No dia do prometido derramamento de poder celestial, a Palavra de Deus diz que veio do céu um som como de um vento (At 2.2). O que está ocorrendo atualmente em sua vida, em sua igreja, em seu movimento religioso? Isso tudo vem mesmo do céu? Ou vem simplesmente dos homens? Leia Jeremias 17.9. Ou vem do astuto Enganador? É importante que reflitamos sobre a origem daquilo que sentimos. O verdadeiro revestimento de poder do Espírito vem do alto (Lc 24.49; At 11.15), mas a Palavra de Deus nos alerta quanto a “outro espírito” (2

Co 11.4).

Observemos que o Espírito Santo veio primeiramente como um som. Um som para despertar os dormentes; para acordar do sono espiritual. Um som para alertar de perigo; para avisar. Um som para convocar para o trabalho; para reunir (1 Co 14.8). Um som para a igreja louvar a Deus, com “música de Deus” (1 Cr 16.42; Cl 3.16). O som que veio do céu era como de um vento. Isto é, não houve vento natural de fato, e sim algo semelhante a seus efeitos sonoros, circundantes e propulsores. O que isso representa?

• O vento fala de força impulsora — como nas velas dos barcos, nos moinhos, etc.

• O vento separa — a palha do grão (Sl 1.4; Mt 3.12); separa o leve do pesado.

• O vento move e movimenta — água, árvores.

• O vento fertiliza — levando pólen, a vida (Cl 4.16; Jo 3.5,8).

• O vento limpa — árvores, campos, etc.

• O vento não tem cor — favoritismo, individualismo, discriminação.

• O vento não pertence a um clima único — é universal.

• O vento se move continuamente (cf. Ec 1.6; Gn 1.2).

• O vento não tem cheiro, mas espalha perfume — aqui é importante refletir sobre o papel do Altar do Incenso, no Tabernáculo.

• O vento, quando se move, é infalivelmente sentido, notado.

• O vento refresca e suaviza no calor.

• O vento — o ar — alimenta e vivifica (pulmões, a vida orgânica). Em Ezequiel 37.8-10, naquela visão que Deus deu ao profeta sobre um vale de ossos secos, vemos nos corpos: ossos, nervos, carne, pele, mas não vida, até que o Espírito assoprou sobre eles. Aleluia! Há muitos crentes por aí que têm de sobra “ossos, nervos, carne e pele”, porém falta-lhes a vida abundante do Espírito.

• O vento é misterioso (Jo 3.8).

Cabe aqui um aviso: devemos ter cuidado com as falsificações, isto é, os ventos nocivos, que não provém do Espírito de Deus (Mt 7.25; Ef 4.14).

A Casa Ficou Cheia

O som como de um vento veemente e impetuoso encheu toda a casa (At 2.2).

Aquele primeiro derramamento do Espírito ocorreu numa residência, numa casa de família. Isso leva-nos a refletir sobre o importante papel da família cristã cheia do Espírito Santo, para a igreja. A família, como primeira instituição divina na terra, foi o meio pelo qual Deus iniciou o ciclo da história humana. Foi por meio dela, ainda, que Ele fundou a nação que traria o Messias ao mundo. E, por fim, o Senhor serviu-se de uma família para que dela nascesse o Messias.

É devido a grande importância que a família tem para todos e para tudo na face da terra que o Inimigo — com todas as suas hostes — luta para destruí-la, inclusive dentro da igreja. Mas observemos como Deus cuida da família:

• Em Atos 2.17, vemos que todos os membros da família estão incluídos na promessa pentecostal: “vossos filhos e vossas filhas, vossos jovens e vossos velhos”.

• Antes de julgar o mundo com um dilúvio, Deus proveu salvação para Noé e toda a sua família (Gn 6.18).

• Em Êxodo 12.3,4, vemos que o Senhor instruiu cada família a tomar um cordeiro para si. Na noite em que Ele julgou os egípcios, os israelitas foram milagrosamente salvos pelo sangue do cordeiro.

• Na expressão “serás salvo tu e tua casa” (At 16.31) vemos a promessa de Deus para os chefes de família.

Línguas como que de Fogo

O texto de Atos 2.3 mostra que línguas como que de fogo foram repartidas. O verdadeiro Pentecostes tem algo para se ouvir do céu (“veio do céu um som”); para se ver do céu (“foram vistas por eles línguas”); e para repartir, também vindo do céu (“línguas repartidas”).

Línguas estranhas seguem-se ao derramamento do Espírito; não o precede — “Foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas” (At 2.4). Línguas, no derramamento pentecostal, indicam o evangelho falado, pregado, cantado, comunicado. Porém, são línguas “como que de fogo”, e não língua de flores.

Vários dons do Espírito Santo são exercidos através da língua, da fala. Deus usou as línguas estranhas como sinal externo do batismo com o Espírito Santo, para demonstrar sua inteira posse e controle da nossa língua, ao batizar-nos (Tg 3.8). Mediante a comparação dos textos de Atos 2.4, 10.44-46 e 11.15, vemos, pela lei da primeira referência, que as línguas estranhas são a evidência física inicial do batismo com o Espírito Santo.

As línguas estranhas são apresentadas, também, como um dos dons do Espírito Santo (1 Co 12.10,30). Quando comparamos as passagens de Atos 2.17 e 19.6, vemos que os dons espirituais podem ser concedidos por Deus no momento do batismo com o Espírito. Como foi o seu batismo? Como você foi ensinado sobre essas coisas da Bíblia?

Essas línguas são “como que de fogo”, isto é, fogo sobrenatural, celestial, e não fogo estranho. Vejamos a aplicação espiritual desse “fogo do céu”:

• O fogo alastra-se, comunica-se.

• O fogo purifica. Contra a impureza espiritual, a principal força é o Espírito Santo.

• O fogo ilumina. É o saber; o conhecimento das coisas de Deus.

• O fogo aquece. A igreja é o corpo de Cristo. Todo corpo vivo é quente.

• O fogo, para queimar bem, depende muito da madeira; se é boa ou ruim.

• O fogo tanto estira o ferro duro, como a roupa macia.

• Foi o fogo do céu que fez do templo de Salomão a casa de Deus (2 Cr 7.1; 1 Co 3.16).

“Quem nasce sob o fogo não esmorece sob o sol”.

Cheios do Espírito Santo

A caixa d’água, quanto mais cheia e mais alta, mas pressão e peso tem! Observe que, no Dia de Pentecostes, não somente os crentes foram cheios, mas também o ambiente: a casa (At 2.2). Os símbolos e figuras manifestos ali falam de poder, como fogo e vento. Cheios do Espírito, usufruímos o poder, a energia e a força, mesmo não sabendo definir plenamente essas gloriosas manifestações do Espírito (cf. Jo 3.8).

As Nações

No Dia de Pentecostes, vemos que as nações estavam presentes (At 2.5). Jesus já havia feito a declaração sobre isso, em Atos 1.8. E aqui devemos refletir sobre evangelização e missões (Mc 16.15), obras que devemos fazer impulsionados pelo poder do Espírito Santo. Não há como negar aqui a realidade de que o verdadeiro movimento pentecostal terá de ser um movimento missionário, nacional e mundial!

O verdadeiro movimento pentecostal, missionário, ora pelas missões; contribui para as missões; promove as missões! É um movimento que vai ao campo missionário. A igreja que não evangeliza, muito breve deixará de ser evangélica. Por isso, devemos encarar com amor e responsabilidade, sob a orientação do Espírito, a obra da evangelização à nossa volta, levando sempre em conta o fenômeno da transculturação relacionado com Missões.

A Pregação da Palavra de Deus

Diante da manifestação do Espírito de Deus no dia de Pentecostes, muitos zombaram, dizendo: “Estão cheios de mosto” (At 2.13). Esses zombadores não eram pessoas ímpias, e sim religiosas. Hoje não acontece a mesma coisa? Há muitos zombadores e críticos religiosos. A Palavra de Deus afirma que, no último tempo haveria escarnecedores (Jd v. 18). E, quando não aparece um Judas Iscariotes do lado de dentro da igreja, surge um Pilatos do lado de fora, ainda se defendendo (Mt 27.24). Não obstante, devemos continuar a fazer como Jesus — fazer a obra que Deus nos confiou, porque os críticos e zombadores sempre os teremos aqui.

Pedro, então, cheio do Espírito Santo, pôs-se em pé e, além de dar uma resposta aos zombeteiros, pregou a Palavra de Deus (At 2.14,15). Reflitamos sobre este homem de Deus. Quem era Pedro antes do Pentecostes? Depois daquele dia em que o poder do Espírito desceu sobre ele, nunca mais foi o mesmo! Daí para a frente ele jamais mudou (1 Pe 1.1-5; 2.4).

A teologia modernista, liberalista e especulativa está permeando o mundo. Que, à semelhança de Pedro, coloquemo-nos em pé e, pelo poder do Espírito, respondamos às suas críticas infundadas, pregando o evangelho. Qual foi, então, a resposta de Pedro? Ele disse: “isto é o que foi dito pelo profeta Joel”. Observemos que a primeira pregação da igreja foi pura exposição da Palavra de Deus (At 2.16-36).

Nosso ministério e nossa congregação experimenta um abundante e poderoso ministério da Palavra? E a pregação e o ensino pentecostal devem ter “endereço” certo: o coração do ouvinte — “E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração” (At 2.37).

Há atualmente um esvaziamento da Palavra de Deus no púlpito de inúmeras igrejas. O tempo que deveria ser da Palavra do Senhor é ocupado por música e canto profissionais — não o genuíno louvor — e atividades sociais, restando alguns minutos para a pregação da Palavra de Deus. Daí o elevado número de “retardados espirituais” nessas igrejas. Como está a sua igreja, em particular?

É preciso vigilância com os chamados hinos especiais duplos e triplos de cantores, conjuntos e corais. Vemos, em Êxodo 30.34-38 e 2 Crônicas 29.27, como são necessários equilíbrio e dosagem na adoração a Deus. Considere, aqui, o texto de 1 Coríntios 14.40 à luz da expressão “porão em ordem”, relacionada com o holocausto ao Senhor (Lv 1.7,8,12).

Conservando o Verdadeiro Pentecostes

Há algumas coisas que ocorreram no primeiro Pentecostes que trazem à tona as condições da nossa parte para usufruirmos o verdadeiro poder pentecostal em nossos dias:

• Obediência à vontade do Senhor (Lc 24.49; At 1.12-14). A desobediência é um entrave à operação divina em nossa vida (At 5.32).

• União e unidade entre os crentes (At 1.14; 2.1; Ef 4.3). Imaginemos João, Pedro, Tomé e outros, em conjunto com as mulheres, com as suas diferenças, todos reunidos...

• Oração perseverante e unânime (At 1.14).

Mas, além de valorizarmos tais condições, que possibilitam o usufruto do verdadeiro Pentecostes, não podemos ignorar a importância de o conservarmos. Na Lei havia apagador de fogo (Êx 25.38), mas na Graça não! Medite em Mateus 12.20 e 1 Tessalonicenses 5.19. Nesta última referência, a mensagem para nós é clara: “Não apagueis o Espírito” (ARA), como temos enfatizado ao longo desta obra.

A conservação do poder pentecostal vem pela constante renovação espiritual do crente. Em Tito 3.5, está escrito que a regeneração é seguida da renovação. Quanto a este importante elemento mantenedor do verdadeiro Pentecostes, leia: Atos 4.8,31; 6.5; 7.55; 11.24; 13.9,52; Romanos 12.2; 2 Coríntios 4.16; Efésios 4.23; 5.18; e Colossenses 3.10. Medite também sobre a vida espiritual renovada em Salmos 92.10; 103.5; 104.30; 119.25, 37,40,50,88,93,97,154,156,159. Se não

atentarmos para a necessidade da contínua renovação espiritual, corremos o risco de “terminar na carne” (Gl 3.3).

Algumas Recapitulações

O derramamento do Espírito sobre o crente é chamado de batismo (At 1.5; Mt 3.11). Em todo batismo, como já vimos, tem de haver três condições: o candidato a ser batizado, o batizador e o elemento em que o candidato vai ser imerso. No batismo “com o” ou “no” Espírito Santo, o candidato é o crente; o batizador, o Senhor Jesus; e o elemento ou o meio em que o crente é imerso, o Espírito Santo.

Há diferença entre ser cheio do Espírito Santo e ser batizado com o Espírito Santo. Uma garrafa pode estar cheia de água, e não “batizada” em água. Ela estará cheia de água e “batizada” quando estiver cheia de água e imersa em água (cf. Dt 34.9; Mq 3.8; Lc 1.67).

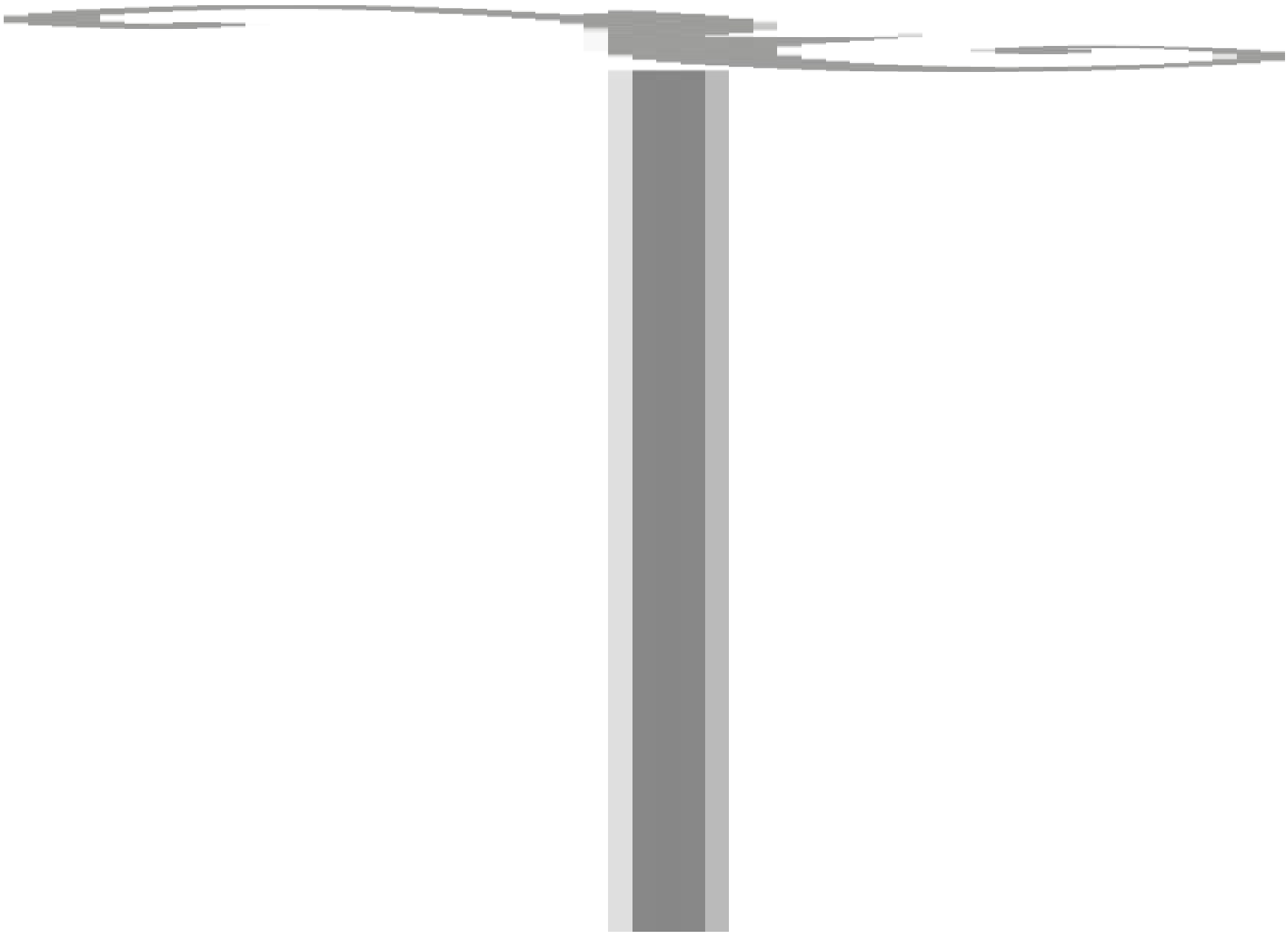
Quanto à passagem de João 20.22, é preciso esclarecer que ali Jesus não se referiu ao batismo pentecostal. Faz-se, pois, necessária uma abordagem aqui de três diferentes sopros divinos vistos nas Escrituras. O primeiro vivificou e animou o homem material, Adão (Gn 2.7). O segundo vivificou e animou o homem espiritual, o crente (Jo 20.22). O terceiro sopro da parte de Deus — o batismo pentecostal — capacita o crente para o serviço do Senhor (At 1.8).

O primeiro homem — o homem natural, adâmico — teve uma vocação terrena (1 Co 15.47); o novo homem, criado em Cristo ressurreto, tem uma vocação especial, celestial, santificante (Hb 3.1; Ef 4.24). Portanto, como homens espirituais, necessitamos desse sobre-excelente e indispensável poder derramado sobre a igreja, e a promessa desse derramamento do Espírito é extensiva a todos nós.

C A P Í T U L O

10

AS MINISTRAÇÕES DO ESPÍRITO AO CRENTE



Em razão de suas operações dinâmicas (Gn 1.2), o Espírito Santo é mais mencionado no Antigo Testamento como “Espírito”. Já no Novo Testamento, Ele é citado como “Espírito Santo”, o que destaca seu principal ministério na igreja: santificar o crente. Esta distinção de ofício do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento é claramente percebida em 2 Coríntios 3.7,8. O versículo 8 assevera: “Como não será de maior glória o ministério do Espírito?”

Em Relação à Salvação

-

O novo nascimento pelo Espírito (Jo 3.3-8). O novo nascimento abrange a regeneração e a conversão, que são dois lados de uma só realidade. Enquanto a regeneração enfatiza o nosso interior, a conversão, o nosso exterior. Quem diz ser nascido de novo deve demonstrar isso no seu dia a dia. A expressão “de novo” (v. 3), de acordo com o texto original, significa “nascer do Alto, de cima, das alturas”. Isto quer dizer que se trata de um nascimento espiritual realizado pelo Espírito Santo. O homem natural, portanto, desconhece esse novo nascimento (vv. 4-12; Jo 16.7-11; Tt 3.5).

A habitação do Espírito no crente (Jo 14.16,17; Rm 8.9). No Antigo Testamento, o Espírito agia entre o povo de Deus (Ag 2.5; Is 63.11b), mas com o advento de Cristo e por sua mediação, o Espírito habita no crente (Jo 20.21,22). Este privilégio é também reafirmado em 1 Coríntios 3.16; 6.19; 2 Coríntios 6.16; e Gálatas 4.6.

O testemunho do Espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.15,16). Esse testemunho é uma plena convicção produzida no crente pelo Espírito Santo de que:

Deus é o nosso Pai celeste. “Pelo qual clamamos: “Aba, Pai” (v. 15).

Somos filhos de Deus. “O mesmo Espírito testifica... que somos filhos de Deus” (v. 16). É pois, um testemunho objetivo e subjetivo, da parte do Espírito Santo, concernente a nossa salvação em Cristo.

A fé pelo Espírito Santo para a salvação. É a vida de fé (Rm 1.17), “pelo Espírito” (Gl 5.5). Tal fé, segundo Atos 11.24, procede do Espírito, a fim de que o crente permaneça fiel por meio da manifestação do fruto do Espírito (Gl 5.22b). Uma coisa decorre da outra. Os heróis de Hebreus 11 venceram “pela fé”, porque o Espírito a supria (2 Co 4.13; Hb 10.38).

A santificação posicional do crente. A santificação sob este aspecto é perfeita e completa “em Cristo”, mediante a fé. Ela ocorre por ocasião do novo nascimento (1 Co 1.2; Hb 10.10; Cl 2.10; 1 Jo 4.17; Fp 1.1), sendo simultânea com a justificação “em Cristo” (1 Co 6.11; Gl 2.17a).

Em Relação aos Salvos

-

O batismo “do” ou “pelo” Espírito Santo para o crente (1 Co 12.13; Gl 3.27; Rm 6.3). Este batismo “do” ou “pelo” Espírito é algo tão real, apesar de ser espiritual, que a Bíblia o denomina como “batismo”. Em todo batismo, como já afirmamos, há três pontos inerentes: um batizador; um batizando; e um meio em que o candidato é imerso.

No batismo pelo Espírito Santo, o batizador é o Espírito de Deus (1 Co 12.13); o batizando é o novo convertido; e o elemento em que o recém-convertido é imerso, a Igreja, como corpo místico de Cristo (1 Co 12.27; Ef 1.22, 23).

Portanto, o Espírito Santo realiza esse batismo espiritual no momento da nossa conversão, inserindo o crente na Igreja (Mt 16.18). Logo, todos os salvos são batizados "pelo" Espírito Santo para pertencerem ao corpo de Cristo — a Igreja, mas nem todos são batizados "com" ou "no" Espírito.

O batismo "com" ou "no" Espírito Santo (At 1.4, 5, 8; 2.1-4; 10.44-46; 11.16; 19.2-6). A evidência física desse glorioso batismo são as línguas sobrenaturais faladas pelo crente conforme o Espírito concede. É uma ministração de poder do alto pelo Espírito, provida pelo Pai, mediante o Senhor Jesus (Jo 14.26; At 2.32,33), como já vimos no capítulo 4.

O fruto do Espírito através do crente (Gl 5.22, 23; Ef 5.9; Jo 15.1-8, 16). A evidência de que alguém continua cheio do Espírito é a manifestação do fruto do Espírito em sua vida (Mt 3.8; 7.20). Um cristão que afirma ser nascido de novo, mas seu modo de viver dentro e fora da igreja desmente o que ele afirma, é uma contradição; um escândalo e pedra de tropeço para os descrentes e os cristãos mais fracos. É pela sua habitação e presença permanente no crente, regendo-o em tudo, que o Espírito produz o seu fruto, como descrito em Gálatas 5.22.

A santificação progressiva do crente (1 Pe 1.15,16; 2 Co 7.1; 3.17,18). Essa verdade é declarada no texto original de Hebreus 10.10,14. No versículo 10, a ênfase recai sobre o estado ou a posição do crente — santo: "Temos sido santificados". O versículo 14, no entanto, não só reafirma o estado anterior, "santo", como declara o processo contínuo de santificação proveniente de tal posição: "sendo santificados". Aqui temos a santificação posicional e progressiva. Trataremos deste assunto no capítulo 14.

A oração no Espírito (Rm 8.26, 27; Ef 6.18; Jd v.20; Zc 12.10; 1 Co 14.14, 15). Esta ministração do Espírito no crente, capacita-o a orar, inclusive a interceder por outros. Logo, só podemos orar de modo eficaz se formos assistidos e vivificados pelo Espírito Santo. A "oração no Espírito" de que trata Judas, no

versículo 20, refere-se a essa capacidade concedida pelo Espírito.

O Espírito Santo como selo e penhor (2 Co 1.22; Ef 1.13, 14; 4.30; 2 Co 5.5). Devemos observar que, nos tempos bíblicos, o selo era usado para designar a posse de uma pessoa sobre algum objeto ou coisa selada. Por conseguinte, indicava propriedade particular, segurança e garantia. Este selo, portanto, não é o batismo com o Espírito Santo, mas a habitação do Espírito no crente, como prova de que o mesmo é posse ou propriedade particular de Deus.

Juntamente com o selo é mencionado o "penhor da nossa herança" (Ef 1.14). De modo semelhante ao selo, o penhor era o primeiro pagamento efetuado a fim de se adquirir uma propriedade. Mediante esse "depósito", a pessoa assegurava o objeto como propriedade exclusiva. Assim, o Senhor deu-nos o Espírito Santo, como garantia de que somos sua propriedade exclusiva e intransferível. O Senhor Jesus "investiu" em nós imensuráveis riquezas do Espírito como penhor ou garantia de que muito em breve Ele virá para levar para Si sua propriedade peculiar, a Igreja de Deus (Tt 2.14).

A unção do Espírito para o serviço. Jesus, nosso exemplo, foi ungido com o Espírito Santo para servir (At 10.38; Lc 4.18,19). Assim também a igreja recebeu a unção coletiva do Espírito (2 Co 1.21,22), mas alguns de seus membros são individualmente ungidos para ministérios específicos, segundo os propósitos de Deus. Vejamos a unção do Espírito sobre o crente, conforme 1 João 2.20,27.

• "Tendes a unção do Santo". Esta unção santifica e separa o crente para o serviço de Deus.

• "E sabeis tudo". Também proporciona conhecimento das coisas de Deus em geral.

• “Fica em vós” (v. 27). É permanente no crente.

• “Unção que vos ensina todas as coisas” (v. 27). É didática, pois possibilita ensino contínuo das coisas de Deus.

• “É verdadeira” (v. 27). Não falha, pois procede da verdade, que é Deus.

• “E não é mentira” (v. 27). É sem dolo; sem falsidade. É possível que houvesse entre certos líderes daqueles dias uma falsa unção, que imitava a verdadeira.

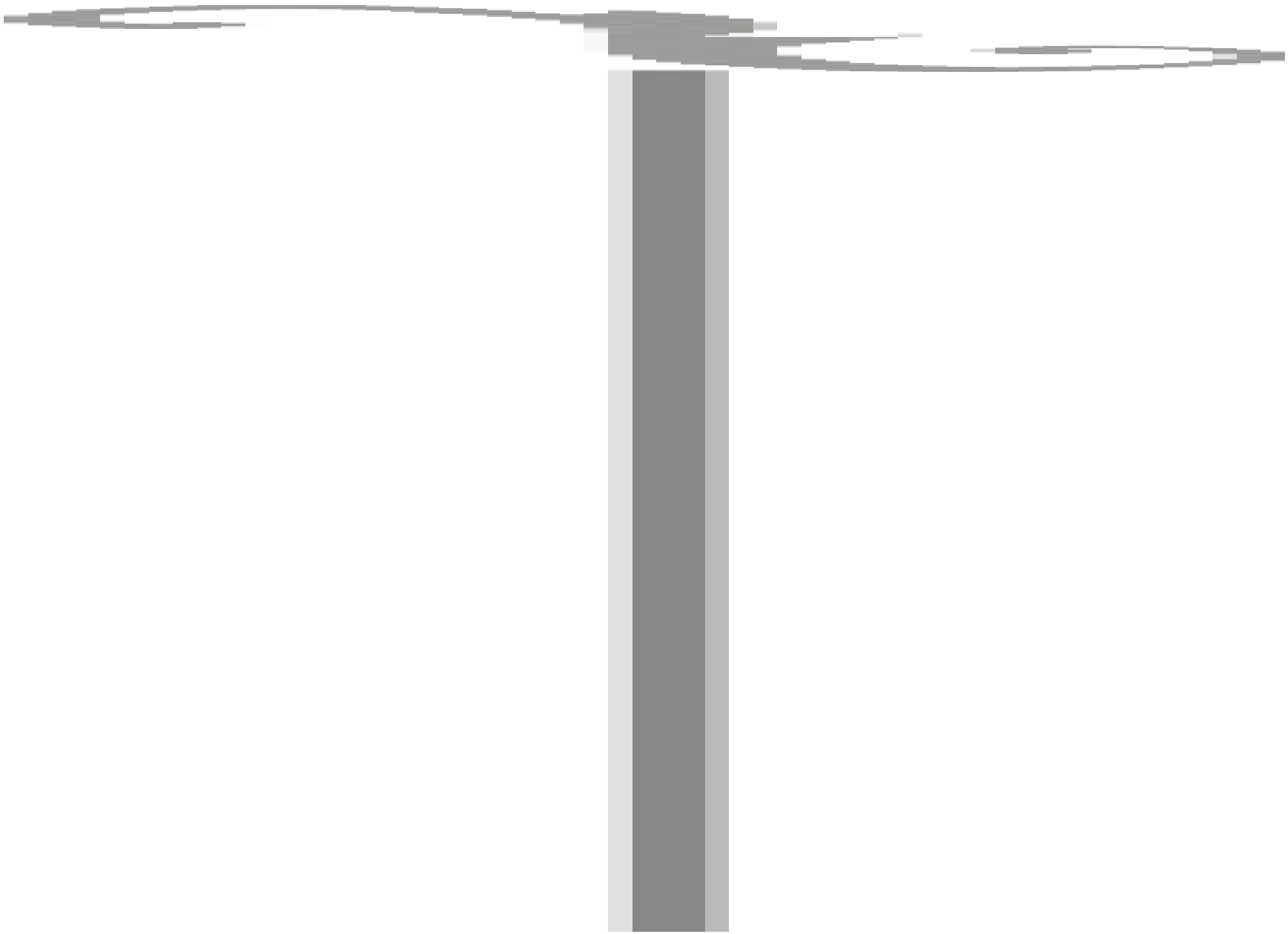
Na conclusão de 2 Coríntios 3, prorrompe jubiloso o sacro escritor, a respeito da glória do ministério do Espírito: “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (v. 18).

Todas essas maravilhosas ministrações e dádivas do Espírito Santo, dispensadas aos filhos de Deus (2 Co 3.8), são necessárias para fazermos a obra do Senhor no poder do Espírito, a fim de que muitas almas sejam salvas, como veremos no próximo capítulo.

C A P Í T U L O

11

O AVIVAMENTO E A OBRA MISSIONÁRIA



Ao aceitar o convite divino para a maravilhosa salvação em Cristo (Mt 11.28; Tt 3.5), recebemos a bendita tarefa de anunciar as virtudes do Senhor Jesus Cristo, que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pe 2.9). Ele nos confiou “a palavra desta salvação” (At 13.26). Mas, para termos êxito nessa Grande Comissão do Senhor, conforme Marcos 16.15, precisamos da capacitação do Espírito Santo (Jo 14.17; Mc 16.20; 2 Co 3.5), pois é Ele quem nos unge para evangelizar (2 Co 1.21) e convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11).

A Grande Comissão

A Grande Comissão de Jesus à sua igreja abrange a evangelização à nossa volta e a obra missionária (Mt 28.19; Mc 16.15). Jesus derramou do poder do Espírito sobre os seus servos, no dia de Pentecostes (At 2.17), para que se tornassem suas testemunhas tanto na cidade onde estavam como em outras, até à extremidade da terra (At 1.8).

A evangelização local. Evangelizar significa “anunciar as Boas-Novas” (Hb 4.2; Rm 10.15). E isto é uma obrigação de cada salvo: “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Co 9.16, ARA). Nos últimos momentos entre os seus discípulos, Jesus enfatizou o dever de cada crente proclamar o Evangelho no poder do Espírito (At 1.6-8; Lc 24.47-49). Não nos esqueçamos de que a evangelização deve ser pessoal, isto é, pessoa a pessoa, e igualmente em massa, como em tantos casos relatados no Novo Testamento (At 8.6, 26-35).

A obra missionária. Esta envolve a transculturação (1 Co 9.20-22; Cl 3.11), haja vista os diversos costumes e cultura dos povos do mundo, que influenciam na implantação, na formação e na preservação de igrejas autóctones. Nem todo crente pode ir para o campo missionário, mas todos podem interceder em

oração, contribuir financeiramente, e ajudar de muitas outras maneiras (Rm 10.8-17).

A urgência da evangelização. O assunto é demais urgente! Quem passa desta vida para a outra sem Jesus está perdido para sempre. Portanto, embora o número de evangélicos brasileiros seja expressivo — algo em torno de 20% da população —, a maioria não se preocupa com a evangelização. Sabemos também que o principal movimento pentecostal do mundo está em nosso país. Por isso, "não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (At 4.20).

O Brasil é hoje o país com mais espíritas no mundo, e o primeiro colocado, na América Latina, em prostituição infantil. Além disso, temos aqui milhares de alcoólatras e viciados em outras drogas, bem como um número expressivo de menores abandonados. Estes e outros dados alarmantes devem nos despertar para a urgência da evangelização.

Deus conta conosco. O Pai estabeleceu o plano de salvação (Ap 22.17; Gl 4.4,5; Ef 2.8,9), o Filho pôs o plano em execução (Jo 17.4; 19.30), e o Consolador convence os pecadores e os converte, realizando o milagre do novo nascimento (Jo 16.8-11; 3.5). Deus quer usar aqueles a quem Ele salvou para a salvação da humanidade: a família; a vizinhança; os estrangeiros; os ricos e pobres; etc. Ele quer salvar a todos (1 Tm 2.4).

A Urgência da Obra Missionária

O crescimento da Igreja Primitiva. "E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar". "E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais" (At 2.47b; 5.14). Depois da plena evangelização de Jerusalém (At 5.28), o Senhor permitiu uma perseguição e dispersão dos crentes, que levaram as boas novas a Samaria,

Judeia e outras regiões daquele país (At 8.1-5; 9.31; 11.19-24). Não demorou muito para que o mundo conhecido ouvisse o Evangelho, graças à ação do Espírito naqueles crentes fervorosos, cheios de graça e de poder (Rm 10.18; 15.19; Cl 1.6,23).

O nosso desafio. O mundo de hoje conta com mais de seis bilhões de habitantes. Destes, cerca de dois bilhões nunca ouviram a mensagem de salvação! O número de evangélicos em todo o mundo não chega a um bilhão, segundo os centros de informação missionária. Na Igreja Primitiva, todos evangelizavam incessantemente em toda parte, no poder do Espírito, com sinais e milagres (At 8.4,6,7). Precisamos em todo tempo estar revestidos do poder do Alto, para dar continuidade a essa urgente obra, a fim de que, como eles, alvorocemos o mundo para Cristo (At 17.6).

Uma tarefa primordial. Em 1 Coríntios 1.22,23, vemos a importância da Grande Comissão de Jesus Cristo. Enquanto uns (como os judeus) se preocupam com sinais, e outros (como os gregos), em buscar sabedoria, nosso objetivo deve ser a evangelização de todos, em todo o mundo. Temos hoje muitos pregadores eloquentes nos templos; mas é o poder do Espírito que faz de nós ganhadores de almas, no mundo!

Assistência do Espírito

Na evangelização pessoal. O Espírito Santo dirige os nossos passos, como no caso de Filipe relatado em Atos 8.26-38. Ele também ajuda-nos a superar os obstáculos apresentados pela pessoa evangelizada (Jo 4.7-29), desde que nos preparemos (1 Pe 3.15), firmando-nos em seu poder, e não em nossas palavras (1 Co 2.1-5).

Na pregação em público. O segredo do êxito, em cruzadas evangelísticas, é

buscar, em oração, a assistência do Consolador. Tomando como base às campanhas realizadas pela Igreja Primitiva, vemos o que acontece quando se prega a Palavra de Deus, no poder do Espírito Santo:

• Salvação de almas (At 2.41; 4.4).

• Sinais miraculosos (At 8.6,7).

• Grande alegria (At 8.8).

• Batismo com o Espírito Santo (At 8.14-17).

Na obra missionária. Em Atos 13, vemos como a assistência do Espírito Santo é imprescindível à obra missionária:

• Escolha. Em Antioquia havia cinco profetas e doutores, e o Espírito de Deus escolheu o primeiro e o último da lista: Barnabé e Saulo (vv. 1,2). Por que não o primeiro e o segundo? Porque a chamada é um ato soberano dEle (Hb 5.4).

• Envio. Eles foram também enviados pelo Espírito (vv. 3,4). A igreja apenas os despediu, pois é Ele quem escolhe e envia (Mc 3.13,14).

• Capacitação. Paulo e Barnabé manejavam bem a Palavra de Deus (vv. 16-44), eram cheios do Espírito, de ousadia (v. 46) e tinham autoridade divina para repreender os que se lhes opunham (vv. 5-12; At 4.31).

• Direção. Guiados pelo Consolador, eles faziam discípulos numa cidade e partiam para outra (vv. 46-51). Graças à direção e à providência do Espírito, o evangelho, tendo alcançado a Europa (At 16.6-10), chegou também a América do Norte, de onde vieram os missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, pioneiros do Movimento Pentecostal no Brasil, como vimos no capítulo 3!

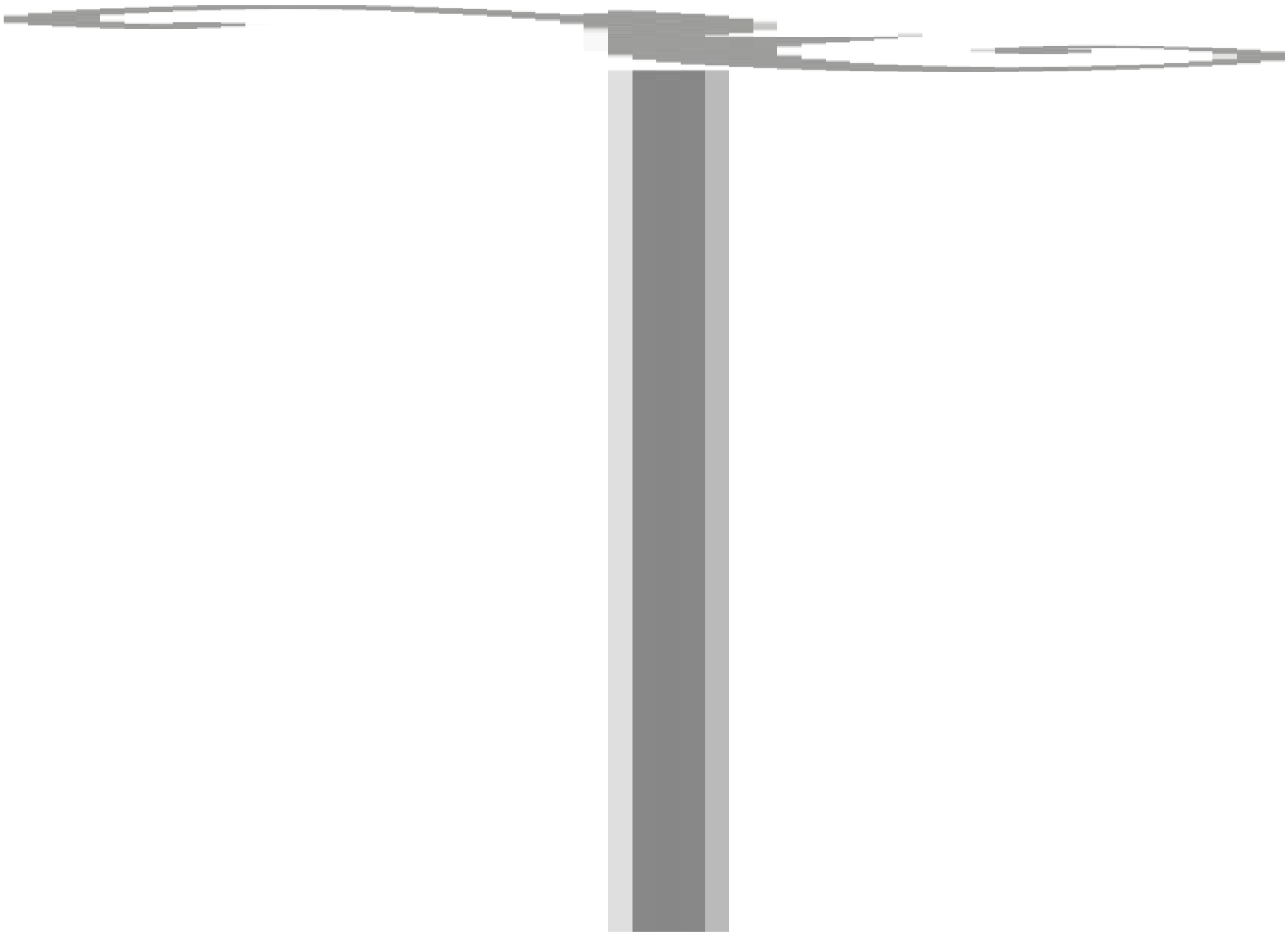
Antes de sua ascensão, Jesus mencionou cinco aspectos da obra missionária. O alvo: “ensinai todas as nações” (Mt 28.19). A abrangência: “todo o mundo... toda criatura” (Mc 16.15). A mensagem: “o arrependimento e a remissão dos pecados” (Lc 24.47). O modo: “assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20.21). E o poder: “recebereis a virtude do Espírito Santo que há de vir sobre vós” (At 1.8).

Para alcançar o alvo, em toda a sua abrangência, pregando a mensagem certa e de modo apropriado, precisamos do poder do alto (Lc 24.49). Portanto, “Não extingais o Espírito” (1 Ts 5.19).

C A P Í T U L O

12

CONSERVANDO O AVIVAMENTO



Neste capítulo, tomaremos como exemplo a igreja em Sardes, cidade que no passado foi capital da província romana da Lídia, na Ásia Menor. Aquela parte do mundo foi conquistada pelos romanos em 133 a.C. Sardes, cujo nome significa “renovação” ou “os que escaparam”, era uma cidade populosa, muito rica, luxuosa e que desfrutava de grande prosperidade material. Tinha uma avançada indústria metalúrgica, muitas minas de ouro e fontes de águas termais. Boa parte do seu desenvolvimento vinha da mão de obra gratuita de milhares de escravos em todas as atividades da região.

Relata a história que em Sardes viveu o homem mais rico do mundo: Creso, rei da Lídia. A grande riqueza de Sardes, bem como a soberba do seu povo, duraram muito tempo, cumprindo-se ao pé da letra o que está escrito em Provérbios 11.28: “Aquele que confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecerão como a rama”.

Sob o ponto de vista profético, o período da história da Igreja que correspondente a Sardes é o que vai de 1517 a 1750, segundo os eruditos da Bíblia. Lembremo-nos de que o Apocalipse é um livro profético (22.18,19).

A Igreja de Sardes

Segundo o relato bíblico (Ap 3.1-6), Sardes era uma igreja que aparentava vida exterior — “tens nome de que vives” —, mas espiritualmente estava morta, como diz o final do versículo 1. Há na Bíblia duas coisas que nos deixam maravilhados: franqueza e imparcialidade. Só Deus podia ter um livro assim.

“Ao anjo da igreja”. Trata-se do pastor da igreja. Neste texto, o termo anjo, no original, significa mensageiro. Em Lucas 7.24, a mesma palavra é traduzida por

“mensageiro”; e, em Tiago 2.25, refere-se aos emissários de Josué, que Raabe escondeu em sua casa (Hb 11.31). Disse o Senhor ao anjo da igreja de Esmirna: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10). Ora, os anjos não morrem, nem a Bíblia fala de recompensa para eles, pois sua esfera de trabalho diante de Deus nada tem de semelhante com a do homem. Em muitas igrejas por aí, seus pastores foram os primeiros a perder o rumo e o nível do equilíbrio; estão sem visão, como o pastor de Laodiceia e o seu rebanho (Ap 3.18).

“Aquele que tem os sete Espíritos de Deus”. Trata-se do Espírito Santo na sua total perfeição, dignidade, poder e operação. É também o Espírito na sua ação vivificadora (cf. Is 11.2; Ap 1.4; 4.5; 5.6). O número sete, por conseguinte, fala de plenitude e perfeição. Logo, as “sete igrejas da Ásia” consistem numa só (Ap 1.4). Sardes é a única das sete igrejas, à qual Jesus menciona “os sete Espíritos”. Isto significa que, mesmo quando uma igreja está decadente e sem vida, o Espírito Santo quer comunicar vivificação (Jo 6.63), restauração e reavivamento a fim de fazê-la retornar ao seu primeiro estado.

“Tens nome de que vives, e estás morto”. O estado de morte espiritual da igreja de Sardes torna-se mais evidente ante a apresentação de Jesus como “aquele que tem os sete Espíritos de Deus”. Isto representa a vida e o fervor espiritual não apenas fluindo, mas transbordando, pois a fonte divina está a correr (Jo 7.37-39).

O modo distinto como Jesus dirigiu-se às sete igrejas revela muito do estado espiritual de cada uma delas; das suas necessidades, oportunidades e responsabilidades diante de Deus e do mundo.

Sardes era uma igreja rica materialmente, porém pobre espiritualmente. Que lástima! A luta intensa e insensata para a obtenção de riqueza tem esfriado a fé na vida de muitos crentes, que depois de enriquecerem não têm mais sossego, como está escrito em Eclesiastes 5.12. Não há pecado em ser rico, desde que sempre dependamos de Deus e vivamos para Ele.

Conselhos e Advertências

▪

“Sê vigilante e confirma o restante”. Há sempre um remanescente fiel que não se conforma com a situação. Deus nunca ficou sem testemunho, nem mesmo nos terríveis dias que antecederam o Dilúvio e no período do baalismo em Israel; época em que quase toda a nação sucumbiu em razão de sua idolatria (1 Rs 19.18; Rm 11.4). Sempre houve e haverá aqueles que são fiéis ao Senhor em toda e qualquer situação e que gemem no Espírito por uma igreja mais unida, poderosa, santa e adoradora. Na igreja de Sardes havia um grupo assim.

“Não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus”. Isto também pode referir-se profeticamente e, em segundo plano, ao movimento da Reforma iniciado por Lutero em 1517. As obras “não perfeitas” podem representar as lacunas e dissensões internas entre os reformadores e as novas denominações cristãs. De fato, para quem está morto espiritualmente (Ap 3.1), suas obras não terão aprovação divina. É só examinar a história eclesiástica, bem como o que se passa nos dias atuais na igreja.

“Lembra-te do que tens recebido e ouvido, e guarda-o”. A igreja de Sardes estava vivendo em desobediência consciente à Palavra de Deus. Desobedecer ao Senhor como um ato isolado já é ruim; imagine alguém viver em rebeldia consciente. Isto é tentar a Deus.

Certamente aqueles crentes tinham adotado um modelo de vida à moda deles, onde cada um fazia o que desejava, sem consultar a vontade do Senhor. Por isso, Jesus adverte: “Virei a ti como um ladrão”; isto é, de repente, inesperadamente, e para perda de algo. O julgamento a que se refere este versículo pode ser para o presente e não apenas para o futuro, como em 2 Coríntios 5.10 e Romanos 14.12.

“Arrepende-te”. O arrependimento bíblico não é só mudança de coração, mas também de conduta, e deve acompanhar o crente em toda a sua vida. O cristão deve arrepender-se como filho; não como ímpio.

Promessas aos Conservadores e Vencedores

“Alguns que não se contaminaram”. Neemias fala de judeus que se casaram com mulheres ímpias (Ne 13.23,24), cujos filhos não conseguiam falar bem a língua judaica. Espiritualmente é o que acontece quando um crente não apenas se mistura com os ímpios, mas comunga com eles. É o contágio pela mistura. A Bíblia sempre está a nos prevenir sobre isso (Sl 1.1; 1 Pe 3.11; 2 Co 6.17). A respeito dos que não se contaminaram, Jesus afirma que com Ele “andarão de branco”. Isto é, viverão em justiça e retidão (Ap 6.11; 19.14).

“O que vencer”. Isso significa que a vida do cristão está situada num campo de batalha espiritual, contra as hostes de Satanás. Nenhum crente pense que está isento de ciladas e ataques do Inimigo (Ef 6.11-18; 2 Co 2.11; Sl 18.2).

“De maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida”. O Rev. Gortner, assim se expressa sobre esta frase: “Na cidade de Sardes havia um extenso pergaminho com os nomes dos cidadãos que se destacavam como benfeitores e heróis defensores da cidade e dos seus cidadãos. Esse registro era um sinal de grande honra para eles. Caso um desses homens viesse a cometer algo desonroso e reprovável, seu nome era retirado desse rol de honra e mérito, isto é, do pergaminho”. Para os crentes de Sardes, palavras, como em Apocalipse 3.5, eram bem compreendidas.

Desafio aos Fiéis Conservadores

A Bíblia afirma: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. “Ouvir” não se refere apenas ao ato da percepção dos sons, mas de obedecer ao que Deus ordena na sua Palavra. O púlpito não deve ser simples tribuna de oradores, nem o pregador um simples animador de auditório. O essencial é que o fogo do altar de Deus — o fogo do Espírito — esteja aceso no altar da nossa vida.

Enquanto formos pequenos em nós mesmos, Deus nos elevará para o seu serviço e o seu louvor. Devemos pregar, como pentecostais conservadores, o evangelho na sua plenitude (Rm 15.29), isto é, que Jesus salva o pecador; batiza com o Espírito Santo; cura os enfermos e faz maravilhas; e breve virá.

Conservemos o Pentecostes!

Mais uma vez citamos o que a Palavra de Deus diz sobre a conservação do fogo aceso: “Não apagueis o Espírito” (1 Ts 5.19, ARA). Na Lei havia apagador de fogo (Êx 25.38), mas nesta dispensação da multiforme graça de Deus, não. A conservação do Pentecostes vem pela constante renovação espiritual do crente. Em Tito 3.5, lemos sobre a regeneração e a renovação do Espírito Santo.

Leia Atos 4.8,31; 6.5; 7.55; 11.24; 13.9,52; 2 Coríntios 4.16; Efésios 4.23; 5.18; e Colossenses 3.10. Em todas estas referências há uma mensagem de renovação espiritual. Quem procede segundo a natureza carnal, precisa de renovação do Espírito Santo: “tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gl 3.3).

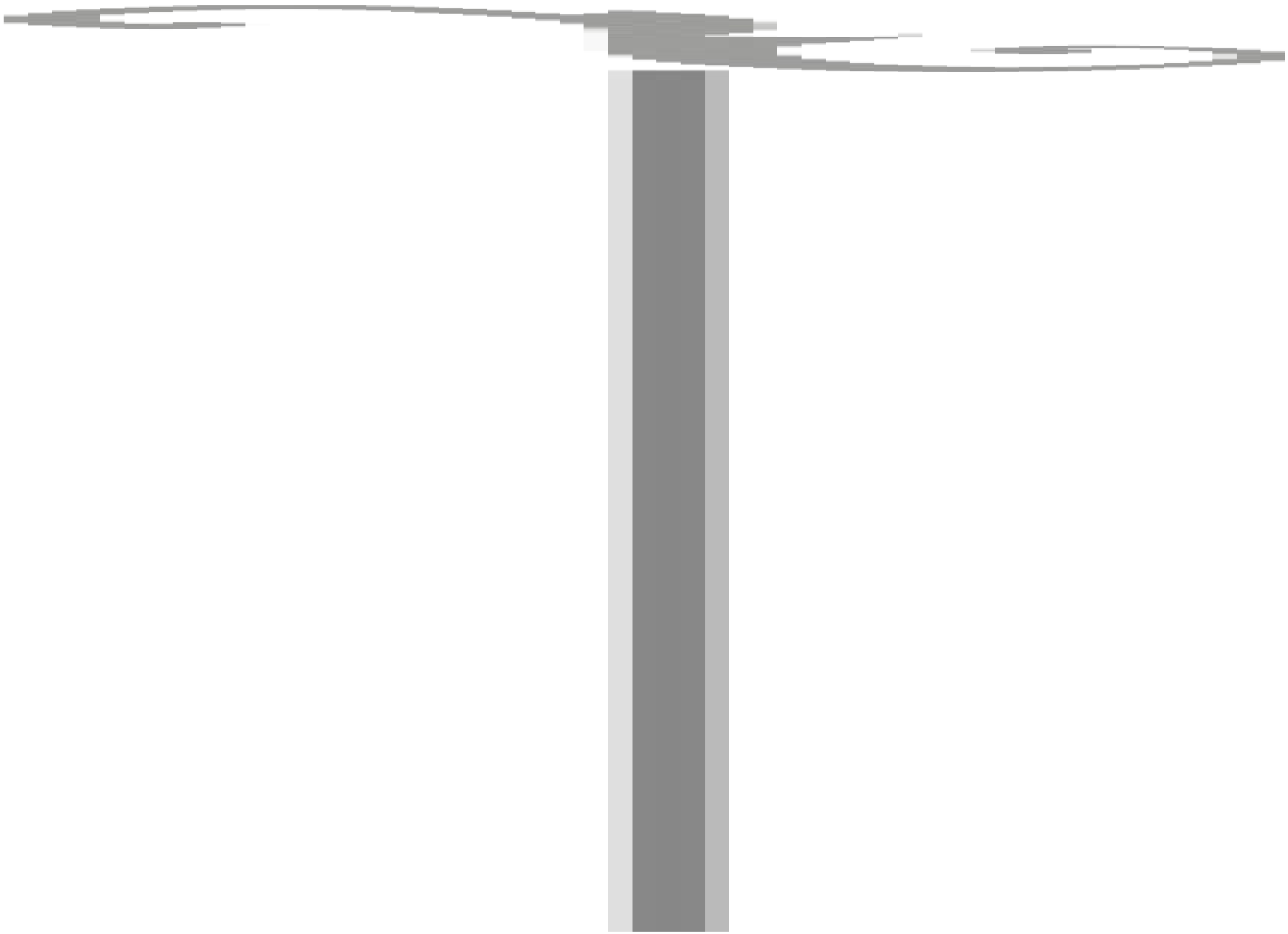
Na carta às igrejas do Apocalipse, Jesus disse sete vezes: “Ouça o que o Espírito diz às igrejas” (2.7,11,17,29; 3.6,13,22). Por que Deus insiste tanto? Certamente, porque quer conduzir sua igreja em todo tempo. Busquemos, pois, a renovação constante e diária pelo Espírito Santo, para que não envelheçamos

espiritualmente (2 Co 4.16).

C A P Í T U L O

13

RENOVAÇÃO ESPIRITUAL



Há vários fatores que ocasionam o envelhecimento ou a decadência espiritual. Os mais comuns são a rotina, a imaturidade, a frieza, o descaso e, por fim, a estagnação da vida cristã. Há crentes que perdem o entusiasmo e o fervor dos primeiros dias de fé; acostumando-se a uma vida sem poder, testemunho, oração, consagração e crescimento. Nesta situação, se não houver uma reversão imediata, o crente pode desviar-se dos caminhos do Senhor, o que será ainda pior. Aquele fervor espiritual do início da conversão deveria ser conservado, mantendo assim aberto o caminho da renovação pelo Espírito Santo (Lv 6.13; Jó 14.7-9; Sl 92.10; 119.25; Lm 5.21; Tt 3.5).

O que É Renovação Espiritual?

Renovar significa “tornar novo”, “recomeçar”, “refazer”, “reaver”, “retornar”. Na renovação espiritual, o Espírito Santo restaura e revigora a obra que anteriormente havia iniciado na vida do crente (Sl 103.5; Rm 12.2; Ap 2.4,5; Sl 51.10; Cl 3.10). Renovar espiritualmente é:

Retornar às experiências espirituais do passado. No início da fé cristã, o crente recebe do Senhor bênçãos extraordinárias que antes da conversão jamais poderia obter: fortificação pela fé em Cristo, certeza de vida eterna, batismo com o Espírito Santo, dons sobrenaturais, milagres, comunhão com Deus, santidade, vida cristã vitoriosa e tantas outras maravilhas que acompanham a salvação. O amoroso Pai tem prazer de, no início da jornada da fé, encher o crente de vida, graça e poder espiritual. Ele nos eleva muito além das experiências puramente humanas.

Todavia, infelizmente, muitos esfriam na fé e perdem o contato com a Fonte da Graça. Só o Senhor, por meio do seu Santo Espírito, pode revigorar aqueles que perderam a força e a altitude das águias (Is 40.28-31).

Restabelecer as bênçãos perdidas. É difícil aceitar que o crente possa perder algo que recebeu de Deus. Alguém imagina que o Pai celestial jamais retirará as bênçãos de seus filhos, especialmente as espirituais. Porém, a Bíblia é categórica ao afirmar que, se não cuidarmos bem da nossa vida espiritual, poderemos, sim, perder as bênçãos advindas do Senhor. A Palavra de Deus nos diz que podemos perder o amor (Ap 2.4), a alegria da salvação (Sl 51.12), a fé (1 Tm 6.10), a firmeza em Deus (2 Pe 3.17), o poder (Jz 16.20) e muitas outras bênçãos do Alto. É por isso que somos advertidos a guardar o que temos (Ap 2.25; 3.11).

Graças a Deus que, pela renovação espiritual, o Senhor nos restaura completamente e torna a dar-nos as bênçãos perdidas (Sl 51.10; Os 2.15; Lm 5.21-23). O Grande Oleiro é plenamente capaz de fazer um novo vaso, com o barro do vaso que se quebrou (Jr 18.1-4).

Receber novas bênçãos. As promessas de Deus jamais falham. Em Deus "não há mudança, nem sombra de variação" (Tg 1.17; Hb 1.10-12). A conversão inclui grandes e ricas promessas de Deus para a vida do crente, as quais Ele cumpre fielmente. Na renovação espiritual, o Senhor nos dá as bênçãos prometidas que até então não tínhamos recebido (Is 45.3), e nos anima a conquistarmos muito mais (Js 18.3).

Além disso, as bênçãos que Ele nos concedeu no passado (Ef 1.3), continuarão no presente, porque suas promessas são fiéis para todos os tempos (At 2.39; 2 Co 1.20).

Como Ocorre a Renovação

▪

A renovação deve ser diária. Assim como o corpo físico revigora-se diariamente, nosso homem interior precisa de constante renovação para manter-se fortalecido e plenamente saudável espiritualmente. Conforme nos orienta a Palavra de Deus, a renovação espiritual deve ocorrer "de dia em dia" (2 Co 4.16).

No Tabernáculo, tudo deveria estar sempre pronto, a fim de que o culto diário ao Senhor nunca fosse interrompido. Os sacerdotes cuidavam para que o fogo do altar nunca se apagasse. A cada manhã, este era alimentado com nova lenha e novos holocaustos (Lv 6.12,13). O mesmo se dava com as especiarias do altar do incenso e o azeite do castiçal. Tudo era renovado continuamente na presença do Senhor (Êx 27.20,21; 30.7). Da mesma forma Deus quer que nos apresentemos — sempre prontos e renovados espiritualmente diante dEle (Fp 4.4).

A renovação deve ser consciente e desejada. Precisamos ter consciência da urgente necessidade da renovação espiritual: "... transformai-vos pela renovação do vosso entendimento" (Rm 12.2). Assim como a chuva cai sobre as plantações, gerando e produzindo fruto (Sl 65.7-13), devemos pedir ao Senhor que envie sobre nós, sua lavoura, uma abundante chuva de renovação (1 Co 3.10; Sl 72.6,7; Os 6.3). Quando essa chuva começar a cair, o Espírito Santo certamente fará maravilhas, a começar pelas vidas renovadas. Aleluia!

A renovação enseja a operação do Espírito Santo:

• A renovação mantém o crente afastado do mundo. Em Efésios 4.25-31 encontramos uma relação de vícios e práticas mundanas, emanadas do velho homem, que muitas vezes atingem sorrateiramente a vida do crente. Precisamos não somente abandonar, mas abominar estas coisas que entristecem o Espírito de Deus: "Não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas, antes, condenai-as" (v. 11). Pela renovação espiritual nos mantemos firmes no processo de despirmo-nos do velho homem e revestirmo-nos do novo (Ef 4.22-24).

• A renovação aprofunda o crente na Palavra de Deus. Quando somos renovados, nosso espírito é impelido pelas verdades eternas da Palavra (Jo 6.63) e nossa fé cresce abundantemente (Rm 10.17; 2 Ts 1.3).

• A renovação dá poder ao crente. “Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças” (Is 40.31). No dia de Pentecostes, todos os crentes foram cheios do Espírito Santo (At 2.4). Não obstante, pouco tempo depois foram cheios novamente; do mesmo poder e pelo mesmo Espírito (At 4.30,31). Como já vimos, o sentido de Efésios 5.18 é de enchimento contínuo. Sempre o crente deve buscar mais e mais do poder do Alto.

• A renovação torna o crente sensível à direção do Espírito. Quando somos renovados ficamos bem atentos à voz do Espírito, para sermos conduzidos e instruídos por Ele (At 16.6,7; 10.19). Se o Espírito Santo conhece todas as coisas em seus pormenores, pode nos guiar com precisão. Só um crente renovado tem sensibilidade espiritual para ouvir e obedecer a voz do Senhor: “Este é o caminho; andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (Is 30.21).

Renovação, uma Necessidade

Quem permanece renovado não perde o ânimo. Muitas vezes as lutas e tribulações nos fazem diminuir o passo, reduzir o ritmo de nossa corrida e até pararmos. Para não sermos vencidos na batalha contra o mal, busquemos a renovação espiritual em Cristo. Não podemos parar! Não há espaço para o desânimo: “Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos” (v. 14); “Levantai-vos, e andai, porque não será aqui o vosso descanso” (Mq 2.10). Leia também 1 Reis 19.7 e Hebreus 10.38.

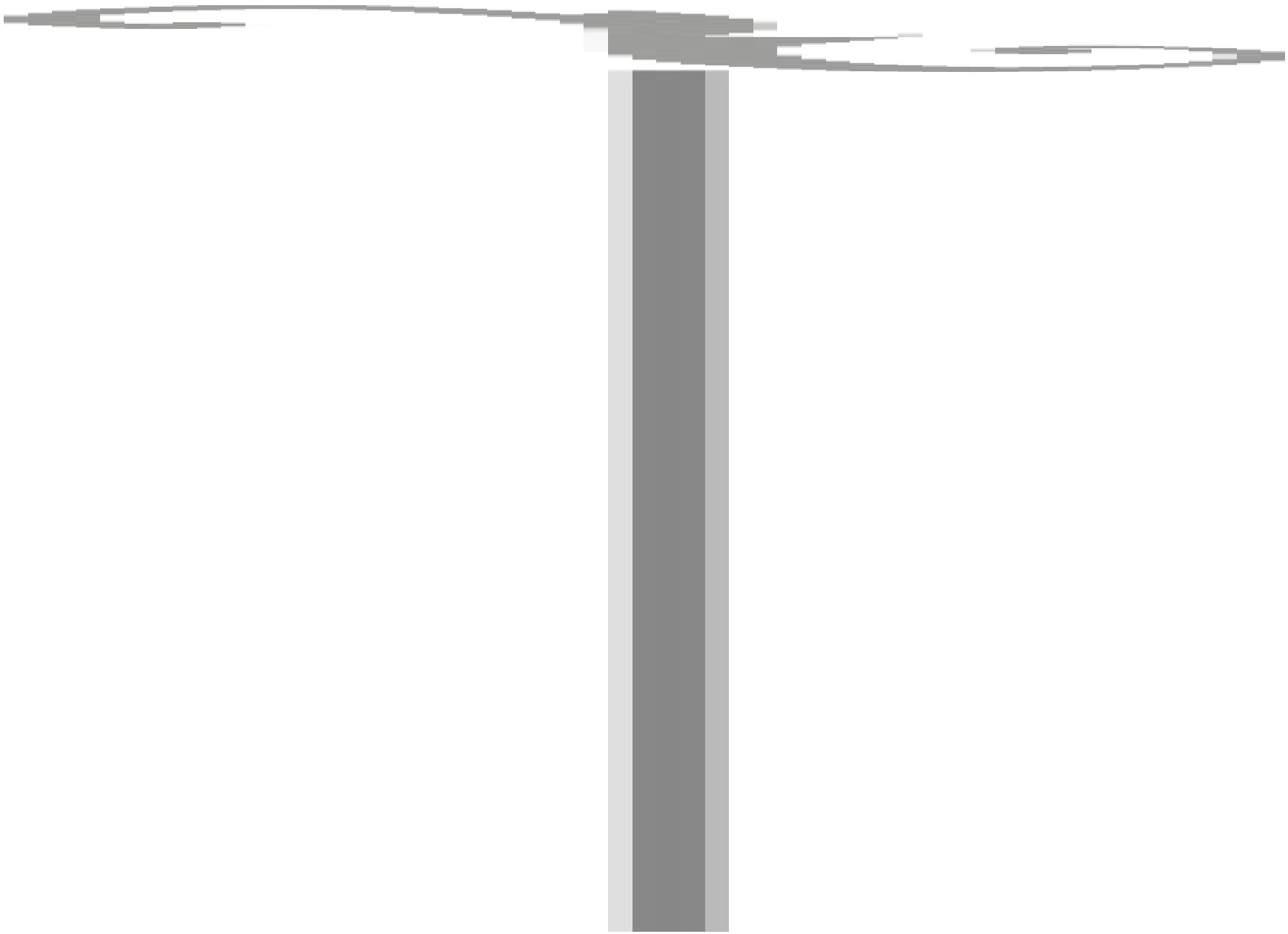
Os que permanecem renovados são purificados. Às vezes, perdemos a bênção por entristecermos o Espírito de Deus (Ef 4.30), como vimos no capítulo 8. Temos de zelar para que as causas desse mal sejam imediatamente removidas. Precisamos alcançar o perdão de Deus mediante a nossa purificação no sangue de Jesus. Isaías confessou o pecado de seus lábios, e foi purificado (Is 6.4-8). O mesmo se deu com o profeta Jeremias (Jr 1.4-10; 20.7-11). Louvado seja o nome do Senhor, que continua perdoando e renovando o seu povo pelo fogo santo!

Em meio a esses difíceis dias que a Igreja atravessa, os quais precedem a volta de Jesus, busque uma poderosa e sincera renovação do Senhor para sua vida. Não deixe fora nenhuma área da sua vida. Se você já é batizado com o Espírito Santo, peça a Deus uma renovação dessa preciosa bênção. Aproxime-se mais do Senhor! Somente pela renovação espiritual poderemos vencer este mundo. “É já hora de despertarmos do sono” (Rm 13.11). E, renovados, sigamos “... a paz com todos e santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

C A P Í T U L O

14

A SANTIFICAÇÃO DO CRENTE



Salvação e santificação são obras realizadas por Jesus no homem integral: espírito, alma e corpo. A Bíblia afirma que fomos eleitos “desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito” (2 Ts 2.13). Esta verdade está implícita em João 19.34, que diz que do lado ferido do corpo de Jesus fluíram, a um só tempo, sangue e água. Isto é, o sangue poderoso de Cristo nos redime de todo pecado, mas a água também nos lava de nossas impurezas pecaminosas.

Cristo morreu “para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tt 2.14). A salvação e a santificação devem andar juntas na vida do crente.

Definições Gerais

-

A santidade de Deus. A Bíblia diz que nosso Deus é santíssimo: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6.3; Ap 4.8). A santidade de Deus é intrínseca, absoluta e perfeita (Lv 19.2; Ap 15.4). É o atributo que melhor expressa sua natureza. No crente, porém, a santificação não é um estado absoluto, é relativo assim como a lua, que, não tendo luz própria, reflete a luz do sol (cf. Hb 12.10; Lv 21.8b).

Deus é “santo” (Pv 9.10; Is 5.16); e, quem almeja andar com Ele, precisa viver em santidade, segundo as Escrituras.

Santificar e santificação. “Santificar” é “pôr à parte, separar, consagrar ou dedicar uma coisa ou alguém para uso estritamente pessoal”. Santo é o crente que vive separado do pecado e das práticas mundanas pecaminosas, para o domínio e uso exclusivo de Deus. É exatamente o contrário do crente que se mistura com as coisas tenebrosas do pecado.

A santificação do crente tem dois lados: sua separação para a posse e uso de Deus; e a separação do pecado, do erro, de todo e qualquer mal conhecido, para obedecer e agradar a Deus.

A Santificação É Tríplice

De acordo com a Bíblia, a santificação do crente é tríplice: posicional, progressiva e futura.

A santificação posicional (Hb 10.10; Cl 2.10; 1 Co 6.11). No seu aspecto posicional, a santificação é completa e perfeita, ou seja, o crente pela fé torna-se santo "em Cristo". Deus nos vê em Cristo perfeitos (Ef 2.6; Cl 2.10). Quando estamos "em Cristo", não há qualquer acusação contra nós (Rm 8.33,34), porque a santidade do Senhor passa a ser a nossa santidade (1 Jo 4.17b).

A santificação progressiva. É a santificação prática, aplicada ao viver diário do crente. Nesse aspecto, a santificação do crente pode ser aperfeiçoada (2 Co 7.1). Os crentes mencionados em Hebreus 10.10 já haviam sido santificados, e continuavam sendo santificados (vv.10,14-ARA). O crescimento do crente "em santificação" ocorre à medida que o Espírito o rege soberanamente, e o crente, por sua vez, o busca, em cooperação com Deus: "Sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1 Pe 1.15).

• O lado divino da santificação progressiva. São meios que o Senhor utiliza para santificar-nos em nosso viver diário. Esses recursos divinos são:

a) O sangue de Jesus Cristo (Hb 13.12; 1 Jo 1.7,9).

b) A Palavra de Deus (Sl 12.6; 119.9; Jo 17.17; Ef 5.26).

c) O Espírito Santo (Rm 1.4; 1 Pe 1.2; 2 Ts 2.13).

d) A glória de Deus manifesta (Êx 29.43; 2 Cr 5.13, 14).

e) A fé em Deus (At 26.18; Fp 3.9; Tg 2.23; Rm 4.11).

• O lado humano da santificação progressiva. Deus é quem opera a santificação no crente, embora haja a cooperação deste. Os meios coadjuvantes de santificação progressiva são:

a) O próprio crente. Suas atitudes e propósito de ser santo, separado do mal para posse de Deus, são indispensáveis. É o crente tendo fome e sede de ser santo (Mt 5.6; 2 Tm 2.21, 22; 1 Tm 5.22).

b) O santo ministério. Os obreiros do Senhor têm o dever de cooperar para a santificação dos crentes (Êx 19.10,14; Ef 4.11,12).

c) Pais que andam com Deus. Assim como Jó (Jó 1.5), os pais devem cooperar para a santificação dos filhos. Eunice, por exemplo, colaborou para a integridade de Timóteo, seu filho (2 Tm 1.5; 3.15). Por outro lado, pais descuidados podem influenciar negativamente seus filhos, como no caso de Herodias que influenciou a Salomé (Mc 6.22-24).

d) As orações do justo (Sl 51.10; 32.6). A oração contrita, constante e sincera tem efeito santificador.

e) A consagração do crente a Deus (Lv 27.28b; Rm 12.1,2). A rendição incondicional do crente a Deus tem efeito santificador nele.

A santificação futura. “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o

vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5.23). Trata-se da santificação completa e final (1 Jo 3.2). Leia também Efésios 5.27 e 1 Tessalonicenses 3.13.

Estorvos à Santificação do Crente

Estorvos são embaraços que impedem o cristão de viver em santidade. Vejamos alguns deles:

Desobediência. Desobedecer de modo consciente, contínuo e obstinadamente à conhecida vontade do Senhor (Êx 19.5,6).

Comunhão com as trevas. Comungar com as obras infrutíferas das trevas (Rm 13.12); com os ímpios, seus costumes mundanos e suas falsas doutrinas (Ef 5.3; 2 Co 6.14-17).

Erros a respeito da santificação. O próprio Pedro enganou-se a respeito da santificação (At 10.10-15). Vejamos o que não é a santificação bíblica.

• Exterioridade (Mt 23.25-28; 1 Sm 16.7). Usos, práticas e costumes. Estes últimos, quando bons, devem ser o efeito da santificação, e não a causa dela (Ef 2.10).

• Maturidade cristã. Não é pelo tempo que algo se torna limpo, mas pela ação contínua da limpeza. A maturidade cristã varia, como se vê em 1 João 2.12,13: "Filhinhos"; "pais"; "mancebos"; "filhos".

• Batismo com o Espírito Santo e dons espirituais. O batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais em si mesmos não equivalem à santificação como processo divino e contínuo em nós (At 1.8; 1 Co 14.3).

Áreas da vida não santificadas. Alguns aspectos reservados da vida do crente que não foram consagrados a Deus devem ser apresentados ao Senhor. Como, por exemplo, mente, sentidos, pensamento, instintos, apetites e desejos, linguagem, gostos, vontade, hábitos, temperamento, sentimento. Um exemplo disso está em Mateus 6.22,23.

A Necessidade de Santificar-se

Para esse tópico aconselhamos a leitura meditativa de 2 Coríntios 7.1 e 1 Tessalonicenses 4.7. Vejamos por que é necessário seguir a santificação:

A Bíblia ordena. A Bíblia afirma que temos dentro de nós a "lei do pecado" (Rm 7.23; 8.2). Daí ela ordenar que sejamos santos (1 Pe 1.16; Lv 11.44; Ap 22.11); o Senhor habita somente em lugar santo (Is 57.15; 1 Co 3.17).

Os santos serão arrebatados. O Senhor Jesus — que é santo — virá buscar os que são consagrados a Ele (1 Ts 3.13; 5.23; 2 Ts 1.10; Hb 12.14). Por isso, a vontade de Deus para a vida do crente é que ele seja santo, separado do pecado (1 Ts 4.3).

A santidade revelada de Deus. Uma importante razão pela qual o crente deve santificar-se é que a santidade de Deus, em parte, é revelada através do

procedimento justo e da vida santificada do crente (Lv 10.3; Nm 20.12). Então, o crente não deve ficar observando, nem exigindo santidade na vida dos outros; ele deve primeiro demonstrar a sua!

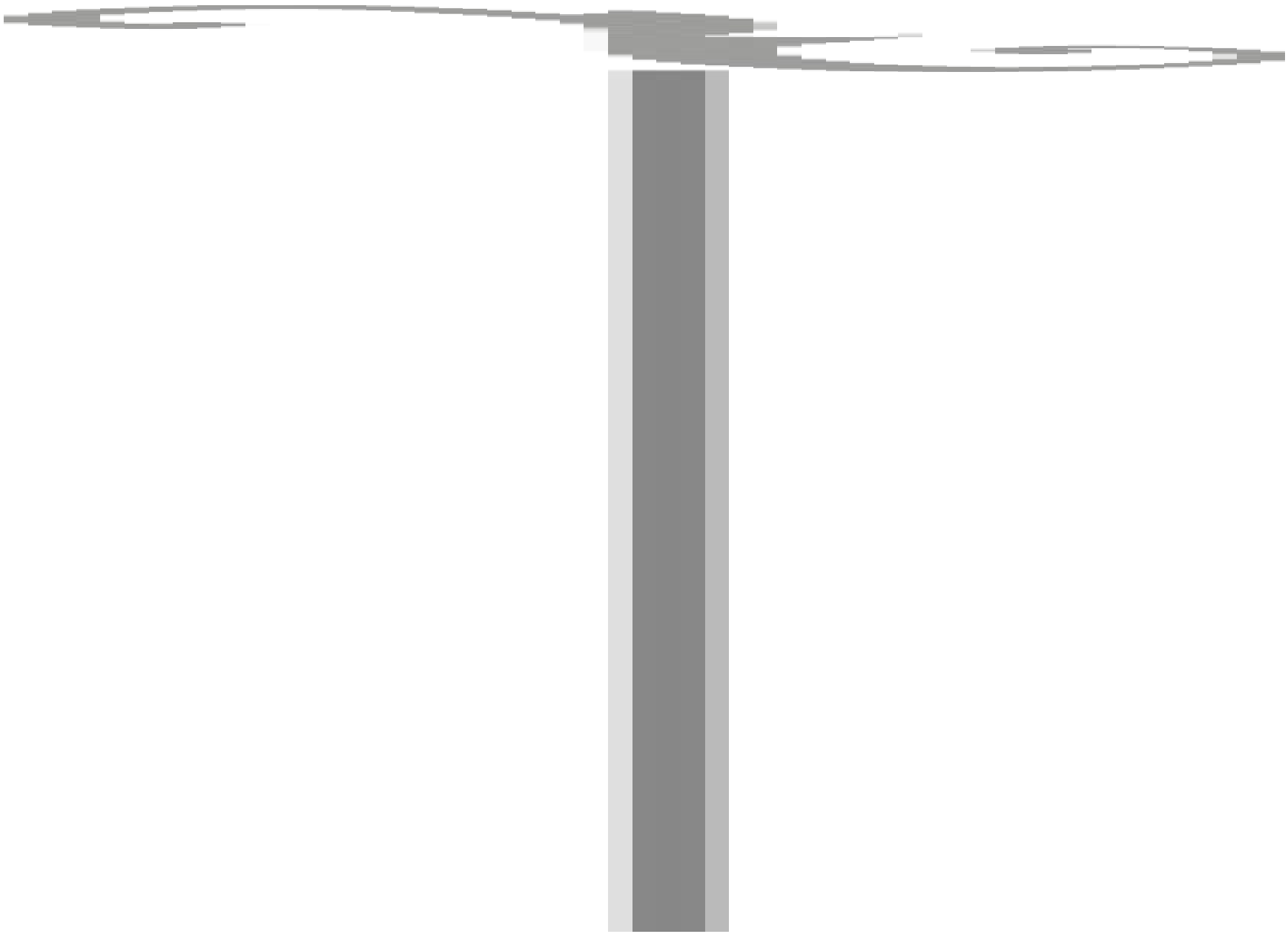
Os ataques do Diabo. Devemos atentar para o fato de que o Inimigo centraliza seus ataques na santificação do crente. A principal tática que o Adversário emprega para corromper a santidade é o pecado da mistura. Isso ele já propôs antes a Israel através de Faraó (Êx 8.25). Esta mistura, inclui: da igreja com o mundanismo; da doutrina do Senhor com as heresias; da adoração com as músicas profanas; etc.

Em muitas igrejas hoje a santificação é chamada de fanatismo. Nessas igrejas falam muito de união, amor, fraternidade, louvor, mas não da separação do mundanismo e do pecado. Notemos que as “virgens” da parábola de Mateus 25 pareciam todas iguais; a diferença só foi notada com a chegada do noivo. Estejamos, pois, preparados para o Encontro, avivados para o Arrebatamento (1 Ts 4.16,17)!

C A P Í T U L O

15

AVIVADOS PARA O ARREBATAMENTO



O assunto da vinda de Cristo é parte inerente da pregação do evangelho (Mt 24.14). Foi isso que o apóstolo Pedro deixou bem claro no dia de Pentecostes, na primeira mensagem evangelística registrada na Bíblia (At 2.14-21). A vinda de Jesus é a nossa sublime e bem-aventurada esperança. O próprio Senhor afirmou que voltaria para levar os seus (Jo 14.3, 18; Ap 22.20).

Como Será a Vinda de Cristo?

Segundo as Escrituras, a vinda de Jesus terá duas fases: “Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt 2.13).

A volta de Jesus para a Igreja. Nesta ocasião Jesus levará sua Igreja para o céu, num instante e em segredo quanto ao mundo. Nessa primeira fase, Ele virá até as nuvens (1 Co 15.52; 1 Ts 4.16,17). Na segunda fase, virá com todos os santos e anjos, descendo sobre o monte das Oliveiras publicamente, repleto de glória e de poder. Nesse momento, livrará a Israel, que estará sucumbindo sob as forças do Anticristo, e julgará as nações, e estabelecerá com poder e justiça o reino milenial (Zc 14.4; Mt 24.30; Ap 1.7; 19.11-21 a 20.1-6).

No Arrebatamento da Igreja, Jesus virá para os seus santos; na sua Manifestação em Glória, Ele virá com os seus (Cl 3.4).

A Grande Tribulação. Entre o Arrebatamento e a Manifestação de Jesus ocorrerá a Grande Tribulação (Mt 24.21; Ap 6-18), a qual abrange os anos de domínio do Anticristo na terra. O sofrimento aqui será de tal monta que, se durasse mais tempo, ninguém sobreviveria (Mt 24.21,22). Com base na Bíblia Sagrada, professamos, tal qual atesta o credo oficial das Assembleias de Deus

no Brasil, nossa fé no Arrebatamento da Igreja antes da Grande Tribulação (Ap 3.10; Lc 21.36). A Palavra de Deus afirma que o Senhor nos livra da ira futura (1 Ts 1.10).

A vinda de Jesus, súbita e inesperada. Duas das figuras que Jesus empregou para exemplificar a rapidez e a imprevisão da sua vinda foi a do ladrão e a do relâmpago.

• A figura do ladrão (Mt 24.42-44; Lc 12.35-40; Ap 3.3). Paulo e Pedro também empregaram esta figura ao mencionarem a vinda de Jesus (1 Ts 5.2-6; 2 Pe 3.10). O ladrão, nos tempos bíblicos, agia com muita rapidez; levava só o melhor e deixava o pior; não levava tudo o que encontrava no momento, nem avisava a hora que viria; agia quando ninguém imaginava; e atacava quando a escuridão era maior. Quando Jesus disse “Eis que venho como ladrão” (Ap 16.15), o sentido é “eis que venho como vem o ladrão”, como está detalhado acima (cf. Lc 12.45,46). Ele não é ladrão, mas virá “como” ladrão.

• A figura do relâmpago (Mt 24.27; Lc 17.24). No Antigo Testamento, o relâmpago estava relacionado aos juízos divinos (Ez 1.14; Hc 3.11; Zc 9.14; Ap 11.19; 16.18); contudo, no Novo Testamento, encontramo-lo como símbolo de advertência e acontecimento repentino (Lc 17.24). Tão inesperado como o relâmpago, será a vinda do Filho do Homem. Portanto, sua vinda será inesperada como um soberano que retorna para proceder à prestação de contas da administração dos seus servos (Mt 24.45-51), ou súbita, como o foi à chegada do Dilúvio (Mt 24.36-39).

Sinais Indicadores

Assim como houve sinais precursores da primeira vinda de Jesus, como o sinal da estrela (Mt 2.2; Nm 24.17) e o sinal do arauto (Ml 3.1; Mc 1.2,3), haverá

também sinais indicadores de sua Segunda Vinda.

O derramamento do Espírito na igreja em escala mundial (At 2.16,17; Jl 2.28). Com este sinal vem também a operação de milagres e prodígios, a dinamização e expansão do evangelho e o avanço da obra missionária. Através dos séculos, o Senhor nunca deixou de derramar do Espírito Santo sobre o seu povo, ora mais, ora menos. Mas, a partir de 1901, o derramamento do Espírito Santo tem sido cada vez maior. E somos testemunhas disso.

A Multiplicação da ciência e da tecnologia (Dn 12.4). Observe que é a multiplicação da ciência e não da sabedoria. Esta vem diminuindo sempre e em toda humanidade através dos anos. Sabedoria é discernimento, equilíbrio, maturidade, prudência, sensatez; é escolher sempre o bem e rejeitar o mal. A sabedoria está em falta nesta era da ciência e do conhecimento.

O ressurgimento da nação de Israel (Mt 24.32). Israel já sofreu várias dispersões nacionais. A pior de todas ocorreu após a queda de Jerusalém sob os romanos, já na era cristã, quando os judeus foram proibidos, sob pena de morte, de retornar a Israel. Em 1897, teve início o cumprimento desse sinal com o surgimento do movimento Sionista sob Theodore Herzl, quando, então, os judeus começaram a regressar à sua terra. Em 1948, sob a égide das Nações Unidas, foi criado o Estado de Israel, e o movimento de retorno tem sido contínuo desde então (Is 27.12; 11.12; Ez 37.1-10; Am 9.14,15).

A proliferação na igreja da falsificação da verdade (2 Pe 2.1,2). Esse sinal da volta de Cristo envolve os falsos doutores na igreja, para assim tornar o engano mais sutil, atraente e convincente.

O surgimento disfarçado e embrionário do antigo Império Romano. Isso através do Tratado de Roma feito em 1957, dando origem ao Mercado Comum Europeu,

que na sua evolução é hoje a União Europeia. Trata-se da plataforma do futuro governo mundial do Anticristo.

Propósitos da Vinda de Cristo

▪

Levar a sua igreja para o céu. "E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também" (Jo 14.3). Leia também 1 Tessalonicenses 4.17 e João 17.24.

Julgar e recompensar a todos — salvos e perdidos. "Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras" (Mt 16.27). Leia, ainda, Eclesiastes 12.14; 2 Coríntios 5.10; Apocalipse 20.12,13; e 22.12.

Estabelecer o seu reino milenial na terra. "Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos" (Ap 20.6).

Aprisionar e julgar a Satanás e seus agentes. "Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos" (Ap 20.2,10). Confira também Mateus 25.31; 2 Pedro 2.4; e Judas v. 6.

Quando a última trombeta soar, Deus ressuscitará os mortos em Cristo (Rm 8.11,23) e transformará os santos vivos, levando todos ao encontro do Senhor nas alturas (1 Co 15.51,52; 1 Ts 4.16,17). O Espírito Santo já vivifica os nossos corpos mortais agora, mas o fará em plenitude noutra dimensão, no arrebatamento da Igreja (2 Co 3.18; 1 Jo 3.2,3). Glória a Deus!

Conservemos, pois, as verdades pentecostais, conforme está escrito nas Escrituras. Mantenhamo-nos a chama pentecostal acesa! Somente os avivados podem fazer a última oração registrada na Bíblia: “Ora, vem, Senhor Jesus” (Ap 22.20). “Não apagueis o Espírito!” (1 Ts 5.19, ARA).

B I B L I O G R A F I A

BERGSTEN, Eurico. Introdução à Teologia Sistemática. CPAD, Rio de Janeiro.

BOYD, M. Frank & RIGGS, Ralph M. Manual de Paracletologia. Escola Bíblica Bereana, IBP, Rio de Janeiro.

CHAFFER, L.S. Systematic Theology. Dallas Theological Seminary, TX, USA.

GILBERTO, Antonio. O Fruto do Espírito. CPAD, Rio de Janeiro.

HORTON, Stanley M. O Espírito Santo. CPAD, Rio de Janeiro.

_____, Stanley M. Teologia Sistemática. CPAD, Rio de Janeiro.

PEARLMAN, Meyer. Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. Editora Vida, São Paulo.